COELHO NETTO

ÁS QUINTAS

Janeiro de 1921 a Dezembro de 1923

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1924

Tudo que existe tende a perseverar no seu ser, disse Spinosa, formulando, em tal aphorismo, o principio universal da luta pela existencia.

O enfeixe destas chronicas em volume obedece á lei universal enunciada pelo philosopho. O livro resiste mais do que o jornal. Eis porque estes escriptos ephemeros fixam-se nestas paginas como a raizes ou a arestas de rochedos agarram-se os que são arrebatados para o abysmo na correnteza das aguas.

1920.

1921

Vozes mysteriosas

«Um olhar lançado á uma palavra, diz Herzen, basta para que o ouvido reproduza subjectivamente a sensação que provocam as ondas sonoras da voz. Á medida que se lê com os olhos ouve-se interiormente o som das palavras sobre as quaes a vista vai passando.»

Este phenomeno da palavra interior, tão bem estudado por Egger, não se produz apenas diante das palavras, mas em presença de qualquer objecto, desde que nelle haja um pouco de tradição, poeira do tempo.

Essas vozes silentes das coisas que, assim como os atomos, só apparecem quando entram na zona de luz, apenas sôam quando nos penetram nalma, vozes que tanto aprazem aos solitarios e que inspiram os poetas, levantam-se da inercia e falam, e

cantam, umas tristes, outras heroicas; umas alegres, outras lacrimosas.

O que chamamos suggestão é uma especie de encantamento.

Os narradores de historias maravilhosas dizem-nos de arvores canóras, de rochedos supplicantes, de aves que desferem tristes racontos de sortilegios pelos quaes se verifica que são principes em metamorphose, pedindo a misericordia do desencanto que os devolva á primitiva fórma.

Nós tudo levamos á conta de fantasia, porque não attentamos no que nos cerca, passando cégos, surdos, indifferentes pelos mysterios que nos circundam.

Nem todos têm o dom de Parsifal que interpretava o canto dos passarinhos e raros são os que possuem o sentido atilado para ouvir e entender a voz subtil dos seres minimos e das coisas.

Eu, (tomem-me, embora, por cerebrino) muita vez tenho ficado a ouvir pedras e arvores, aguas correntes e até esse borborinho fremente que fazem os insectos na hervagem das campinas ou nos balsedos dos bosques.

Se duas formiguinhas param num trilho de jardim e demoram, um instante, frente a frente, como em conversa segredada, inclino-me curioso a vêr se ouço o que se dizem. Mas, ai! de mim, os meus

ouvidos não apprehendem a voz dos pequeninos, como meus olhos não vêem os seres do microcosmo. Redes para peixe grosso não servem a pesca miuda: as malhas que a uns retêm dão passagem livre de ida e vinda nos outros. Assim os nossos sentidos.

Disse o Poeta no admiravel soneto — *Ouvir estrellas:*

> ...só quem ama póde ter ouvidos
> Capaz de ouvir e entender estrellas.

Para ouvir as coisas e entendê-las é necessario ter a alma tão sensivel que se commova e vibre á impressão mais subtil. O leve effluvio de um perfume, passando-nos pelo olfacto, vai ter ao fundo da memoria operando, como philtro magico, prodigiosas resurreições.

A saudade é um exilio de sombras, uma região lemurica como o pallido e merencoreo paiz cimmerio — quem a visita vê surgirem, d'aqui, d'ali espectros e todos falam como falaram a Ulysses na estancia frigida dos manes as sombras dos seus amigos e parentes.

Visitando, no «Club dos Diarios», a *Exposição de Historia e Arte Retrospectiva da Epoca Monar-*

chica no Brasil tive ensejo de verificar a existencia d'aquillo que os poetas chamam a «alma das coisas.»

Não ha duvida que os objectos impregnam-se do fluido de seus donos. Naquillo com que estivemos em contacto mais intimo fica, para o todo sempre, um pouco de nós mesmos.

Percorrendo vagarosa, curiosamente as varias salas mobiladas e ornamentadas com os remanescentes do Passado detive-me, muita vez, attrahido, não pela belleza d'um ou d'outro movel, téla ou alfaia, mas chamado, em surdina mysteriosa, por vozes como as que se entrecruzam na vereda da montanha encantada por onde, no conto arabe, sóbe á aventura a destemida Princeza Parisada.

E que vozes eram aquellas? De onde provinham? Que feiticeiro as tinha ali captivas como as que, no conto, surdiam dos penhascos?

De uma liteira partiu um cicio, voz medrosa de amor em timbre tremulo, voz de alguma açafata que, timidamente, cochichava a alguem, fidalgo, sem duvida, que, afrontando riscos, se adiantara a pedir a palavra de salvação ou de morte. Logo adiante outra voz auctoritaria, imperativa, voz de senhor severo; e tantas outras, tantas em borborinho confuso e tinir d'armas, sons de instrumentos, risos, galanteios, cantares e queixumes...

Emquanto por ali andei, como dentro de um sonho, vivi como Ulysses entre sombras de mortos, sombras que falavam como as que enxameam em volta do heroe errante na XI Rhapsodia da *Odysséa*.

20 de Janeiro.

A gruta da Imprensa

Discorria certo philosopho sobre o homem quando, referindo-se ao instincto de ferocidade, nelle latente como o fogo no amago da rocha, alguem o contrariou. Sem responder directamente ás razões que lhe oppunham disse, com suaves palavras:

— Não fosse Deus a propria Omnisciencia, para o qual não ha passado nem futuro, porque a sua pupilla é como um sol fixo entre dois horizontes, e o mundo ha muito estaria em trevas frias porque a obra, sobre todas magnifica, da terceira jornada, já teria sido destruida. Conhecendo, porém, o Senhor o coração humano, ao criar os luzeiros do céu destinados a alumiarem o dia e a attenuarem a escuridão nocturna pô-los tão alto que um dos cherubins ousou observar-lhe, temendo que ficasse prejudicada obra de tanta belleza;

— Senhor, collocaes tão distantes do mundo os astros radiosos que talvez não lhe chegue a claridade com que os vestis.

— Chegará, respondeu tranquillamente o Altissimo, e não soffrerá injuria porque descerá em pura essencia, como a alma. Com o andar dos tempos verás que o que te parece erro prejudicial á vida, é previdente cautela em favor da mesma vida.

E o philosopho concluiu :

— Se os astros não estivessem em taes alturas inaccessiveis já o homem os teria, ha muito, inutilisado, compromettendo o regimen das horas e toda a força fecundadora que mantém e perpetúa a vida, porque elle é, por instincto, perverso, e, quando não acha que destruir, a si mesmo destroe-se com os vicios.

Occorreram-me á lembrança as palavras do pessimista quando li, ha dias, a noticia da brutalidade commettida contra a « Gruta da Imprensa », uma das bellezas da cidade, a mais interessante, sem duvida, da avenida Niemeyer.

Era uma caprichosa construcção do mar. Fizeram-na as vagas trabalhando a rocha como lapidarias. Em tempos mais poeticos aquelle antro

seria consagrado a Poseidon e Proteu faria delle aprisco para o seu rebanho escamoso.

Quem visse aquella immensa lage apoiada a um sóclo natural, acolhendo vagas e resoando soturnamente, á maneira das conchas, as vozes grandes do vento e do oceano, não acreditaria que outro sentimento pudesse despertar na alma de quem quer que a visse, senão o da admiração.

A fórma era a de uma ostra colossal entreaberta, um symbolo marinho posto ali á praia como presente do Mar á Terra.

Não havia naquelle pouso salitrado coisa alguma que ameaçasse a Vida.

Theseu, atacando o monstro neptunino, ao qual fôra exposta Andrómeda, não pensou em destruir o rochedo do sacrificio. Ulysses na gruta de Polyphemo não estragou uma aresta combatendo o cyclope. Tristão, affrontando-se com o Morhout, deixou intactas todas as chanfras da caverna, que as pedras não são culpadas das applicações que dellas faz o homem e tanto se erigem em altar como se levantam em forca.

Na «Gruta da Imprensa» só havia encanto.

As moradoras d'aquelle diversorio eram as vagas brincalhonas que ali rolavam cantando com grinaldas de espumas como as nixes, filhas do Rheno, no poema wagneriano.

Emquanto aquillo foi deserto, conhecido apenas do homem simples, amigo da natureza, a gruta nada soffreu, e os que nella se acolhiam respeitavam-na como se fôra um templo consagrado aos deuses do mar.

A Civilisação rompeu caminho até o sitio formoso, descobriu a maravilha, cercou-a de conforto e offereceu-a aos que fazem a apologia da Belleza e defendem os adornos da cidade.

Mas a Civilisação, correndo como Atalanta, vai sendo seguida de perto por um Hippomenes vermelho que, em vez de lançar frutos de ouro para distrahir a corredora, como fazia o grego, atira bombas de dynamite a torto e a direito.

E esse Hippomenes é o Terror, que se annuncia como o Messias das gentes, que vem estabelecer a Ordem no mundo e firmar a Harmonia.

De tal sementeira a mésse ha de ser fresca, não ha duvida.

. . . . . .

E houve ainda uma voz que contrariou o philosopho.

Ai! dos luzeiros do céu se não estivessem nas alturas inaccessiveis em que os collocou o Senhor.

10 de Fevereiro.

O meu candidato

Eschylo, comparecendo perante o Areópago, teria sido inevitavelmente condemnado por crime de impiedade se Amynias, seu cunhado, precipitando-se, de onde se achava, entre os assistentes, não lhe houvesse rasgado a tunica mostrando aos juizes e ao povo, além do braço mutilado, as cicatrizes refranzidas no busto do que se batera contra o persa nas batalhas de terra e mar que decidiram da sorte do mundo grego.

Aquellas bocas das feridas, posto que fechadas, falaram com tanta e tão alta eloquencia que, contra ellas, não prevalecerem intrigas nem razões capciosas de delatores invejosos.

Assim, mais valem sempre as provas vivas do que as palavras sonoras, que podem ser embusteiras.

Promessas, as mais das vezes, são projecções de lanternas do interesse e tanto encontram o que buscam como logo se apagam ou voltam o clarão para outro ponto.

Melhor, diz o povo, é um toma do que dois te darei.

Estamos em sazão de dares. Quantos, por ahi, sobraçando cornucopias, a offerecerem o que têm e o que não têm! Dêm-lhes o que pedem e verão como se muda instantaneamente a offerta e, em vez do lado das graças, virá o da ponta ferindo sem piedade aos mesmos que, momentos antes, alliciara com lisonja e engodo.

Ha, todavia, entre os candidatos um que não precisa dizer a que vem nem o que fará porque, todos lhe conhecem o genio, o espirito de inicativa; todos o sabem homem de acção, tão ousado nos emprehendimentos quão fervoroso no patriotismo.

Se lançou circular, não sei, porque não perco tempo em taes leituras, menos interessantes, como mentiras, do que os contos de fadas.

O que sei, porque vejo e todos os que têm olhos vêm commigo, é o que elle tem feito desde que sahiu dos bancos de Polytechnica para a vida prodigiosa em volta da qual, em breve, se formará uma aureola de lenda.

Onde começou elle a mostrar-se ao povo? Em

que manifesto? em que comicio? dentro de que partido? com que programma?

Começou nas montanhas, sangrando-as nas arterias dos rios para, em seis dias, prazo da criação, realisar o milagre de dar á cidade sedenta a agua que lhe inundou, a jorros de catadupas, os reservatorios que estalavam, seccos. Depois — é seguir-lhe os trabalhos.

É vê-lo estendendo trilhos pelos sertões, atravez de montanhas, por sobre rios, rompendo selvas para levar vida aos desertos, semear cidades, criar industrias, transformando em nucleos de actividade o que era solidão e maninho.

É vê-lo preparando em aulas gerações e gerações de engenheiros, animando emprezas com o prestigio do seu nome e com o ardor do seu enthusiasmo, dando trabalho a milhares de operarios. Por fim, arremettendo contra a construcção enfesada e sordida dos tempos coloniaes, destruindo-a, arrazando-a, indifferente á grita carrança e avara dos que se alapardavam em lócas e estufilhas, accumulando a fortuna azinhavrada em pés de meias, para desafogar a cidade com a avenida, que foi um exemplo logo imitado, com o qual se vai, dia a dia, tornando digna da natureza olympica que a cerca, e que é o seu escrinio, a joia em que vivemos.

E, não contente com haver transformado um

entulho de casario achaparrado na maravilha de que hoje nos orgulhamos, ainda entrou afoitamente pelo mar, tomando-lhe as praias e substituindo o verde da onda pela verdura dos grammados e pelo florido dos jardins, cingindo a cidade com um cinto de belleza.

A circular do candidato ahi está, não em palavras, em obras — é a Cidade, não só a do perimetro central como a que se dilata pelos suburbios, a que vai pelos montes e que se aconchega nos valles, toda ella, desde a orla littoranea até a ultima roça do Districto. E esse homem, que deu ao mundo a prova cabal e altiva da capacidade do brasileiro; esse homem que, com o seu incançavel esforço, defende toda uma raça do labeu de inerte e lerda com que tantos a têm querido desmoralisar; esse homem que, se assume a direcção de um trabalho, faz-se ubiquo como a luz; esse homem, acção; esse homem, energia; esse homem, vontade; esse que se apresenta a disputar nas urnas uma cadeira no Senado, é Paulo de Frontin.

A cidade, que tanto lhe deve, proceda como fôr de justiça. Sua alma, sua palma. O meu voto aqui fica a descoberto para que este, ao menos, na apuração... não desappareça.

17 de Fevereiro.

O soldado desconhecido

As Patrias renovam a grande scena do campo da batalha tragica em que se empenharam os sete chefes diante de Thebas e, cada uma dellas, revestindo a tunica de Antigona, rebusca entre os mortos da grande guerra um cadaver para enterrar.

Ha, porém, uma differença entre o acto piedoso das Nações no giro funebre em que andam e a desobediencia abnegada com que a princeza sombria, praticando corajosamente a religião da sepultura, incorreu na sentença de morte proclamada no decreto de Creon.

Antigona, respigando na mortualha, examinava attentamente os cadaveres, verificando-lhes as feições á luz dos relampagos com que os deuses a auxiliavam na obra misericordiosa, porque só a um, um só entre tantos, procurava, e esse era o do seu irmão Polynice, o rebelde.

As Nações não escolhem, não têm preferencias, buscam apenas no morto um distinctivo que lhe assignale a origem e, tanto que o descobrem, tomam-no a si e, desde logo, aquelle despojo anonymo da Morte, transfigurado em symbolo, é inscripto na acta da cerimonia sublime com o nome de um Povo, o Povo martyr, esse «Ninguem» que é tudo, esse tumulto que entra na Historia dissolvido em heroismo, como o sal no oceano.

Essa glorificação do soldado desconhecido, cerimonia que agora, por sua vez, celebra o velho Portugal, o ninho de heróes que, desde a éra obscura da dominação arrogante do romano, repellido a funda e baculo pelos cerdosos companheiros de Viriato, por toda a Idade Media batalhadora e principalmente ao clarão da Renascença, nos dias aventurosos das expedições atrevidas, tantos espalhou por terras e mares novos, é de tão magnifica belleza que o mundo, no afan ambicioso em que se agita, indifferente a tudo que não sôe em ouro, detem-se commovido à passagem desses corpos tão desconhecidos na morte como o foram na vida.

Além da homenagem prestada pelas Nações belligerantes ao seu Povo com a apotheose posthuma ao soldado «Ninguem», ha nesse culto um consolo poetico para todas as mãis e todas as esposas

que perderam filhos ou maridos na guerra e que não sabem os sitios em que cahiram e de onde lhes mandaram o ultimo pensamento.

Catulle Mendés, em um dos seus mais formosos poemas, disse que o Senhor, para formar o Homem, tomou um punhado de terra de cada um dos quatro pontos cardeaes, procedendo assim para que, onde quer que a morte prostrasse o adamita, elle sempre encontrasse o girão materno para repousar a cabeça e dormir.

Esse soldado desconhecido, que entra a terra portuguesa representando o Povo luso, passará ante os olhos das mulheres de luto como uma urna recolhendo lagrimas.

Todas poderão vêr nelle o que perderam — o sem nome terá todos os nomes; o desconhecido será o amado de todos; o anonymo será a multidão, um symbolo como a bandeira, que tambem é nada e é tudo.

E que monumento mais significativo e mais verdadeiro poderia, cada uma das Nações guerreiras, erigir em memoria do seu Povo do que esse, constituido de um bocado desse mesmo Povo?

O bronze é metal, o marmore é pedra, e quem nelles afeiçôa a figura é o estatuario. O soldado desconhecido é corpo, plasma divino em terra, foi o sacrario de uma alma, latejou nelle um coração

cheio de amor patriotico, amor tão grande que supplantou todos os outros amores, levando-o a morrer por elle em terra alheia, só porque para terra tal, ao appello de outros que se ajuntavam, em enxame, em volta da Humanidade, seguira a bandeira do seu Portugal, tão pequenino na geographia e tão grande em projecção na Historia.

Povo, eis a tua gloria. Has de ser sempre o « desconhecido », *tanto na guerra, como na paz*; has-de ser sempre o « Ninguem ».

És como o espaço — a immensidade sem nome, cheia de astros, de onde desce a noite criadora, onde se abrem as alvoradas de ouro e onde, no fundo, além ! assiste um eterno mysterio indecifravel.

31 de Abril.

Philologia Manzoniana

O estudo da «arte» de um grande escriptor, desses que marcam época nas litteraturas, é tarefa difficil que só deve ser tentada por quem conheça, palmo a palmo, o terreno em que a tenha de fazer.

Emprehendimento tão arduo acaba de realisar, com exito brilhante, o Dr. Octavio Augusto Inglês de Souza no substancioso estudo que tem o titulo de *Philologia Manzoniana.*

Terreno, disse eu, quando devera ter dito idioma; fi-lo, porém, mui de proposito porque, em verdade, nada se parece tanto com a terra como a lingua.

Ambas são areas de cultura, uma, no espaço; outra, no tempo; uma, gerando a lavoura de que se nutre o corpo; outra, produzindo a seara de que

se alimenta o espirito e, em ambas, florestas e montanhas: de arvoredos e alcandores ou de tradições e poemas.

Tratos soffrem ambas e não sei se a terra, quando a grangêam, padece tantos tormentos como a lingua quando nella trabalha um escriptor escrupuloso e exigente, desses que se não satisfazem senão com o termo proprio e volvem, revolvem, joeiram, tamizam as palavras antes de as aproveitarem para o plantio do pensamento.

O cavão revira o alfobre, arregôa-o com o arado, destorrôa-o e ainda o levanta á enxada, areja-o, afôfa-o até torná-lo macio para receber e agasalhar a semente e, tanto penetra o solo com a enxada, tanto recava, que chega a profundezas, onde jazem em pousio terras velhas que, em tempo, estiveram á superficie, ao sol, ao luar, ás chuvas e ás orvalhadas, na vida, emfim, amadurecendo as messes que fazem de ouro o outono.

Assim, vocabulos que tiveram dias de gloria em poemas e em primores de eloquencia, cahidos em desuso, aquietaram-se como mortos nas camadas profundas do archaismo. Eis, porém, que um escriptor, revolvendo o lexicon, trá-los a flux e tanto basta para que se reintegrem na linguagem dando, de novo, corpo á idéa e reflorindo em rimas, como a terra que exsurge, recebendo a sementeira,

logo a fecunda e toda se cobre de verdura prospera.

Octavio Augusto, nesse trabalho de erudição com o qual, tão bem apparelhado, vai disputar, em concurso, a cadeira de italiano do Collegio Pedro II, revela-se-nos um conhecedor emerito do terreno em que o Dante construiu a sua *commedia* e Petrarcha semeou o seu jardim de amor florido nos maravilhosos sonetos que exornam a vida e engrinaldam a morte de Madonna Laura.

Pratico no idioma, Octavio Augusto conhece-o desde os primeiros sons, aquelles que, na abbadia de S. Gall provocaram escandalo no veneravel concilio quando emittidos pelo monge humilde de Novara, como nos refere Gunzo e que, parecendo solecismos latinos, eram já a harmoniosa lingua em que havia de traduzir angustias o doloroso Leopardi e transcender em bellezas d'Annunzio, o poeta ethereo, que, durante a guerra, voou sobre os heróes como os deuses na *Iliada*.

Na *Philologia Manzoniana*, estudando a acirrada questão da unidade da lingua italiana, Octavio Augusto analysa, ponto por ponto, o trabalho herculeo do autor do *I promessi sposi*, na revisão que fez para a segunda e definitiva edição litteraria do seu romance, escoimando-o de todos os dizeres e construcções que lhe pareceram sus-

peitos, e substituindo-os por expressões e formas do puro falar toscano, no florentino sonoro que deve ser o padrão do italiano estreme.

O italiano, como é sabido, ramifica-se em dialectos, tantos e tão varios que, para ir de uma cidade a outra, torna-se, ás vezes, necessario tomar interprete. Essa dispersão verbal, que faz da peninsula uma verdadeira Babel, é causa do pouco conhecimento que tem o povo dos seus autores, contentando-se, cada qual, neste ou naquelle ponto, com o poeta da região. Essa diversidade de expressões, diluindo o sentimento, infesta a nacionalidade no que ella tem de essencial, de mais intimo e enfraquece-lhe a litteratura tirando-lhe a cohesão.

A lingua, como elemento estatico ou factor original interno de uma nação, deve soar uma, unica e invariavel em todo o seu territorio, ligando estreitamente as almas. Esse foi o trabalho, o da unificação vernacula, que tentou Manzoni na segunda edição do seu romance, corrigindo-o em todos os lugares onde encontrou eiva, substituindo vocabulos, reconstruindo phrases, submettendo toda a obra a uma pauta, que foi o toscano.

Octavio Augusto acompanha *pari passu* o trabalho formidavel e, em tal estudo, ainda que sem alardo pedante, revela, não só os seus altos conhecimentos philologicos, como a intimidade que tem

com os grandes autores italianos é ainda o apuro do mais requintado gosto esthetico.

Não se trata de uma monographia decalcada, como não raro succede, em obras alheias, de circulação restricta, mas de construcção original, que póde emparelhar com as mais notaveis que têm apparecido na Italia, suscitadas pelas controversias em que litigam os paladinos das duas escolas — a dos puristas e a dos independentes.

O poeta d'*A torrente encadêada* entra na liça saudado, de ante-mão, por mestres, como Piccarolo, o philologo, que, em S. Paulo, se manifestou com tão altos encómios sobre a *Philologia Manzoniana.*

7 de Abril.

O theatro do centenario

THEATRO, na accepção litteral do termo, quer dizer «lugar de onde se olha». Assim os gregos crearam um vocabulo eminente para designar a construcção dyonisiaca, adossada á collina da Acropole em cujo cimo o Parthenão culminava, servindo de pedestal grandioso a Athena augusta, armada e pacifica.

Esse lugar, de onde o povo classico dominava superiormente o espaço e o tempo, era um sitio sagrado, como Eleusis ou Delphos.

Evocados pelo prestigio dos poëtas, desnublando-se das tradições, ali resurgiam os deuses e os heroes legendarios, os fastos gloriosos da raça reponTavam como na terra renascem as sementes das arvores cahidas; as chronicas, destacadas das logographias, tomavam vulto; os homens de outr'ora

levantavam-se da sombra e diante da thymele recapitulavam os feitos que os haviam tornado venerandos.

De tal modo a Patria, ligando-se ao Passado pela Poesia, proseguia unida para o Futuro. O exemplo dos antigos servia de estimulo aos novos e o actor, que interpretava a obra de um tragico ou que vibrava a satyra de um poeta comico, mantinha, como pedia Aristophanes, «a unidade do sentimento grego», ou apontava ao povo os erros que lhe compromettiam a virtude, que lhe dessoravam o vigor, que o levavam á mollicie preparando pela bastardia do individuo a degradação da nacionalidade.

Assim o theatro foi para os gregos verdadeira escola de energia civica.

Toda a cultura de uma nação reflecte-se no seu theatro, que não é só «o lugar de onde se olha» como é tambem o mostruario onde se vê.

É como um littoral de onde, quem nelle chega abrange, em conjunto, todo o progresso de uma raça.

No theatro apura-se o vernaculo mantendo-se-lhe a legitima prosodia, escoimando-se a phrase de todos os vicios que a deturpem, empregando-se os termos proprios e prestigiando-se os modismos do povo, de tanta força expressiva em certas locuções, como provou Victor Hugo na sua famosa defesa do dizer plebeu.

No theatro commenta-se a historia, manifesta-se a vida da collectividade, analysam-se os costumes, exhibem-se caracteres e a poesia original do povo, sempre sincera, enflora aqui, ali as scenas com as suas imagens.

O livro é mais profundo, de penetração mais difficil: para senti-lo é necessario conhecer intimamente o idioma

O theatro expõe-se logo e das suas escaleiras, quem quer que por ellas suba, avista o bastante para julgar o adiantamento de um paiz, vêr como nelle se vive e, de um lance d'olhos, apprehende não só o tumulto das ruas como devassa a intimidade domestica e nella familiarisa-se com as almas, e observa, desde o trajo, as maneiras e as attitudes até as manifestações mais delicadas do sentimento.

Atravez das maiores catastrophes o theatro sempre esteve á tona, até quando o livro, desapparecido em subterraneos ou acorrentado nos mosteiros, escondia-se dos barbaros.

Na Grecia elle resistiu a todos os assaltos. Em Roma, quando os gladiadores attrahiam o povo ao Colyseu e os mimos faziam a delicia da plebe nas callejas, os histriões emigraram com o repertorio antigo, desde as attellanas até as comedias de Plauto, Pacuvio e Terencio e as tragedias de Seneca.

Na Idade-Média, no mais furioso periodo da carnificina barbara, Chilperico arma um tablado em Soissons, entre as tendas dos seus soldados hirsutos, para representar uma comedia de Terencio. No intervallo de uma e outra invasão as naves das basilicas resoam, enchem-se de uma multidão curiosa e ante os altares desenvolvem-se as dramas biblicos e sacramentaes escriptos e desempenhados por frades e monjas, dentre as quaes se destaca a figura de Hroswitha.

Levantam-se palcos nas estalagens, representa-se nas praças, ao ar livre. Bandos de actores viajam de cidade em cidade com as suas frandulagens e, sobre os destroços deixados pela passagem das hordas invasoras, as rodas dos seus carros, feitos á maneira do de Thespis, cavam sulcos como os do arado nas terras de semeadura.

A Renascença amanhece e logo inaugura, com opulencia, a representação de comedias como as que, em Florença, deslumbraram os convivas de Lourenço de Medicis, o Magnifico. E, mais perto de nós, em França, durante a sangueira da revolução, emquanto funccionavam os tribunaes de morte, o theatro distrahia o povo offerecendo-lhe, desde a tragedia como *Carlos IX* de Joseph Chenier, até a opera comica *Madame Angot ou la poissarde parvenue*.

E nós . . . ? Nas vesperas do centenario da nos-

sa independencia, cem annos de vida autonoma em dois regimens, conseguimos apenas ... construir um theatro para o estrangeiro á custa de impostos cobrados ao nacional, mantendo-lhe o fausto xenomaniaco por exações praticadas contra os que lutam pelo restauração do nosso theatro, como sejam pesados tributos sobre as companhias brasileiras e (risum teneatis ?) a coima de dez mil réis por acto de peça que o censor policial (?) (que não tem olhos para aquillo que por elles entra, que são os *films*, alguns delles enxameados de moscas cantharidas) leia, expurgue e lhe ponha o «visto» para que corra na scena.

Como progresso não ha duvida que é mais do que um passo, é toda uma calcurriada, mas como as faziam os MATUYU'S, descriptos pelo poeta:

> De pés virados, marcha avessa e rude,
> Dedos atraz, calcanços para a frente...

21 de Abril.

Reliquias no lixo

O que hontem aqui se publicou com o titulo RELIGIÃO SEM TEMPLO lembrou-me um dos passos mais edificantes de Manoel Bernardes, na *Floresta:* aquelle em que o Padre refere o apophtegma de S. Bonifacio martyr, bispo de Moguncia, que perguntado se era licito consagrar em calice de pau, respondeu: *Antigamente os calices eram de pau e os sacerdoces de ouro; agora os calices são de ouro e os sacerdotes de pau.*

O caso não é propriamente de calice, mas de templo e este será, no meu thema, o velho Instituto de Musica que, se não tinha a grandeza portentosa do que se constróe no terreno da antiga Bibliotheca, possuia mais devoção e nelle a religião da Arte era praticada com fervor pelos que a professavam.

Tambem os primeiros christãos, que se reuniam

em ágapes nas catacumbas, de onde sahiam para o martyrio cantando, ainda escabujavam nas garras dos leões e dos ursos e já choréas d'anjos, que os aureolavam, lhes iam levando as almas para o Paraiso, santificando-as á direita de Deus. Hoje é o que se vê. Roma, com todo o seu prestigio pontifical, só de seculos a seculos, e ainda assim com auxilio das chancellarias, consegue trabalhosamente canonisar algum espirito beato.

O novo palacio ou templo de Euterpe, ainda em obras e já coberto de limo (tal é o aspecto lutulento que lhe dá a tinta com que o alfenaram) como certos infantes que nascem engelhados com o rugoso da velhice, será uma grandeza na exterioridade, como as pyramides, mas os que o penetrarem terão a mesma impressão que estarrece aos que entram nas construcções pharaonicas, onde tudo tresanda a bitume de mumias e só ha sarcophagos e poeira.

No outro tudo era vida, tudo corria para o Ideal. O espirito de Leopoldo Miguez aproveitara sabiamente a casa enchendo-a de riquezas. Quaes eram ellas? Comecemos pelo orgão, que, segundo se disse hontem nesta folha, está desarticulado e em vesperas de ser vendido por não caber no salão preconisado em letras vasadas no frontão do edificio.

Esse instrumento, com ser um dos melhores sahidos das fabricas allemaens, tem uma historia que o torna sagrado.

Instituido, por proposta de Aristides Lobo, ministro do Interior do primeiro governo da Republica, o premio de vinte contos para o autor do Hymno da Proclamação da Republica, que fosse escolhido pelo povo no comicio artistico realisado no Theatro Lyrico, alcançou-o Leopoldo Miguez. Chamado pelo ministro para receber o que, com o seu genio, conquistara, disse o autor de *Saldunes:*

« Tenho o que me basta para viver como vivo e o premio que me offerece a Republica, com mais um pouco que se lhe ajunte, peço seja applicado em beneficio da Arte, adquirindo-se com elle um orgão para o nosso Instituto ».

Aceitou o ministro a generosa offerta do grande musico *(ó tempora..!)* e fez como lhe elle dissera, completando a quantia até o preço do instrumento, que foi escolhido na fabrica por quem entendia da materia e que sahiu do negocio como Pilatos da condemnação de Christo.

O orgão era primoroso e Saint-Saëns, quando nelle executou, teve phrases do mais alto louvor para o instrumento « um dos melhores que encontrara em toda a sua vida artistica ». Pois bem, esse orgão, por seu vulto, era o que, desde logo, se im-

punha aos olhos de quem entrava no antigo Instituto.

Resolvendo-se a construcção do novo edificio, ninguem se lembrou da grande peça historica e a sala, que lá está assignalada com aquellas letras pomposas, ficou tão acaçapada que nella não cabe o que na outra folgava.

É curioso que se faça o estojo menor do que a joia que nelle se ha de guardar.

O caso é que o orgão vai ser vendido, por ser grande e vai-se com elle, além do som melodioso, uma das tradições da casa e . . . da propria Republica.

Mas o tempo é de mediocridades e, para tempo tal, um *harmonium* é bastante.

Terra de desprendimento e de versatilidade! Aqui não ha idéa que persista nem tradição que perdure. Vivemos entre ephemeros, na republica da volubilidade: tudo passa, porque não se enraiza. O passado é como a cinza que se lança aos ares.

Que é feito do pequeno museu de instrumentos organisado por Miguez? uns desfazem-se em pó, outros são comidos pelo mugre e pela ferrugem, como tambem os apparelhos do gabinete de acustica. Os pianos emperram, as madeiras estalam, os metaes azinhavram-se, as cordas rebentam. Que

restará do Instituto ? o salão de concertos e lá dentro . . .

E é com indifferença tal pelo que temos de tradicional que havemos de plantar no coração do Povo o sentimento civico. Pois sim !

Antigamente os calices eram de pau e os sacerdotes de ouro ; agora . . .

28 de Abril.

L'ouragan

> Nous sommes perdus, si nous ne nous hâtons de mettre le grand art au service des grandes réformes sociales et des grandes espérances de l'âme.
>
> A. DUMAS FILS.

A terra ainda se não refez das feridas com que profundamente a golpearam durante os annos terriveis da Guerra Grande. O lavrador, de regresso ao doce trabalho arvense, guiando o arado, sente-o estacar a subitas, com a relha a ranger no solo duro. Deixa a rabiça para verificar a causa do empeço e dá com um obuz fincado no terreno, quando se lhe não depara mais sinistro achado : todo um esqueleto, por exemplo, amortalhado em molambos de farda.

São os residuos da catastrophe que sobem á tona e, durante muito tempo ainda, as safras virão nutridas de sangue, crescendo sobre estilhaços e ossadas e muita semente perecerá esmarrida, por ter cahido, não em torrão fecundo, mas em aceiro

bellico, que se entranhou onde só devêra penetrar o germen produtor das messes.

Assim como as lavouras ainda se não restabeleceram na ordem regida pelas estações, porque os campos pedem, antes do grangeio, joeira que os alimpe da praga subterranea que os esterilisa e pollúe — ferros e ossos — assim os corações, ainda ferventes do odio que nelles se accendeu e os cerebros ainda agitados pelo turbilhão em que desvariaram não podem serenar no amor que liga fraternalmente os homens e estabelece a harmonia entre elles e no pensamento tranquillo de onde ha de sahir a Verdade, denunciando ao Futuro a causa desse crime, o mais tremendo, doloroso e infame commettido contra a Humanidade.

A Arte, como a terra, resente-se do cyclone que passou pela Vida.

Os livros trazem o cunho do tempo — os *ex libris* deflagram, e o que se encontra no romance e na poesia é odio enfuriado, são as ultimas granadas lançadas de uma a outra fronteira, não mais por soldados, mas pelos que manejam a penna, cujas feridas, como as dos dardos de Hercules ou as da lança de Montsalvat, não cicatrisam jámais.

Em tal litteratura rubra têm apparecido obras formidaveis, ainda que desordenadas, nenhuma, porém, pode ser comparada a esse livro *L'oura-*

gan, que explodiu ultimamente em Paris lançado por um dos que combateram na guerra e que, agora, é voluntario alistado nas fileiras da Paz: Florian Parmentier.

Barbusse deu-nos em *Le feu* uma epopéa francesa na qual, de longe em longe, em flammejo instantaneo, um clarão maior nos mostra a Humanidade. Parmentier deu-nos o libello do Homem contra a Guerra, livro apocalytico, poema evangelico cheio da justa indignação do Espirito contra os incitadores do assassinio em massa, magarefes que arrebanham as nações e açulam-nas uma contra outra em nome do que chamam «Patriotismo», palavra magica com que transformam em ouro o sangue e as lagrimas dos humildes.

São elles que mantêm a discordia como se ajunta nas tulhas a sementeira para novas semeaduras; são elles os plantadores de odio que instigam esse grande ingenuo — o Povo. São elles os responsaveis de todos os excidios e de todas as infamias; elles que atiram exercitos contra exercitos, esquadras contra esquadras; elles os que arrazam os campos, incendeiam cidades, varejam lares, rausam virgens, orfanam crianças, desrespeitam a velhice, maltratam mulheres, profanam altares.

Foram elles que tudo fizeram e, agora, emquanto os coveiros enterram ossadas dispersas, varrendo

o resto do lixo humano para as vallas, e os pedreiros reconstroem sobre as ruinas, os lavradores tornam ás leiras, os pastores reunem os gados e as fabricas reaccendem as suas fornalhas para a restauração do trabalho pacifico nas cidades e nos campos manchados de luto, elles, sorrindo satisfeitos, sommam os lucros das grandes batalhas empilhando moedas sobre sangue e ruinas.

Parmentier, em um dos capitulos de *L'ouragan*, dá-nos, sob o titulo «*O que vai morrer não vos inveja*» a maldição da guerra escripta a sangue por um moribundo. É um epicedio heroico no qual a Verdade radiosa apparece. Diz o que vasqueja:

«Não, não é verdade que as guerras deflagram de repente. Não é verdade que nós, homens livres, fazemos acto de dignidade tornando-nos cumplices de um crime. Ha homens atrozes cujo interesse é mais poderoso do que o dos povos; ha monstros formidaveis de crueldade que preparam, entretêm, adormecem e despertam á vontade as causas de odio entre os povos. E é por isto que eu vou morrer... por isto.

Ha tres annos, tres seculos que ando na guerra sem saber porque. Eu tinha os olhos empannados por milhares de annos de erro. Desde, porém, que a morte se infiltrou em meu sangue uma implaca-

vel lucidez substituiu a minha cegueira. E eis que com a Morte entrou em mim a intuição da Verdade. As fibras da minha carne tremem com a palpitação de não sei que, grande de mais para mim, maior que o Universo, que me assalta o coração, e nelle se abysma, sem que eu saiba o que é nem de onde vem. Sinto que me torno immenso, que pairo acima da guerra, acima do mundo, acima de tudo que vive e de tudo que morre. Sinto que sou a Consciencia do Humano . . . »

E adiante:

«Tu morres por tua patria, dizem-me as vozes da mentira. Mas a patria são as cidadãos; a patria é cada um de nós, a patria sou eu . . . e eu morro!

Não ha duvida que elles querem dizer que são tambem a patria e que é por elles que eu devo morrer, por elles que não estão na guerra, mas que a conduzem e prolongam. Elles são o poder do Dinheiro, a omnipotencia do Roubo.

Os ladrões de um paiz sentem-se ameaçados pelos bandidos de outro. E os povos, eternos illudidos, entregam generosamente as suas vidas para defender o saqueio de alguns patifes de marca, agaloados de ouro.

André Felix Pimoran, rejubila! Tu és o homem de prol de um mysterioso chefe de quadrilha . . . e vais morrer pela patria . . . »

Todo o livro afina por este tom de revolta contra os exploradores da Consciencia Humana, esses manipuladores de ouro que, por um agio melhor, seriam capazes de destruir o sol, se lhe pudessem chegar á orbita com os calculos infames da sua insaciavel usura.

5 de Maio.

O Trianon

De uma gloria — e essa ninguem, de certo, lhe contestará — póde, desde agora, orgulhar-se Leopoldo Fróes : a de haver criado o pequeno theatro onde renasceu a comedia brasileira.

A semente de tal planta, suffocada pela exuberancia bravia do carrascal de revistas, burletas e quejandas moxinifadas, parecia morta quando o autor a recolheu trazendo-a para o ar livre e a luz.

Entanguida, mirrada, ninguem a'diria capaz de rebentar e espalhada a noticia de que Leopoldo Fróes ia tentar a ousada experiencia riram-se os scepticos e alguns, compadecidos, lastimaram o que tinham por loucura de consequencias desastrosas.

Não se arriscou o actor a grandes aventuras:

podendo installar-se em theatro de lotação numerosa, contentou-se com um pequeno recinto, preferindo, na tentativa tão mal vaticinada, em vez de canteiro, um vaso, com o que, além da menor responsabilidade, teria sempre a planta á vista para cuidá-la carinhosamente.

Quando inaugurou o Trianon, os incredulos pasmaram porque não contavam que elle conseguisse realisar o que promettera.

O publico affluiu ao theatro, curioso de vêr o milagre do fakir que fizera medrar a semente esmarrida, e tanto se agradou da primeira flôr que, desde então, annunciada nova florecencia, era certa a enchente.

Hoje, com a planta robusta, de raizes fortes e fronde larga, ei-lo em terreno amplo e não se estranhará que, amanhan, onde apenas florecia a comedia ligeira, se ostente toda uma litteratura dramatica com os varios generos que nella vicejam.

Aquelle que, á maneira do que fez o alegre Nicolas Brazier na interessante resenha intitulada, «*Chronique des petits theâtres de Paris*», quizer registar os esforços que se tentaram pelo resurgimento do nosso theatro, terá, por justiça, de consagrar um capitulo copioso á obra energica e decidida de Leopoldo Fróes que, sem o mais leve

esmorecimento, na pequenina caixa do Trianon, conseguiu realisar o «impossivel» mantendo um theatro nacional sem os recursos indecorosos com que nas barracas das feiras os saltimbancos attrahem multidões basbaques.

E a campanha victoriosa de arte e de patriotismo, não só o tornou credor da estima de todos quantos prezam sinceramente as letras como até *(mirabile dictu!)* o enriqueceu com honra.

Com o desenvolvimento da planta tornou-se-lhe o vaso insufficiente e as raizes o estalariam se o cultivador não a mudasse, em tempo, para o terreno amplo em que vai prodigiosamente prosperando. E o Trianon, vasio, voltou ao que fôra primitivamente. Mas o publico, que nelle se habituara a vêr a planta viva, com flores naturaes, não supportou as flores de panno do cinema, que lhe deram depois: bellas, mas sem a vida da palavra, e desertou em massa.

Fazia pena vêr aquella casa, dantes tão numerosa desde a tarde até horas altas da noite, silenciosa e erma como capella de cemiterio.

Felizmente, porém, dois homens de coragem e experientes em coisas de theatro: Viriato Corrêa e Oduvaldo Vianna, encontrando um terceiro de animo atrevido, resolveram fundar uma empreza para replantar a comedia no mesmo terreno em

que ella resurgira. A muda ha de pegar de galho, como se diz em linguagem de jardineiro e as flores virão formosas, porque a terra é propicia e os que nella se vão fixar, sobre entenderem do officio como poucos e possuirem os melhores elementos, vão dispostos a trabalhar com afinco empenhando em tal esforço mais do que o interesse, os proprios nomes.

No elenco, do qual faz parte Abigail Maia, ha figuras de verdadeiro valor e muito da sympathia do publico e a peça de estrêa traz no frontespicio o nome de um dos mais brilhantes escriptores da nova geração: Ribeiro Couto.

Estou certo de que o Trianon, que teve o seu pousio, verá, na proxima noite de 25 do corrente, reapparecer o publico que o abandonou, não por elle, mas pelo que nelle puzeram.

E assim, graças á iniciativa particular, vai-se restaurando o nosso theatro, sahindo daquella casa pequenina, que é como um seminario onde se geram os germens que se hão de espalhar por todo o Brasil.

O dia 25 de maio será de festa para as nossas letras.

19 de Maio.

Machado de Assis

A prova absoluta de que a alma existe e é eterna e infinita é a capacidade com que ella tudo abrange no espaço e no tempo, contendo e conservando em si quanto apprehenda.

Os olhos estacam nos horizontes, a mais tenue bruma é-lhes empeço á visão. Para a alma não ha fronteiras nem sombras, não ha passado e se o futuro se lhe não desvenda é porque nelle, como á entrada do Paraiso, ha um anjo invisivel, de guarda, rasgando, com a sua espada fúlgura, o mysterio da vida, noite a noite, como quem volta, uma a uma, as paginas de um livro hermetico.

Dentro dalma cabe todo o Cosmos: a terra com os seus oceanos e continentes, o espaço com os seus astros, o tempo com os seus seculos e, mais ainda: **Deus, na Fé.**

Nós trazemos comnosco, na memoria, todas as regiões que percorremos e o que nellas vimos, gozamos e soffremos, os monumentos e as multidões e destas destacamos figuras numerosas que nos impressionaram pela belleza, pela energia, pela bondade ou pelo genio.

Para que resurjam da inercia e caminhem basta que as recordemos.

Em nós, como no Paraiso celestial, os mortos não entram senão em essencia, desencarnados, em puro espirito; é só evocá-los com o pensamento para que logo nos appareçam e assim os temos sempre presentes, sentindo-os, amando-os como se não os houvessemos perdido.

Se os individuos se prendem ao espirito daquelles com quem mais intimamente conviveram trazendo-os á vida com o prestigio da memoria que é, no dizer formoso do poeta «a presença dos ausentes», convem que haja para os povos, afim de que nelles perdure a solidariedade, que é a força das raças, uma memoria commum, patrimonial, que os una no mesmo culto, como uma religião.

Os elos de tal cadeia historica são os heróes, como os da Fé são os santos.

O egypto inverteu o culto: em vez de trazer a memoria da vida á tona soterrou-a. Emquanto a Grecia no livro e no marmore conservava, para

transmitti-la á Posteridade, a obra e a imagem dos criadores da sua gloria, o Egypto, nas officinas funeraes da Memnonia, embalsamava, enfaixava mumias e hoje a Sciencia, para estudar o passado na terra pharaonica, em vez de caminhar maravilhadamente ao sol, indo de extase em extase, como foi Renan, que fez com a sua admiração de artista aquelle hymno oracional diante da Acropole, terá de proceder como a hyena, profanadora de tumulos — invadindo hypogeus e revolvendo sarcophagos.

O povo precisa ter presentes os vultos dos seus heróes, que são guias como as estrellas. Vendo-os, irá pelo caminho que elles traçaram, como quem segue pela esteira de um clarão. E assim os mortos continuarão a trabalhar na vida pela gloria da terra de que se geraram e á qual reverteram no giro da perpetuidade, estimulando, com o exemplo do que fizeram, as gerações que por elles passarem como as arvores que margeam os rios reflectem nas aguas a sua força e belleza.

A Academia Brasileira acaba de lançar um appello ao Brasil para que, por subscripção nacional, desde o obulo do mais pobre até a generosidade do millionario, seja erigido o monumento, que se

deve, por justiça e honra, à gloria de Machado de Assis.

Heróe do Povo, sahido da humildade anonyma, cresceu lentamente vencendo a penuria, o preconceito e até a enfermidade, impondo-se a todos como o maior do seu tempo e o mais admiravel.

Não cabe aqui o seu louvor, que já transborda de volumes, nem eu sahi para repetir vozes correntes, senão para pedir aos brasileiros um gesto de patriotismo.

A Academia, disseram, com a fortuna que herdou podia, sem sacrificio, custear a obra que propõe, mas . . .

Quando os athenienses, alarmados com as grandes sommas empregadas no embellezamento da sua cidade, entraram a murmurar contra Pericles, que, então, acompanhava a obra de Phidias no Parthenão, o grande republico, descendo á ágora, falou aos amotinados:

— Athenienses, empregando o dinheiro do erario na construcção do templo da protectora da cidade, eu quiz que fosse o Povo que lh'o offerecesse e ia mandar gravar no frontão a dedicatoria que perpetuasse o vosso sentimento. Bradais, porém, contra o que sempre me pareceu justiça. Vou corrigir o meu acto. Custearei do meu bolso toda a obra, em vez, porém, da inscripção em que todos

vós entraveis, porei esta: «A Pallas Atheneia, para sua gloria, Pericles mandou erigir».

A grita estrondou e logo protestos:

— Não! Que fique como estava e faze como entenderes. A deusa deve ser glorificada pelo Povo.

A Academia, diante de tal exemplo, fez o que devia.

26 de Maio.

Figuras antigas

Se o tempo é tão escasso para a Vida porque ainda o havemos de desperdiçar com a Morte ?

Os poetas caminham d'olhos altos, procurando divisar o futuro no infinito dos tempos e cantam as esperanças do mundo, como as aves galream de madrugada, annunciando o dia.

Os historiadores não sahem dos cemiterios e, d'olhos baixos, as mãos estendidas prestigiosamente sobre os tumulos, evocam o espirito dos mortos, como os nigromantes.

Que utilidade trazem elles ao mundo, enchendo-o de fantasmas ? Que lucra a Vida com as apparições que por ella transitam attrahidas do Além por esses revolvedores de sepulcros ?

Respondam por nós as florestas mortas que, depois de millenios de enterro, tornam á flôr do solo

negras, como tisnadas pela tréva da Eternidade, e, em vez de flores e frutos dão claridade e força, combatem a escuridão e activam o progresso, como se devolvam o sol que concentraram no cerne emquanto viveram e a energia agitada dos ventos que lhes estortegavam os ramos e lhes abalavam o tronco firmado em raizes poderosas.

É assim que as florestas mortas collaboram com a Vida illuminando-a e movimentando-a.

Mais util do que o trabalho dos mineiros que nos trazem a hulha das profundezas chtonianas é, sem duvida, o dos historiadores que se aprofundam no Tempo, descem a millenios no passado e trazem á flôr dos dias os factos, os exemplos dos heróes que se abrem em luz e se tornam força, guiando e robustecendo as novas gerações.

O culto da Historia não tem ainda, entre nós, muitos devotos. Povo infante, mal amanhecido na Vida, tendo muito que vêr diante dos olhos, com horizontes largos e profundos ainda por devassar, não nos preoccupamos com o que passou, interessando-nos apenas com o que ha de vir. Assim caminhamos sobre a terra sagrada da morte indifferentes aos thesouros das suas jazidas.

De quando em quando, porém, alguem detem-se e, diante de um facto, quéda como o caminhante que estaça na trilha descobrindo no terreno pa-

lhetas de ouro, logo dispondo-se a minerar a riqueza annunciada.

Um dos mais curiosos pesquisadores de taes divicias subterraneas e que, pacientemente, as explora, extrahindo-as a pouco e pouco para o patrimonio da Patria, é Arthur de Cerqueira Mendes.

A mina que se lhe deparou e na qual vai elle, com vagar, tomando preciosas piscas é a chronica paulistana.

Veeiro inesgottavel, onde poderão trabalhar turmas e turmas de historiadores que nelle sempre hão de encontrar assumptos preciosos, não o quiz Arthur Mendes recavar profundamente e, contentando-se com o que acha á tona, vai fixando em monographias de valor, a vida exemplar dos varões de outr'ora, os esforçados constructores da fortuna e da gloria paulistanas. A ambição do faiscador não é das que desvairam — tomando aqui, ali um typo de virtude, um heróe, traça-lhe a biographia, fazendo-o apparecer no tempo e no meio em que viveu com o que, além do estudo da individualidade, da analyse do caracter varonil, dá-nos aspectos interessantes de antigas cidades dessa terra que é hoje o mais bello padrão da nossa grandeza, o mostruario maravilhoso da fecundidade do nosso solo e o exemplo da energia de um povo que se não preoccupa com as ninharias da politica-

gem, trabalhando contente e grande e feracissimo alfôbre rubro, como se por elle circule um sangue forte, que reçuma de todos os cantos, transformando-se, ao sol, em flôr e fruto.

As figuras antigas, serie de biographias, das quaes a ultima é a de *Delphino Cintra*, constituem um subsidio precioso para a futura Historia de S. Paulo.

Arthur Mendes não quiz construir o Pantheon contentando-se com afeiçoar algumas figuras para as suas galerias. Essas, porém, como as de Fernandes da Cunha, de Monte Carmello, de João Chrispiniano Soares e outras tem-nas elle tratado com tal carinho que nos parecem vivas e os seus exemplos rebrilham. Em tal labor paciente vai Arthur de Cerqueira Mendes prestando alto serviço á Historia — é o rebuscador de pepitas, que reune o ouro para a construcção da obra futura.

Postado a um canto, á beira da corrente dos tempos, não o excita a cupidez da abundancia, contenta-se com o que lhe cabe na bateia e assim, pouco a pouco, em monographias perfeitas, vai ajuntando o que recolhe do Passado, que será, em breve, precioso thesouro do qual se ha de valer aquelle que se sentir com animo e força bastante para construir a Historia de S. Paulo, toda de heroismo e de grandeza.

Fizessem outros, por este immenso Brasil mysterioso, o que tão carinhosa e patrioticamente está fazendo em S. Paulo Arthur Mendes e não andariamos ás apalpadellas como andamos dentro da nossa propria Historia.

As figuras irrompem da penna do escriptor, como estatuas que surgem do cinzel de um artista. Venha o monumento e já achará quem o povôe.

23 de Junho.

O titan

No formoso artigo *A aurora de Castro Alves* com que, hontem, n'*O Imparcial*, Ronald de Carvalho acompanhou a Academia na commemoração do cincoentenario do grandiloquo poeta d'*Os Escravos* ha a confirmação, brilhantemente feita, da doutrina esthetica formulada por Alcides Maya e preconisada por Carlos Maül com a denominação, de todo o ponto justa, de *Titanismo*.

Diz Ronald de Carvalho:

«Diante da nossa Natureza, para não ficar diminuido como o encontrou Buckle, o homem procura sobrelevar-se a si mesmo, attingir a mais alta expressão do seu poder creador. Não podemos ser discretos e sobrios como os gregos. A terra em que pisamos é aclivosa e aspera, e, como a terra, o homem aqui não conhece aquella justa medida tão louvada pelos antigos. Milhões de kilometros qua-

drados se estendem aos nossos pés, centenas de veios d'agua cortam, em todas as direcções, os latifundios immensos do Brasil, as florestas do littoral e os taboleiros do sertão refogem aos calculos da nossa fantasia.

Temos, portanto, que dar uma medida de intelligencia e capacidade creadora differente da dos outros povos. A nossa medida quem no-la mostra é a propria terra em que nascemos. »

Entende certa critica de myopes, ou fanaticos, que submette a obra litteraria ao processo estreito e tacanho dos padrões, pretendendo estabelecer parallelos absurdos entre rigidas linhas rectas e curvas caprichosas, que a Arte deve ser vista e traduzida, não de accordo com o temperamento de quem a exercita, dando no verso ou no periodo a expressão sincera da emoção que a gerou, mas segundo a tabulatura official, constrangida em normas fixas de um modelo unico, sem independencia, sem arrojo, sem variedade.

O mesmo seria chapotarmos as florestas, corrigirmos, canalisando-os, todos os rios, desbastarmos das suas arestas todos os penhascos, ensinarmos a todos os passaros um só canto.

Tal monotonia, prégada pelos sectarios da arte por medida, teve condemnação formal na glorificação do poeta grandioso.

Os que combatem a exuberancia não sentem a nossa natureza, vivem fóra do nosso mundo maravilhoso, são espiritos « impermeaveis ».

« L'art, diz Guyau, est une condensation de la realité ; il nous montre toujours la machine humaine sous une plus haute pression. Il cherche a nous representer plus de vie encore quil n'y en a dans la vie vécue par nous. L'art, c'est de la vie concentrée, qui subit dans cette concentration les differences du caractère des génies. Le monde de l'art est toujours de couleur plus éclatante que celui de la vie : l'or et l'écarlate y dominent avec les images sanglantes ou, au contraire, amollissantes, extraordinairement douces. Supposez un univers fabriqué par des papillons, il ne sera peuplé que par des objects de couleur vive, il ne sera éclairé que par des rayons orangés ou rouges ; ainsi font les poètes. »

A verdadeira Arte deve ser poderosa como as lentes que exploram os mundos sideraes. Hat anta profundidade em uma alma como no espaço infinito.

O que consegue para a visão a lente deve realisar a Arte com a suggestão.

A nossa natureza, opulenta e tragica, por mais que se fatiguem os que a tentam descrever, excede sempre as hypérboles, transborda de todas as metaphoras, vai além dos mais atrevidos trópos e taes

grandiosidades querem os ratinhadores que as vejamos por binoculos invertidos que reduzam os caudaes a regos, os formidaveis colossos vegetaes a grammineas, as montanhas a comoros e as almas da nossa gente autochtone, ainda semi-barbara, vivendo em brumas de superstições e lendas, a «psychologias» de compendios.

O que faz de Castro Alves o poeta brasileiro por excellencia é justamente a sua irregularidade grandiosa, a sua indisciplina exúbere. Ha na sua poesia, como nas *çlokas* dos poemas hindús, o desconforme e o gracioso: no cimo alcantilado onde descança a nuvem põe elle uma pequenina flôr.

A sua poesia reçuma seiva, exhala arôma inebriante, arde em sol, enlanguece em luar, é meiga e, subitamente, atrôa procellosa. Sahe-se de uma lyrica e entra-se inopinadamente pelo fragor de um canto épico com a transição violenta com que se tisna o nosso céu azul de nuvens negras e a tempestade rebenta afuzilando raios fulminantes por entre raios de sol e cordas d'agua.

Esse é o poeta titanico, filho da terra, e a sua voz, a sua grande voz, é ouvida pelo povo, que a repete, porque nella sente o rythmo grandioso do coração da Patria.

7 de Julho.

O genio latino

A inauguração do monumento «*Gloria ao genio latino*» que hontem se realisou em Paris firmou em belleza a solidariedade dos filhos do Lacio na campanha formidavel na qual, ainda uma vez, triumpharam dos barbaros.

Roma que, no dizer gracioso de Plinio, «parecia haver sido eleita pelos deuses para dar ao mundo um céu mais sereno, para reunir todos os imperios, aproximar os linguas discordantes e integrar o homem na Humanidade» trazendo comsigo das expedições ás terras rudes tudo que nellas encontrava de aproveitavel: ouro, gemmas, essencias, calambucos, ambar, purpura e ainda o que recolhia nas vozes: tradições de éras immemoriaes, lendas, poemas, cantos lyricos, leis, costumes, fez

com taes páreas de victorias a obra eterna da Civilisação.

Ha nessa construcção perenne, que os seculos constantemente accrescentam de novos beneficios, tudo que o Passado reunira em volta do *habitat* da Humanidade para garantia e agrado da vida, regra do commercio entre os homens e meio de lhes dar ao espirito a impressão da Belleza.

Em taes despojos havia desde as narrativas maravilhosas d'Asia até os barditos sangrentos dos guerreiros hispidos do Norte ; desde o segredo dos magos, que estudavam, nas torres altas, a vida luminosa das estrellas, até os preceitos rusticos relativos á medrança da sementeira e dos rebanhos e, acima de tudo, como uma cupola de esplendor, a esthetica dos gregos, flôr que se desenvolveu no campo sulcado pela charrúa de Romulo e, zelosamente tratada, deu os frutos colhidos na manhan do Renascimento que, desde então, apurados a mais e mais, nutrem a Alma Humana, nella infiltrando, com o sentimento da Belleza, o culto do amor, que é a Bondade.

Tertuliano, referindo-se a essa cultura universal que Roma levava pelo mundo deixando-a, em germen, nos acampamentos dos seus legionarios de onde, mais tarde, surgiram cidades, chamou-lhe : *Romanitas*.

Toda a aspera Europa, desde a brumosa Bretanha, com os seus bardos, até a Hungria hirsuta repisada assoladoramente pelos bravios ginetes hunos, da raça carnivora dos potros de Diomedes, participou das graças do genio latino.

As legiões, avançando com as suas aguias, procediam como lavradores em terras virgens — derrubando selvas, dissecando abafeiras putridas para alargarem geiras, lançavam a sementeira benefica e com a seara do pão, com as ondas verdes do linho, com a vinha e o olivedo que substituiam as brenhas tragicas e os pántanos appareciam as leis novas, os altares sem sangue, os marcos de limites. E o direito punha cobro ás rixas, que, não raro, degeneravam em guerras sanguinosas, e o homem reconhecia no visinho um semelhante, um irmão: guiava-o se o via perdido, agasalhava-o, dividia com elle o pão da ucha, chamava-o para a beira do fogo e, como o mesmo deus os unia pela fé, oravam juntos diante do mesmo simulacro, fosse ainda um idôlo pagão ou já a cruz de Christo, confraternisando na amizade e na crença.

Roma, na ansia de aperfeiçoamento, mandava compradores aos mercados de escravos, feiras dalmas onde, ás veses, appareciam *peças* como Esopo, o corcunda phrygio, não á procura de mulheres iniciadas para o amor nas didascalias lesbicas,

mas em demanda de sabios e pedagogos que viessem instruir a mocidade.

E essa Italia, onde o ensino era considerado uma magistratura, com immunidades e privilegios, tornou-se o centro espiritual do mundo.

E assim Roma, depois de haver dilatado o seu dominio pelas armas, impoz-se pelo genio e se a victoria da força teve o seu occaso com a destruição do imperio, o triumpho luminoso do Pensamento prosegue cada vez mais bello, porque, sendo conquista do espirito, é eterno.

A França, herdeira do «genio latino», continua no Tempo a obra de Roma.

As legiões com que ella conquista são os seus sabios, os seus artistas, os seus poetas e, ainda que se não destaquem em corpo, como o sol não se desprende do céu para trazer claridade e fecundação ao mundo, irradiam nos livros, que vão a toda a parte, como a Luz, espalhando o ideal da Fraternidade Humana.

Voam aos milhares, claros e magnificos, como os anjos annunciadores que, atravez da grande noite messianica, entoaram, em côro harmonioso, o cantico da Esperança:

Gloria a Deus nas Alturas e a paz aos homens na terra.

E essa imagem ideada por Mardrou na figura

de um semeador, é bem o «Genio Latino», ideal perfeito do Pensamento que uma vez floriu na Renascença e que só se abrirá para viver eterno, no altar do templo commum da Humanidade, no dia em que os homens, obedecendo á voz dos anjos, firmarem, para o sempre, a alliança de amor que evitará novos diluvios de sangue e extirpará da terra, até as suas menores raizes, a mandragora vermelha da Ambição.

14 de Julho.

Fantasia

O diluculo manifesta-se em prenuncios alviçareiros.

Bemaventurados os que ante-gozam e annunciam em vozes altas ao mundo tenebroso esse dealbar ha tanto desejado.

Assim como os que acordam cedo, com os primeiros gorgeios das aves, vêm abrir-se no céu o botão da noite desabrochando na flôr de cepalas de purpura e petalas de ouro — o dia, assim tambem os que, reagindo contra a inercia mental e contra a rotina, levantam-se do somno da indifferença, que é a peior das lethargias, e, corajosamente, sahem para a escuridão ou arcano, manto espesso que esconde a Verdade, como a noite envolve o dia, só esses divisam no horizonte as bruxoleios

aureos da manhan sublime que ha de trazer ao mundo a luz perfeita, pacifica e harmoniosa.

Toda a Humanidade espera com ansia essa alvorada, espreita-a por frestas, porque a retem um vexame escrupuloso como se fosse ridiculo apparecer á janella para vêr o raiar da luz.

Inaugurando em 1820 o curso de histologia na Faculdade da Medicina de Lyon, disse o professor A. Policard:

«Aquillo a que, muitas vezes, se dá o nome de tradição não é mais do que preguiça de mudar de habitos, senão incapacidade de ter idéas. É mais facil negar do que comprehender...»

E perorou aos seus alumnos e ouvintes:

«Peço-vos, senhores, que repulseis com energia esse espirito de utilitarismo de visão estreita e rasa.

Não limiteis systhematicamente o vosso horizonte.

Sois jovens, deveis levar a vossa vista ao longe, buscando vêr na distancia clara e profundamente.»

Apezar do conselho de tantos sabios, que hoje se preoccupam com os problemas do Além, ainda são em numero reduzido os que se atrevem a confessar francamente que fazem a madrugada ao tempo, procurando vêr no obscuro os indicios do alvorecimento, as primeiras celagens auroraes.

A massa dissimula-se timidamente, olha por entre as rexas e só abrirá de par em par a janella quando se dissolver a ultima duvida, sombra derradeira do mysterio, e a Verdade resplandecer triumphante, esclarecendo a Consciencia Humana.

Todos pensam como Hamlet, o que viu a «sombra»: «Que ha alguma coisa no céu e na terra á qual não chega a nossa van philosophia», nem todos, porém, têm a coragem de affirmar, como o principe, e menos ainda o animo forte de sahir pela noite a esperar na plataforma de Elsenor a apparição da morte.

Todos sabem que ha uma porta de bronze sellada que se abrirá sobre esplendores á voz do predestinado que conseguir atinar com a palavra do mysterio.

O kerub lá está, inflexivel, á entrada do Paraiso flammejando a sombra com a espada versatil, á espera do Homem audacioso que o desarme e, nessa hora augusta, todo o encantamento divino desapparecerá instantaneo e Deus, reconciliado com a sua criatura, levantará o anathema terrivel, recolhendo na sua Bondade o Maldito, como o senhor das searas e dos rebanhos recebeu contente, á sombra da vinha domestica, o filho prodigo no regresso do soffrimento.

E nesse dia sem crepusculo, nesse dia eterno,

o Homem, de volta á Perfeição, reassumirá na Vida o seu posto de eleito e conhecer-se-á a si mesmo; toda a Natureza, encantada em força hostil desde aquella hora funesta do peccado, tornará ao que era no tempo da serenidade e a lagrima secará para o sempre nos olhos deslumbrados.

Tudo se fará doçura na terra sem espinhos e no céu sem nuvens e só nesse dia, nesse dia que os videntes antevêm longinquo, no nascedouro do Tempo, Ella descerá na luz, risonha e branca, entre leões e corças, com as finas mãos abertas em raios resplandecentes e dirá, desde o Alto, aos homens redimidos, o seu nome sonóro, que é o de um anjo: Paz.

21 de Julho.

Canto heroico de fraternidade

Dos Toltecas primitivos, gigantes povoadores do teu solo, ó Perú ! encontraram os de Hespanha apenas os vestigios.

Taes eram elles, os titans, que os seus tumulos, enfileirados, formaram cordilheiras e, como descendiam do Sol, heliógenos que eram, tinham nas veias um sangue louro e quente que, ainda hoje, de quando em quando, affluindo em erupções dos tumulos profundos, explue em lavas pelas cratéras immensas dos vulcões.

Taes eram elles, os Toltecas primitivos, que se faziam ao mar sem barcos, entrando soberbamente desde a praia até o mais profundo e atravessando o oceano a vau. E as vagas que lhes rasgavam as tunicas attalicas conservam, até hoje, nas es-

pumas, os cadilhos de prata que lhes franjavam a fimbria.

Taes eram elles, os primitivos, que as suas construcções pareceram aos de Hespanha montes e cavernas naturaes. Taes eram elles!

*

Quando sahiam á caça nas florestas ou nas montanhas de cimos de crystal, que refulgiam scintillantemente ao sol, os seus falcoeiros levavam alcandorados no punho, á guisa de nebris ou gerifaltos, condores alipotentes.

As lanças que empunhavam eram apontadas em troncos e as frechas dos seus arcos, que poderiam servir de pontes entre as duas margens dos rios, desciam das alturas trazendo na ponta arestas de estrellas e farrapos de nebulosas.

As portas dos seus templos, ladrilhados de prata e embutidos de gemmas, abriam-se por si mesmas, sonoramente, ao nascer da aurora como o Memnon cantava no deserto quando nelle batia luminoso o primeiro raio do sol nascente.

E ao som melodioso das grandes portas giran-

do nos gonzos começava em toda a terra solar a agitação da vida.

Os sacerdotes omnipotentes sahiam em theorias ao terraço, sacrificavam ao sol na ara e, emquanto o sangue escachoava em rios de purpura fumegante, as virgens bailadeiras circumvoluiam airosamente tangendo frautas e harpas e iam prostrar-se, de rosto em terra e, espalhando os cabellos floridos, formavam um tapete por onde o Inca, descendo do seu throno de ouro, alto como uma collina, encaminhava-se, entre guerreiros e concubinas, para fazer a sua oração ao sol, no altar que flammejava em fogo rogal consumidor das victimas humanas.

Taes eram elles, os primitivos, os Toltecas, filhos do Sol, gigantes de estirpe heroica, constructores cyclopicos de pyramides.

*

O que a Hespanha encontrou á flôr da terra na tradição da gente foi apenas a memoria do passado e nos tumulos profundos os restos dos corpos dos gigantes, a ossatura, que era de ouro, dos primitivos filhos do sol.

Foram despojos taes que, accendendo a cubiça dos conquistadores, fizeram a infelicidade dos descendentes dos Incas, como o ouro do Rheno fez a desgraça dos Niebelungen.

Os seculos de soffrimento foram longos, mas o Deus dos primitivos sahiu pelos filhos dos Toltecas, o sol dos Incas rebrilhou de novo, trazendo a madrugada em que se abriu a «noite triste» descripta por Marmontel e que o genio energico e o patriotismo dos peruanos transformaram na era esplendida que hoje, com elles, festejamos, certos de que, os de agora se hão de fazer maiores do que seus avitos, os formidaveis gigantes da tradição Teltéca.

28 de Julho.

A lição das tempestades

Levanta-se uma nuvem no horizonte e debruça-se no cimo da montanha como espia que lograsse assomar ao alto da muralha. Corre transido arripio pela terra e pelo mar: curvam-se as grammineas sussurrando, retorcem-se as grandes arvores medrosas, encrespam-se em madria as vagas turvas e, ao longe, surdo, o espaço atrôa lugubre.

Outra nuvem, mais tumida e mais negra, ajunta-se á primeira, correm bulcões de varios pontos, abruna-se de todo o céu e o sol esconde-se.

Tudo é negrume tragico: uma abobada de chumbo pesa sobre a vida. Ouvem-se os primeiros trovões como o rodar arremettido da artilharia aerea e, a subitas, o ar inflamma-se, fuzis esgri-

mem na escuridão, relampagos explodem e successivas descargas deflagram retumbantes até que a chuva desaba grossa, rispida, alagando campos, inchando rios, precipitando-se em cachoeiras das montanhas e correndo em caudaes barrentos pelas estradas e ruas da cidade.

É a tempestade, guerra dos elementos superiores contra a terra dos homens; guerra tremenda na qual perecem vidas, aluem construcções, desarreigam-se arvores, dizimam-se rebanhos e o chão fica em nudez miserrima, despido das suas lavouras.

Esvasiadas, porém, as nuvens das aguas que as apojavam, recolhidas á aljava as fréchas fulminantes, curva-se no céu limpo o arco da alliança, o iris, sello da reconciliação, e o azul reabre-se, torna o brilho ao céu e a terra, em vez de se mostrar sentida, como que sahe da peleja mais contente e alliviada e toda desabrocha em flores.

As tempestades não se encarniçam em vinganças, não insistem no martyrio, rebentam explosivamente, mas logo serenam, como se os anjos que as commandam, compadecidos do que fizeram, limpem as alturas das nuvens batalhadoras que as escureciam e dêm mais viçor á terra. E os dias que, então, se abrem são de esplendor maravilhoso, dourando o azul, as montanhas lavadas, as

freseas e verdes campinas, o mar liso e a cidade que parece renovada.

Quão differentes das tempestades são as guerras dos homens: umas terminam pelo esquecimento e trazem em si mesmas o beneficio, como a triaga, que amarga e cura; outras parece que mais se acirram em ferocidade depois que os vencidos se submettem ás condições da paz.

São as florinhas humildes, as boninas dos silvedos as que mais lucram com as tempestades porque, ao sentirem o primeiro raio do sol, logo se abrem tendo ainda engastadas nas corollas gottas limpidas da chuva.

E nas guerras dos homens? Que respondam os milhões de crianças núas, famintas, tuberculosas, cordeirinhos, como os da fabula, que o Lobo do Odio ameaça á beira da correnteza da Vida.

Que o digam essas miseras mulheres que se depravam por um mendrugo, que se infamam por um molambo, que entregam as filhas a troco de uma acha de lenha para a lareira.

De toda essa multidão innocente, as culpas são amar a terra patria, falar ainda, por não saber outra, a lingua que aprendeu no lar e chorar commovida diante dos farrapos da bandeira da sua nação vencida.

Grandes e feias culpas! Que as condemnem os

patriotas. E essa gente — crianças, mulheres e velhinhos, fragilidades, — brada aos céus contra a inclemencia humana e, esfaimada, recava, a unhas roxas, a terra dos campos buscando raizes e só encontra ossos e estilhaços de obuzes, sementeiras estereis lançadas pela Guerra.

E a tão infame tragedia chamam as chancellarias: Paz.

Por que não seguem os homens as lições dos elementos, que são forças brutas? No coração das nuvens, passada a tempestade, em vez do rancor, que denigre, refulge o ouro do sol.

A nuvem rebenta e passa e o que se lhe despeja do bojo é a chuva, que lava e fecunda. O homem, depois de matar, de destruir, de incendiar, de violentar, ainda tripudia sobre a desgraça e gargalha satanicamente enthronado em mortualha e ruinas, gozando, com delicia orgulhosa, o côro guaiado e clamoroso dos soffredores. Bella paz!

Bem hajas tu, coração brasileiro! Bem hajas tu, minha Patria!

Tambem, em tempo, te inflammaste em colera, tempestuaste em guerra de excidio para vingar a affronta de um tyranno, algoz de um povo heroico. As tuas forças correram á tua voz como correm no céu as nuvens tocadas pelos ventos e

foi longa e formidavel a peleja, porque o inimigo era forte e intrepido e batia-se, mais do que pela Patria : pela Fé.

A tempestade foi horrenda. A terra guarany ficou sem pedra sobre pedra, deserta e calada como um cemiterio. Desde, porém, que os canhões emmudeceram abandonaste o territorio sem offensa aos vencidos e, reconhecendo e apregoando-lhes o brio, procuraste auxiliá-los para que se levantassem. E, pouco a pouco, foi-se refazendo o Paraguay valente.

A terra é fertil, o povo é nobre e activo e tanto ha no solo vigor que, assim como, depois das chuvas, reviçam, com mais exuberancia, os campos, assim, depois da guerra, que o livrou de um tyranno, o seu progresso accentuou-se, e o Paraguay prospera.

Os dois povos, que se feriram em guerra acerrima, hoje estimam-se fraternalmente : os corações já se entendem e estreitam-se em amizade.

Agora, com o projecto do deputado Cincinato Braga, da Estrada de Ferro Brasil-Paraguay, são os territorios que se vão cozer a linhas de aço.

Não é o arco de alliança que se accende depois da tempestade é, porém, um élo forte que vai ligar duas nações amigos, dando-lhes um só caminho para que sigam juntas para o futuro. E como um

só rio, o Paraná, molha as duas fronteiras, tambem a estrada de ferro servirá ás duas Republicas, ligando-as para o todo o sempre.

Assim comprehendo eu a paz. A outra...

11 de Agosto.

A formosa cruzada

Das idéas que, até hoje, têm surgido no Programma Commemorativo do Centenario da Independencia a mais bella é, sem duvida, a que foi lançada em pregão patriotico, pelos professores do 2.º districto escolar deste Municipio:

«Na data do Centenario nem um só menino que não saiba lêr.»

Acho a obra mais difficil do que a do arrasamento do morro do Castello. Uma, pede apenas esforço material; outra exige devotamento.

Desloca-se um penhasco com mais facilidade do que se destroe um prejuizo; desvia-se o curso de um rio e não se consegue corrigir um vicio. Tudo que tem origem na alma tem a força inflexivel da eternidade. O morro, atacado a ferro e fogo, entrega se: é massa inerte que não reage. A criança

refoge ao mestre e muitas, em vez de achar nos pais a severidade que as obrigue a frequentar a escola, encontram a complacencia lerda e criminosa, quando não o preconceito obscuro de que as letras pervertem o espirito, desencaminham o pequeno do trabalho, pesam-lhe na intelligencia como carga inutil. Tempo de escola é tempo perdido, dizem muitos.

Que lucra um menino em saber lêr e escrever?

A natureza, na sua opulencia, não precisa do alphabeto para abrir o dia e fechar a noite, trazer a tempo as estações com flores e frutos, agitar as marés e tudo que vive na terra, nas aguas e no espaço.

Para que perder tempo em escolas?

Que é o livro? thesouro que se não esgota e que, quanto mais nelle nos sortimos mais cresce, como aquelles cinco pães e os dois peixes que, abençoados por Jesus, multiplicaram-se prodigiosamente fartando a mais de cinco mil homens «sem falar em mulheres e meninos», como nos diz o evangelista.

O homem que lê tem a sua independencia, guia-se por si mesmo porque, em verdade, o livro é uma bussola.

Um povo de analphabetos vale tanto como uma multidão de cegos — nunca poderá gozar a

Liberdade, que é luz, que só se manifesta aos que vêm.

Não sei se a idéa dos professores municipaes lançada, como foi, medrará nas almas infantis fazendo com que no proximo Centenario todas as crianças tragam nas cabecinhas graciosas a mais linda e immarcessivel das corôas, que é a que se pretende entretecer com as vinte e cinco flores resplandecentes, que são as letras do alphabeto.

O que, porém, posso garantir é que São Paulo, com a applicação da lei n.º 1.750 de 8 de Dezembro de 1920, que reformou a instrucção publica no Estado, no dia do nosso jubileu politico poderá apresentar a sua população infantil expurgada da ignorancia, eiva que tanto nos denigre rebaixando-nos ao estalão dos povos mais ignaros.

O projecto Freitas Valle, hoje lei, que tanta celeuma levantou no Congresso e na imprensa de S. Paulo, destruiu uma tradição ferrenha que impunha ao Estado a obrigação de subvencionar o ensino litterario, limitando a sua responsabilidade ao que lhe compete, que é o preparo inicial ou nivelamento das almas pelas instrucção primaria. O dia é claridade que a todos chega; aproveite-a cada qual a seu modo, como melhor lhe pareça. Nós, porém, vivemos dentro de uma noite na qual, de espaço a espaço, brilha uma luz ou res-

plandece uma fulguração — o mais some-se em negrume.

As excepções geniaes são cimos que culminam com as nuvens, a vida, porém, exubéra na planicie e mais vale uma bôa terra chan grangeada com apuro e medrando em fartura nas suas lavouras do que uma eminencia no deserto com um solar no cimo, arrogante de força e rútilo de riqueza, espalhando magestade e brilho na vastidão merencorea.

A vontade energica do Presidente de São Paulo, que não é homem de transigencias nem de acommodações quando se trata do beneficio publico, amparando-o durante o debate e sanccionando o projecto nivelador, provocou os mais acrimoniosos commentarios e levantou animosidades árdegas.

Accusaram-no de arbitrario e a Politica, que tudo vê atravéz dos seus interesses, insurgiu-se em conciliabulos ameaçadores.

Outra fosse a tempera do reformador e elle, de certo, teria cedido ante as vozes que o procuravam intimidar. Elle, não ; estudara o problema e, convencido da sua utilidade, não teve um instante de hesitação e, a esta hora, já a lei vai produzindo os seus beneficios e estou certo de que se os abnegados professores do 2.º districto deste Municipio não conseguirem triumphar na campanha, de tão nobre patriotismo, em que se vão empenhar, S. Pau-

lo levantará o pendão com que elles sahiram na santa cruzada, com a formosa legenda que adoptaram e que se fará realidade no glorioso Estado:

«Na data do Centenario nem um só menino que não saiba lêr.»

25 de Agosto.

Ante o genio...

A palavra, centelha miraculosa que, por prestigio divino, rebentou no cerebro do homem como a chamma explodiu na sarça do Sinai, foi a apotheose da Creação.

Flor em que se abre o pensamento, a palavra participa da natureza ephemera da vida sendo, em essencia, eterna.

Som é corpo, perece; idéa é alma, subsiste.

Deus, quando apparece no Genese surgindo do Cháos, para crear, chama-se Verbo e toda a sua obra septenaria é uma serie magnifica de palavras, desde que as invocam a luz: «Fiat lux!» até as que fecundam a natureza virgem: «Crescite et multiplicamini»!

A palavra accende-se no cerebro e, tal seja o combustivel que nelle encontre, assim será a sua intensidade.

Ha cerebros que são como pantanos ou sepulcros phosphorejando em fogos fatuos e ha cerebros eruptivos como vulcões; outros de luz tibia, melancolicos e vasquejantes, que lembram lampadas mysticas de sacrarios. Ha-os que são pharóes projectando claridade ao longe; ha-os esmiuçadores, afuroadores como lanternas furta-fogo; ha-os que ardem e flammejam em incendios; ha-os que brilham resplendentemente e, de quando em quando, surgem nos tempos cerebros privilegiados que relumbram e offuscam como sóes e, como o sol, de longe em longe, desapparecem em occasos, não porque se extingam, senão porque os proprios astros pagam tributo ao Infinito e, se assim não fosse, seriam iguaes a Deus, que só Elle é perenne, immutavel por ser eterno, não soffrendo os collapsos de sombra, intermittencias de ser e não ser, rythmo em que oscillam o sol e a alma — um, entre o dia e a noite; outra, entre a vida e a morte.

Não fossem essas luzes que assignalam e aclaram os tempos e o passado teria desapparecido em noite eterna.

Assim os genios rivalisam com as estrellas fulgurando na treva. E como, pelas estrellas, guiam-se os que navegam, são os genios os conductores da Humanidade. Mortos, a sua obra fulgura como a luz dos astros extinctos.

A Historia apoia-se nesses telamons formidaveis e Hugo mostra-nos taes atlantes cada um delles sustentando uma éra — desde Homero até Shakespeare, e, entre elles, acompanhando-os, as cariatides, formas da Poesia, desde a que clangorou na tuba dos hellenos até a que soou na lyra, cujas cordas parecem haver sido feitas com fibras do coração humano, a de Shakespeare.

As altitudes foram sempre preferidas para as manifestações divinas e para as glorificações humanas. Israel, por intermedio dos seus sacerdotes, só se communicava com Deus nos «*bamot*», ou lugares altos; os templos eram de preferencia levantados em eminencias. Os proprios annuncios de victorias eram primitivamente feitos nas cumiadas. Foi no cimo do monte Arachne que uma sentinella, accendendo uma fogueira, deu aviso aos gregos da destruição de Troya.

Na Biblia duas vezes a Vida se redime nas alturas — no tope do Ararat, onde encalha a arca e no cimo do Calvario, onde expira o Christo para regressar a reintegrar-se em Deus, elevando-se, em ascensão, entre os olhos pasmados dos discipulos, desde o outeiro de Bethania, que fôra o altar do seu amor humano.

Entre as eminencias illuminadoras, na theoria dos telamons, ha uma cuja luz esplende em fulgor

solar aclarando a madrugada da Renascença. Empunha uma tripode e levanta-a na tréva da Idade Média, tripode cujas chammas relumam em côres varias: rubra, violacea e cerula — Inferno, Purgatorio e Paraiso. Esse telamon, o sustentaculo de uma éra, é Dante.

Na primeira luz, sanguinea, flammejam todos os horrores accumulados desde a hora tremenda em que os barbaros suffocaram a gloria de Roma até os horrores inominaveis da Idade Média: são as lutas e as superstições, as vinganças e as pestes, as perseguições politicas e as miserias, tudo isso correndo no plano das allucinações mysticas do tempo, pesadellos daquella immensa noite de mil annos.

Ha nesse poema apocalyptico, todo em circulos como uma cadeia, a synthese tragica das visões, desde a de Alberico até a de S. Patricio.

No tripode do atlante a luz que mais impressiona é a vermelha, chamma que parece arder em sangue, luz de agonia. A segunda é um diluculo, claridade de esperança, como a aurora; a terceira é o esplendor, pleno dia, mas dia eterno, a Bem-aventurança.

Esta devera ser a preferida, entretanto, a luz que fórma a aureola do gigante não é a violacea, nem tão pouco a cérula, mas a purpurea, luz de sangue, symbolo do soffrimento humano.

Dante não se immortalisou como Poeta da Esperança ou da Ventura, mas como o peregrino que desceu ao Inferno, como o que viu de perto o soffrimento, como o que foi passageiro da barca de Charonte, como o que pisou a ardencia da Gehenna.

E por que tal preferencia, entre as luzes, pela vermelha, do Inferno ? Porque só a Dôr é grande, commovedora e eterna.

E na obra immensa do Poeta, que vale a palavra ? Vale porque nella apparece um novo idioma.

A Beatriz que elle amou, levando-a ao Empyreo, foi essa mesma palavra, trazida das ruinas de uma lingua morta, que elle despertou com a sua grande lyra, vestiu de roupagens graciosas, aformoseou com a sua Arte, fazendo-a apparecer nessa musica verbal que, pelo encanto da sua melodia e pela graça do seu movimento airoso, que parece embalar o Pensamento que conduz, ficou sendo conhecida com o titulo, que tão bem a define, de « Idioma gentil ».

Assim foi elle que deu alma á Italia, dando-lhe a palavra, como Deus a inspirou ao homem, quando o arrancou da terra.

15 de Setembro.

Poemas bravios

Se as arvores e os rochedos, as aguas que se despenham acachoadas de toda a altura das montanhas e as que dormem languidamente nos lagos cobertos de flores; as dunas em que se esgalham retorcidos, na tortura que lhes infligem os raios do sol, os mandacarús, esses Laocoontes dos desertos; as collinas forradas de bogarys, e ainda os animaes: os que se enfurnam em cavernas, os que se escondem em luras, os que se aconchegam em ninhos; desde os que atroam temerosamente a brenha com fremitos raivosos até os que a abemolam com a gorgeiada alegre; e ainda os insectos, cujas pequeninas vozes tremem no silencio como as faiscas brilham na escuridão, piscando-as de scintillações ephemeras, que lhes não quebram, até tornam mais espesso o trevor; se todos os seres

simples e todas as coisas, incluindo no concerto os raios do sol e os nimbos do luar, que no valle mystico do Tempé acudiram ao som da lyra orphica, houvessem aprendido com o divino Poeta a traduzir em palavras o que sentem a poesia que fizessem seria, de certo, igual á que, de quando em quando, irrompe em caudal tumultuoso e sonóro da alma desse genio agreste que é Catullo Cearense.

Não falam, infelizmente, os seres simples e as coisas, deu-lhes, porém, o Senhor interpretes que são os poetas, que vêm atravez do mysterio e exprimem o que jaz aprisionado no silencio eterno.

E um desses poetas privilegiados, oraculos da Natureza, é esse mesmo Catullo Cearense.

Não tem a sua poesia a disciplina da arte dos homens, é forte, insubordinada como a propria natureza. Nella o som é alto e retumba, a luz é vívida e escalda se é de sol, se é de luar sensibilisa e encanta como um philtro; o cheiro que trescala não é o de essencias manipuladas, mas o aroma virgem, seivoso das mattas, olencia sahida directamente do calice das flores que delicia, atordôa e mata.

Toda a obra do poeta reçuma força. Não ha nella artificio. As imagens são reflexos — retratam o que fica a uma e outra margem da corren-

teza poetica: aqui arvoredo, lirios além, ou, em abertas, o pleno céu e o sol ou a tremulina do luar.

A desordem substitue a eurythmia e essa mesma desordem é que dá caracter á poesia do grande sertanejo, tornando-a um espelho da vida barbara nesses rudes rincões.

Abre-se-lhe um dos livros, toma-se, ao acaso, um poema, *Flôr da noite*, por exemplo. Começa-se a leitura, vai-se por ella docemente, em embalo de meiguice como se desce um rio ao meneio da pá do canoeiro, sob um toldo de franças cobertas de flores e chilreantes de vozes de passarinhos.

Subito sente-se que a corrida se apressa — refervem, remoinham, espumam em raiva as aguas, cresce um rumor temeroso: é a cachoeira que se annuncia — e lá vai a canôa attrahida pelo abysmo. É a fatalidade, é o destino que irrompe transformando o quadro, mudando o aspecto risonho em scenario tragico para, pouco adiante, depois de tropellões formidaveis sobre rochedos e penhascaes, estender, de novo, o rio em leito sereno por onde prosegue suave, blandifluo, retratando a paisagem e o céu.

Assim na poesia de Catullo.

O amor começa em idyllio, vai indo, crescendo, surge a desconfiança, inflamma-se o ciume e explode instantanea a tragedia, rapida como as que-

das dos rios nas cachoeiras ou como as tempestades estivaes que abalam a trovões todo o sertão, alagando-o em enxurradas que formam lagos e correm em rios tumultuosos, arrasando tudo que se lhes antepõe á furia, mas, na manhan seguinte, as terras reapparecem floridas e a vida retoma o seu curso com mais vigor.

O que se encontra no ultimo livro do grande cantor brasileiro: *Poemas bravios* não é a poesia regular, enquadrada em regras inflexiveis — é a propria Natureza soberba e nella as almas com toda a força do instincto, a selva humana com as suas bellezas grandiosas, as suas insidias, as suas maravilhas que enlevam e os seus abysmos que devoram.

É a terra barbara, emfim, que se nos apresenta com a sua gente, tal como é, tal como vive, tal como a sentiu esse que trouxe para a cidade, ao som da sua lyra, em prodigio igual ao que realisou Amphião, não sómente pedras, mas toda a belleza, toda a grandiosidade, toda a poesia dessas regiões mysteriosas onde se concentra a Alma do Brasil.

Bem de raiz

Não é atôa que andam a dizer por ahi que os tempos estão bicudos: a crise rostrata vai-se aggravando dia a dia e já se manifestam phenomenos da sua influencia aguda em cabeças de homens e de animaes.

A imprensa annuncia alarmada o apparecimento insolito de um cavalheiro e de um cavallo com chifres. Taes protuberancias compromettedoras não costumam ser visiveis em animaes das especies dos apendiculados, principalmente nos da primeira.

Será isso um signal dos tempos, aviso de calamidades ainda maiores do que as que já affligem a Humanidade, que anda com a cabeça a juros, ou mera teratologia, traça da natureza ironica que, de vez em quando, requinta em pregar peças de mau gosto

aos pobres filhos de Eva, que vivem neste valle de lagrimas gemendo e chorando, etc., etc....?

Ao cavallo, emfim, ninguem levará a mal que lhe tenham apontado taes apophyses; o homem, esse sim, é que ha de custar a roer a pilheria, que é dura, e das que fazem perder a cabeça quando os commentarios lhe dão em cima.

Cavallo de chifre ha um, pelo menos, sahido aos pinotes da fabula e aproveitado na heraldica e chama-se: licorne; homens só os que figuram na mythologia e alguns outros, cujos nomes são apenas cochichados ou apparecem em certas obras assignadas por Boccacio, Margarida d'Angoulême, Bonaventure des Periers, Brantôme, Bussy Rabutin, Lafontaine e outros, que se occuparam do assumpto capital.

Eis, porém, que surge um homem armado de aspas (quatro, diz a noticia) e logo, para que não ficasse a pé, appareceu-lhe um ginete nas mesmas condições, naturalmente para que os dois formem um só ser, especie de centauro bicephalo assignalado pelas armas.

O chifre não é coisa do outro mundo, até creio que por lá... *et pour cause* não ha disso, salvo no Inferno onde toda a população traz a cabeça enfeitada com taes adornos que deram em terra com a grandeza de Troya e têm abalado muita reputa-

ção e... famigerado outras. O chifre é desta vida e, não sendo pedra de escandalo no boi, no carneiro, no bode, no rhinoceronte não atino com a razão do espanto em que se alvoroçam as gentes quando o vêm num homem

A natureza é caprichosa e, quando lhe dá para contrariar as proprias leis até parece brasileira. Deus, quando fez Adão, não lhe plantou chifres na cabeça. Depois do nascimento de Eva nada se soube do que houve no Paraiso, senão que a serpente appareceu na arvore e offereceu a fruta.

Se houve mais alguma coisa ficou em segredo de familia. Agora apparece um homem com chifres (quatro!)

Não será isso um erro de revisão? O Autor da Natureza não tem culpa de que a sua obra prima soffresse na composição apparecendo com o *pastel* que a deforma.

A impressão é desagradavel, não ha duvida, mas como não se estendeu a toda edição, limitando-se a um só exemplar, em vez de o depreciar, torna-o valioso pela singularidade de *avis rara*.

O cavallo esse, com certeza, não liga, não dá importancia ao caso; com chifre ou sem chifre, isso que monta entre cavallos? Com o homem, não; o caso é serio — os chifres entram pelos olhos, e é o diabo!

O da noticia tanto se incommodou com os chifres que, um dia, mandou serrar o maior, do que lhe resultou uma enxaqueca peior que a de Jupiter quando deu á luz Minerva.

Pateta ! Que mal lhe fazia a excrescencia ? Porque havia elle de desfazer-se da cornija ? Não tinha topete para trazê-la, o coitado ! Outros, e mais guarnecidos do que elle, não se dão por achados e até tiram partido de taes dons e se alguem se atreve a aconselhar-lhes que cortem o mal pela raiz, ficam logo de ponta, viram bichos e investem a marradas. E deixem lá ! Se lhes aproveita a coisa porque se hão de elles privar de um instrumento de cavação ? Aquillo é capital a juros, bem de raiz e, quanto mais bem plantado, mais rende.

E dizem os taes com indifferença optimista: « Ora ! bem me importa a mim a voz do mundo. Esteja eu quente e ria-se a gente ».

Pois já não andam por ahi a annunciar que o homem e o cavallo acharam emprezario que os virá expor á curiosidade publica, como fez outro com o gigante Guerreiro ? E de que vão elles viver, o homem e o cavallo, senão dos chifres ? Pois então ! Tolo é quem não aproveita o que tem.

29 de Setembro.

A mais bella mulher brasileira

O pleito do monte Ida, que degenerou em discordia, posto que houvesse sido disputado entre deusas, e as mais bellas do Olympo, não vale aquelle de que sahiu vencedora Nitokris, que a poesia occidental chamou a si mudando-lhe o nome em Cendrillon, nome que a fabula portuguesa chrismou em *gata borralheira*.

Não fossem a sandalia da egypcia e o sapatinho de vidro da sua descendente européa e jámais no mundo da fantasia teriam apparecido as radiosas bellezas que, só pelo tamanho minimo dos pés, lograram subir a thronos: a filha morena do Nilo alçada pelo Pharaó; a loura Borralheira levada pela mão do principe encantado.

A *Noite* e a *Revista da Semana* colligaram-se para descobrir em todo o nosso immenso paiz a perola da belleza brasileira.

O trabalho não é facil e Diogenes, que accendeu uma lanterna para procurar o mais justo dos homens, não pensou jámais em sahir, á luz meridiana, á cata da mais bella das mulheres e onde as havia até de sangue divino.

A idéa está lançada e, com a circulação que têm os dois orgãos da nossa imprensa já, a esta hora, será conhecida desde as cabeceiras dos rios das lindes amazonicas até a ultima cochilha da terra pampeana.

E as nossas patricias — as que se enamoram ante espelhos de tres faces e as que tem apenas, para mirar-se, as aguas crystallinas das fontes, todas se preparam para o esplendido certamen do qual uma ha de sahir triumphante e essa será no mundo o typo, o padrão esthetico da mulher brasileira.

Um perfeito concurso de belleza é de todo impossivel realisar-se pelo processo photographico, que é o da estampa. A belleza feminina resulta sempre do conjunto: a plastica serve-lhe apenas de mostruario de encantos e, quanto mais bella fôr, mais realce dará aos mesmos dons. E ha ainda que attender ao gosto, que fórma o criterio dos juizes: um que se inebria diante de uma figurinha viva e trefega como Agnés de Sorel; outro que prefere o aprumo senhoril de uma Leonor Telles, por

exemplo, cognominada, pelo seu porte: *Flôr de altura.*

A serenidade, que é a caracteristica da belleza das deusas mantida na estatuaria, é immovel, impassivel. As raças não só pelas linhas se distinguem como tambem pelo movimento, ou, digamos: pelas ondulações dessas mesmas linhas, que formam a graça ou vida da belleza.

As deusas eram erectas, sublimes de attitude, mas não graciosas.

Ha mulheres rigidas, que avançam estatelarmente como se descessem de pedestaes, outras que se meneam á maneira de corças, outras colleantes, serpentinas; ha-as que parecem aladas.

A donairosa andalusa requebra-se em flexibilidades felinas; a franceza aligeira o andar, enfeita-o com o mesmo mysterio subtil com que compõe o trajo — de um nada faz um encanto, como com um volteio de saias faz um *maelstrom* no qual se vão os olhos perdidos em espumarento turbilhão de rendas; a italiana, com o seu ardor e o recorte classico do corpo, a vivacidade dos movimentos, parece uma figura pagan talhada em marmore de Carrara e tendo a animá-la o ésto de um sol de verão; a portuguesa é um mixto de força sadia e languida saudade, é a trigueira, filha de Ceres, amollentada pelo convivio com as mulheres mouriscas

— ha nella desembaraço e timidez e, de tal contraste, gera-se a ternura voluptuosa que a caracterisa.

E a brasileira ? Que prestigio tem ella na belleza ? Que sortilegio é esse que a torna irresistivel ? Qual o segredo do seu amavio ? Procurem-no em uma palavra, intraduzivel como « Saudade », vocabulo privativo da raça, exclusivo da mulher deste canto privilegiado do planeta onde (relevem-me a vaidade !) estou certo de que se acha escondida, entre milhares de formosuras, a mais bella mulher do mundo : *Dengue.*

E que é o *Dengue ?* é uma perdição d'almas, um philtro em que concorrem todos os feitiços: o olhar, o sorriso, o leve alor do corpo, o quebranto macio da voz, o meneio lento, negligente dos gestos, a esquivança do passo tão pequenino que a terra quasi o não sente e direi até, falando de tão fina flôr : o arôma.

Dará a photographia todas essas perdições, uma só das quaes tem levado muita gente ao desespero e á morte ? Não creio.

Todavia o concurso, tão bem iniciado pelos dois orgãos, despertará a attenção do mundo, para o que possuimos e os que virem as feições da mulher brasileira hão de ter curiosidade de conhecer a alma que habita tão formosa morada e vindo por ella (o que vai haver de casamentos por este paiz,

meu Deus !) acharão o que na mulher brasileira lhe dá maior esplendor á belleza (pondo de parte o dengue) a bondade.

E depois Nitokris e a Gata Borralheira não venceram pelo pé, ou antes : pelas medidas do pé : a sandalia e o sapatinho de vidro ? Por que não ha de vencer pela imagem do rosto a mais bella mulher brasileira ? A difficuldade será uma apenas, mas immensa — a da escolha.

Pobres juizes ! Como o remorso lhes ha de martyrisar a alma por não poderem dar o premio a todas as concurrentes ! . . .

13 de Outubro.

A esperança

Certo politico de muita experiencia que, com as glorias obtidas em longo tirocinio de mystificações e burlas, poderia, se quizesse, concorrer á feira livre do seu bairro com ovos, batatas, nabos e bananas achou, um dia, á mão o diccionario de Chompré e, abrindo-o, ao acaso, leu a fabula de Pandóra, a famosa estatua que Vulcano fez e animou e todos os deuses dotaram, cada qual com uma perfeição, menos Zeus que, para vingar-se de Prometheu que tentara, com atrevida audacia, roubar o fogo do céu, deu-lhe uma boceta na qual poz todos os males, acamando-os apertadamente sobre a esperança, que jazia no fundo.

Com tal presente baixou do Olympo, em missão á terra dos homens, a estatua animada, obra perfeita do dominador do fogo.

Chegando ao seu destino dirigiu-se Pandóra a Prometheu offerecendo-lhe a boceta. O titan, porém, que era macaco velho, não metteu a mão na combuca e a emissaria foi ter com Epimetheu, irmão do primeiro, e taes foram as labias de que se serviu que, não só o conquistou para esposo, como ainda o fez cahir em esparrella identica á que a serpente, sagaz e sinuosa, armou no Paraiso a Adão, abrindo a tal boceta de onde sahiram, em enxame, espalhando-se pela terra, os males nella contidos. A esperança ficou no fundo.

Fechando o volume o politico sorriu superiormente, exclamando cheio de si:

— Ora, meu amigo, isto é a historia da urna, nem mais nem menos; é a lenda do «vaso sacratissimo da communhão nacional.» Mude você o nome de Pandóra em Politica e terá a coisa com todas as letras. A estatua ou automato fadado pelos deuses da terra, que são os governadores, é a Politica; a boceta é a urna cheia de fraudes, com a esperança no fundo.

Quando a portadora da urna entra no mundo das tranquibernias ninguem se preoccupa com o que nella possa vir, porque, no fundo, que é falso como Judas, é que jaz o essencial, que é a esperança. E esse fundo falso, alçapão de maroscas, chama-se — o reconhecimento.

Apure-se o que se apurar, o fundo é tudo. Póde a urna vir attestada, até as bordas, não de males, como a outra, mas de votos, se forem contrarios aos planos de certa gente, com um simples geito de dedos, em passe destro, a verdade mergulha e o fundo falso repulsa o escandalo, que é logo reconhecido e proclamado nas mesmas vozes bradadas com que os prestigitadores annunciam aos basbaques uma sorte agil.

Qual boceta, qual carapuça! Urna é que é. Conheço-a! Cança-se um homem em mover céus e terras, gasta o que tem e o que não tem, empenha os olhos da cara, enche o vaso, acogúla-o, e, quando delle espera sahir victorioso . . um! dois! tres! lá vem acima o rebutalho do fundo — fitas, ovos, gallinhas, batatas, ás vezes, até surucucús, como já vi.

Vêr isto é vêr scenas de circo. Na Politica tenho visto tudo que lá na minha terra apparece nos circos de cavallinhos: equilibristas de corda bamba, engulidores de espadas, comedores de fogo, palhaços, malabaristas, tudo. Prestidigitadores então, isto é um nunca acabar, trocando tudo, tirando coisas do bolso da gente. E é cada transformação que não lhe digo nada . . . Eu não sabia que Pandóra era isso, agora já sei.»

Nesse fundo falso é que se esconde a esperança

de muita gente e, sem duvida, a grande sorte daria o desejado effeito se o politico, apezar de toda a sua experiencia, longa e gloriosa, não désse com a lingua nos dentes denunciando-a.

Assim, se os compadres da «magica» contam embahir, ainda uma vez, o povo por meio da móla que apertam para fazer a substituição da verdade pela mentira, enganam-se porque, antes que executem o plano que trazem engendrado, os fiscaes, que hão de estar attentos á manobra, dar-lhes-ão em cima virando-se então o feitiço contra o feiticeiro, vindo a flux o que deve subir e ficando no fundo a esperança dos que só contam com os recursos da escamoteação.

A caça tem tambem o seu dia.

20 de Outubro.

Os tiros

Narra uma lenda thebana que o phenicio Cadmo, o mesmo que introduziu na Grecia as letras do alphabeto, querendo offerecer um sacrificio a Athena no sitio em que determinara fundar uma cidade e onde, effectivamente, traçou o campo primitivo de Thebas, a bellacissima, mandou por agua alguns dos seus companheiros a uma fonte proxima, que era consagrada a Arés, ou Marte.

Tanto, porém, demoraram-se os emissarios que o principe decidiu sahir-lhes na trilha, e, ainda bem não se avistara com a fonte, quando urros temerosos atroaram os ares e, por entre relampagos, rompeu desabridamente do bosque assanhado dragão, desconforme de corpo e vomitando labaredas que incendiavam tudo em volta.

Comprehendendo, desde logo, que os seus ho-

mens haviam sido victimas do monstro, que tão furiosamente assim o assaltava, dispoz-se o corajoso principe para o duello. Esperou-o a pé firme, apontando-lhe a lança ao peito e, arremessando-se a fera em impeto desvairado, encravou-se no ferro e, flagellando estrondosamente o sólo com a escamosa cauda, expirou com um regolfo de sangue negro e putrido que alastrou o terreno em vasto tremedal.

A conselho de Athena o vencedor de tão desigual combate arrancou, um a um, os dentes do dragão espalhando-os pela terra e delles, instantaneamente, nasceram homens armados que logo se empenharam em luta tão renhida que, de tantos que haviam surgido, cinco apenas escaparam e esses foram os *sparti*, ou homens semeados, troncos da grande e poderosa raça dos Thebanos.

A lenda cadméa serve-me de partida para um commentario muito á feição do momento.

Nós tambem vimos surgir da terra, repentinamente, uma legião de guerreiros, não gerados de dentes drácenos, mas appellidados pela voz de um poeta e, por virem de tão suave milagre, não se manifestaram raivosos, entre-matando-se, como os de Thebas, mas fraternisando em volta de um altar como o de Athena, que é tambem o de uma padroeira — a Patria.

Esses guerreiros, que surtiram de todos os pontos do nosso immenso territorio, foram os Atiradores.

Quem os não viu aqui galhardos, desfilando garbosamente pela cidade como a revelação de uma força nova ? Quem os congregava ? o sentimento do dever civico.

Promptos ao primeiro chamamento reuniam-se nas respectivas sédes e era de vêr-se o enthusiasmo com que se exercitavam em manobras fatigantes, em manejo de armas, em trabalhos de sapa, cada qual mais activo e mais contente. E quem eram elles ? os mancebos da nossa primeira linha — estudantes, jovens do commercio e do funccionalismo, a fina flôr da nossa mocidade.

A emulação, que se estabeleceu entre as varias corporações, tornou-se estimulo para que todas se apurassem timbrando, cada qual, em apparecer melhor e assim, mais de uma vez, tivemos ensejo de applaudir essas congeries de milicianos moços que se adestravam caprichosamente pedindo apenas ao Estado que lhes consentisse sahirem com a bandeira mostrando que, assim como a levavam triumphalmente, de animo feliz, atravez das ovações do povo, leva-la-iam, com ardor heroico, por entre o fogo e o fumo das batalhas se a voz da Patria assim o ordenasse.

Os «Atiradores» eram a grande reserva nacional, eram a mocidade unida e forte, formando a segunda linha da defesa da Patria, a sua muralha interior; eram a demonstração de que, além da força dos quarteis, havia a força dos lares, onde cada cidadão era um soldado prompto a sahir no primeiro instante.

E, todo o Brasil, orgulhoso dessa legião influida pelo patriotismo, acclamava-a com enthusiasmo quando a via em marcha. E as mãis sahiam a vêr os filhos nas fileiras e sorriam-lhes atirando-lhes flores e bençãos commovidas. Tudo ia bem . . .

Eis, porém, que surge um atirador maior, um atirador das Arabias e, uma a uma, com a arma terrivel de que dispõe, vai abatendo as corporações de «Tiro», talvez para que não fique desmentida a lenda dos guerreiros sahidos da terra que, mal tomaram pé, logo trataram de destruir-se.

E vai tudo raso.

Tudo, não. Felizmente, como aconteceu em Thebas, restam ainda alguns Tiros : o da Imprensa, o 245 . . . e quantos mais ? não chegam, talvez a 5, como os cadmeus.

Diz-se que o arrogante atirador não quer tiros e fulmina a todos com a mesma colera com que o dragão de Marte atirou-se aos que foram á fonte que elle guardava, entendendo que mais vale o sorteio

militar, cujos resultados ahi estão patentes, do que a instituição patriotica na qual se inscrevia, com enthusiasmo, toda a nossa mocidade.

Emfim . . . o que é bom não medra entre nós e deve ser assim em um paiz sempre em novas reformas, como os armazens de seccos e molhados.

Os Tiros deram excellentes provas e, se tanto não os houvessem menosprezado e combatido, seriam hoje uma grande e disciplinada força nacional.

E o sorteio? o sorteio é uma loteria que, até hoje, só nos tem dado bilhetes brancos. Brancos, não, pretos e alguns até beneficiados pela Lei de 13 de maio. Os brancos, com raras e honrosas excepções, passam todos pelas malhas, como os camarões. *E cosi va il mondo.*

27 de Outubro.

O poeta da raça

O Poeta, presentindo a morte, apressou o regresso á Patria para que a grande noite o não apanhasse fóra do lar domestico. Queria dormir á sombra das suas palmeiras.

Na hora extrema a vista alonga-se — a morte é uma ascensão e, como dos cimos o olhar dilata-se por extensões immensas, assim o moribundo, da altura suprema a que se eleva, vê todo o passado e avista, talvez, as lindes do mysterioso futuro onde se entra por uma ponte levadiça que nunca mais é arriada para dar sahida.

Não foram os ventos propicios ao navegante enfermo que nem forças tinha para sahir do beliche em que jazia.

Levantou-se a procella. Bulcões escureceram tenebrosamente os ares, o mar encapellou-se, furi-

do, e a barca, aos boleus nos vagalhões estalava, rangia abrindo-se por todas as costuras.

Ao estrondo tormentoso accrescentava a maruja a celeuma espavorida e cada vez que uma onda alagava o convés, todo o cavername gemia e a barca, ás guinadas loucas, inflectia de prôa ao vórtice.

Quem se lembraria do passageiro enfermo que, no leito do beliche, revia a terra proxima, desde o caes da cidade até as estradas brancas, e o seu outeiro natal, chamado do Alecrim, nesse encantado berço que elle descreveu evocativamente em versos que deviam ser insculpidos no brazão da cidade?

Quanto és bella, oh! Caxias — no deserto,
Entre montanhas, derramada em valle
De flores perennaes,
És qual tenue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhan meiga soprando
Á flor de manso lago.

E soffreria o Poeta no abandono em que o deixaram, como se já estivesse no tumulo? Talvez não.

Assistia junto delle, como solicita enfermeira, aquella que nunca o abandonara, distrahindo-o nas horas de tristeza, emmoldurando-lhe a saudade em esperanças quando o coração o norteava para

a Patria. Essa companheira meiga era a Imaginação que, exaltada pela febre, cercou o poeta de um circulo de fogo, onde elle ficou alheio de todo á vida, como Brunhilda na aureola em que a prendeu Wotan.

Propinando-lhe o delirio como um lenitivo, dando-lhe o desvairo por viatico, a Imaginação febricitada foi caridosa com o moribundo.

Aquelle troar de madria e ventos, a grita da companha em alvoroço, o estalejar dos mastros e das vergas, o estraçalhar das vellas, todo o estridor medonho da catastrophe chegava aos ouvidos do Poeta atravéz da illusão do delirio como o estrupido heroico da terra barbara, a Patria virgem que elle celebrou nos poemas autochtones da nossa litteratura.

Era ella que o recebia festivamente com o resôo formidavel dos instrumentos, das armas e das vozes dos seus guerreiros bronzeos. Eram os seus Tymbiras que, em pocema bravia, celebravam o regresso do grande Piaga, o cantor e o defensor das tabas.

E o mar e os ventos, cada vez mais iracundos, mantinham a illusão.

Subito, immenso golfo, galgando as amuradas, subverteu a barca e o oceano fechou-se. E assim, em sonho heroico, passou, talvez, da vida á morte,

o Poeta maximo do Brasil, um dos maiores lyricos da America.

Outros poderão excedê-lo no estro, no esmero da arte, no som grandiloquo da lyra, nenhum o sobreleva na linguagem nem, mais do que elle, sentiu e amou a Patria.

A sua Poesia vem, como o canto das aves, o murmurio das aguas e o perfume das flores, do seio da floresta : as figuras dos seus poemas vestem-se com as galas simples da natureza ; flores e plumagem.

A cultura em Gonçalves Dias, requintando-lhe a arte, não lhe prejudicou o sentimento, como o adubo que robustece a planta não lhe modifica a natureza. Elle manteve-se sempre o « indigete », o poeta da selva, o cantor da terra e da luz, da belleza e da força da Patria. Foi o annunciador da nossa Poesia, e, sendo dos mais estremes no vernaculo, não desprezou o idioma que soava nas brenhas, por entre os ramos floridos antes que a terra frondosa surgisse aos olhos dos seus descobridores.

Genio augusto da minha terra, nascido ao calor das mesmas arêas, pelas quaes meus olhos tanto, na infancia, se estendiam deslumbrados, caxiense, meu conterraneo, dir-se-á que escreveste para a nossa Caxias de hoje ou melhor : para o nosso Maranhão, ensanguentado pela politicalha

mesquinha, os versos flammejantes de colera que rugem na tua obra meiga.

São iambos propheticos, como os de Archilocho:

Malditos sejais vós! malditos sempre
Na terra, inferno e ceus! — No altar de Christo,
Outra vez a paixões sacrificado.
Impios sem crença e precisando tê-la,
Assentastes um idolo dourado
Em pedestal de movediça areia;
Uma estatua incensastes — culto infame! —
Da politica sordida manceba
Que aos vestidos outr'ora reluzentes
Os andrajos cirziu da vil miseria.
No antropophago altar, madido, impuro
Em holocausto correu d'hostia innocente
Humano sangue, fumegante e rubro.
. . . . . .
Affrontas caiam sobre tanta infamia!
E se a vergonha vos não tinge o rosto
Tinja o rosto do ancião, do infante
Que em qualquer parte vos roçar fugindo
Da consciencia a voz dentro vos punja,
Timorato pavor vos encha o peito
E farpado punhal a cada instante
Sintais no coração fundo morder-vos.
Dos que matastes se vos mostre em sonhos
A chusma triste, supplicante, inerme . . .
Sereis clementes . . . mas que a mão rebelde
Brandindo mil punhaes lhes corte a vida:
E que então vossos labios confrangidos
Se descerrem sorrindo — crú sorriso
Entre dor e prazer — qu'então vos prendam
A poste vergonhoso, e que a mentira
O vosso instante derradeiro infame!

Bradem: Não fomos nós!—e a turba exclame:
Covardes, fostes vós!—e no seu poste
De vaias e baldões cobertos morram.

. . . . . .

E eis como versos escriptos em 1839 sobre a «Desordem de Caxias» podem ser applicados a todo o Estado que hoje se enfeita para honrar e glorificar a memoria do maior dos seus filhos!

3 de Novembro.

Como as abelhas

Falando aos directores e conselheiros das Associações constitutivas da Confederação Syndicalista-Cooperativista Brasileira, assim a define o Sr. Dr. Sarandy Raposo, seu indefesso propugnador e activo presidente:

« É honesta, patriotica e humanitaria a vossa Confederação Syndicalista-Cooperativista Brasileira.

Notai que na sua propria designação nada ha de mais, nem de menos. Visa o congraçamento das classes para a economia individual, em beneficio da riqueza do Brasil. Preconisa indubitavelmente o mais são e o mais acatado programma economico e politico social. Nutre os estomagos e alimenta os espiritos; satisfaz a dupla necessidade

das criaturas; desperta ainda os mais fraternos sentimentos gregarios.

Dest'arte, originaria da convivencia trabalhista, mereceu a gloriosa sancção collectiva. Por isto, attendendo a necessidades, apostolando a cerebros e a corações, reuniu, e mantem reunidos, estadistas, homens de letras, industriaes, agricultores, operarios e soldados. Nó seu plenario canta hosannas á democracia do trabalho, atravez do confabular dos que legislam, governam, lavram a terra, movimentam fabricas, produzem material e intellectualmente, e votam sangue rico á integridade nacional, no culto criterioso da fraternidade humana.

Em vez de um cenáculo de doutrinarios adversos, ella é a fórma concreta, o corpo social de uma doutrina preconisada, revelada, interpretada por cerebros potentes a serviço das responsabilidades do Estado — trazida ao grande publico, por este amada, propagada, praticada e defendida. É uma expressão impositiva do pensamento e da vontade nacionaes. As associações que a constituem existem de facto e de direito, legal e efficientemente; os seus milhares de membros não são fantasmas a povoar imaginações doidivanas, não são immaterialidades a serviço de vaidades morbidas. Vivem; são individuos palpaveis, confederados, conscien-

temente, ás torturas de uma mesma dôr, para as vibrações de um mesmo ideal; são conhecidos e trabalham; têm nomes, cognomes, nacionalidades, profissões, residencias, até idades registadas, cooperam; constam dos talões da nossa thesouraria, porque, honestos e possuidos de convicções, concorrem pontualmente com mensalidades que interpretam como obulos sagrados da esperança aos bandeirantes da liberdade e da justiça.»

O numero de associados da Confederação já attinge á cifra formidavel de 250 mil e a obra que a enorme colmêa começa a realisar, não nas trevas, mas ao sol, como os enxames, traduz-se no congraçamento de todos os elementos activos, na harmonia das classes trabalhadoras, na solidariedade, emfim, de todos os que mourejam no immenso anonymato e que são, em verdade, os constructores da fortuna nacional.

A Confederação cresce dia a dia com a affluencia de adeptos que, de todas as partes, lhe chegam e, em vez de levantar-se ante o capital, como força ameaçadora, cerca-o de garantias. Os rios, ainda os de mais caudal, só se insurgem assoladoramente se os rebellam calactysmos ou se os represam balseiros; livres, defluem tranquillos, regando as

terras que atravessam e ainda evaporando a humidade que ascende para encher as nuvens, que são as samaritanas da altura, abeberando as aridas regiões, com as chuvas que despejam.

Os que combatem as aggremiações operarias, empregando todos os meios para dissolvê-las, são tyrannos que se disfarçam com o rebuço de «ordeiros».

O que chamam pomposamente a «ordem publica» não é mais do que a defesa avara, egoistica do proprio e exclusivo interesse, proposito de escravisar o proletario para trazê-lo sempre jungido á canga, de cerviz abatida, sem direito de protesto contra affrontas e vexações.

O capital é conservador... dos seus haveres. Não é por espirito de disciplina que elle tanto clama contra a ousadia daquelle que, andrajoso e faminto, lhe vai bater á porta, senão porque nelle vê uma ameaça ao seu thesouro, um perturbador do seu gozo.

As greves, as revoluções, todos os movimentos em que se agitam as massas operarias são tão naturaes como a conflagração das vagas no oceano e o debater das franças nas florestas quando nellas passam os ventos desencadeiados.

O proprio pó levanta-se em nuvens asphyxiantes com as lufadas e as trombas que os tiram da humildade rasa.

O homem, esse, mais miseravel que o pó, não tem o direito de protestar; é animal de labor que serve apenas para levar no carro do triumpho o idolo de ouro.

A Confederação Syndicalista Cooperativista Brasileira, reunindo os operarios de toda a obra em volta de uma constituição ou programma associativo, que lhes garanta os direitos e lhes defenda os interesses, será uma força benefica para o individuo para as classes trabalhadoras e para a sociedade.

As fabricas progridem e desenvolvem-se como as colmêas, pelo esforço commum do enxame. Infelizmente assim não entendem os zangões... humanos.

17 de Novembro.

O seu a seu dono

Do artigo que, nesta folha, publicou analysando o projecto da fundação do Theatro Nacional apresentado á Camara Federal pelos deputados. Srs. Augusto de Lima, Nogueira Penido e Azevedo Lima, peço licença ao seu autor, o meu illustre confrade Filinto de Almeida, para commentar o trecho que transcrevo. Diz elle:

«Construido o edificio apropriado, então sim, podemos pensar a sério na organização de uma companhia de comédia e drama, nacional, como a quer o projecto, mesmo com a cláusula restrictiva do artigo 2.º, letra A, que se refere á nacionalidade dos artistas, sem, todavia, se referir á do director ou empresario — o que não é mau, porque, desde João Caetano até Leopoldo Fróes não houve, que me lembre, companhia duravel com director na-

cional, a não serem a destes dois notaveis artistas, com meio seculo de intervallo. Será que não temos bastante geito para isso, ou porque somos menos pacientes...»

E conclue:

«Para dirigir-se o povo do palco quer-se um temperamento especial que me parece não termos, senão excepcionalmente.»

Não é geito que nos falta, mas sim um pouco mais de altivez para não andarmos sempre por mãos d'outrem, ou, o que ainda é peior: parecendo que assim andamos.

Caminha, falando da terra, disse o que se lê gravado no monumento dos descobridores: «A terra de si é graciosa e querendo aproveitá-la dar-se-á nella tudo.»

O Tempo encarregou-se de provar que o escrivão da frota viu com olhos de entendido. Ora, se o Genese não mente, o homem é terra e, sendo assim, se o solo, além de conter em si thesouros que, apezar de longamente explorados em largos annos de dura pena, pagando com juros fabulosos o resgate que só, alfim, obteve quando, em vez de ouro, os seus filhos, á maneira do que fez Camillo ante a intimação do brenn, valeram-se do ferro, tem ainda as suas minas quasi intactas e produz, multiplicando-as por centenas, todas as sementes

que lhe confiam, o autochtone deve ter em si a mesma energia e as mesmas forças de fecundidade que traz do nascedouro.

E tem-nas.

Que neguem ao brasileiro espirito de iniciativa, capacidade de trabalho, coragem, fé, perseverança e resistencia na luta os que o não conhecem, vá. Não é admissivel, porém, que se faça voz de tal côro quem vive, desde a infancia, nesta terra e nella sentiu desabrochar-lhe a poesia nalma, e nella firmou o seu lar, enchendo-o de venturas, sob o patrocinio de uma virtude que irradia em gloria para as letras que tanto a estimam e têm-na como um dos seus orgulhos.

Não!

Quem quizer conhecer o brasileiro rastrêe-lhe as pégadas destemerosas por esses transvios sertanejos, procure-o nas levas dos mineiros que se entranham na terra; busque-o nos rios, nos aguaçáes e marnótas do Amazonas, e nas campinas criadoras do Sul; siga-o por entre os cerrados de Matto Grosso e nos *geraes* goyanos e pasmará diante da obra formidavel desse titan a que só falta, para avultar em heroe, a arrogancia emproada.

Na Biblia ha um duello memoravel que dura toda uma noite, é o de Jacob e o Anjo, que, por ordem do Alto, experimenta as forças do que deve

ser o patriarcha do povo eleito, o conductor de Israel. O brasileiro bate-se, não com um só adversario, durante uma só noite, mas continuamente e com elementos varios e todos poderosos — é a terra com o seu viço asphyxiante, é o sol com os seus flagellos de fogo, são as aguas com as suas insidias, é a féra, é o tapuyo, são os marneis pestilentos, são os fójos sorvedouros, é a aridez adusta das dunas em lençóes micantes, e elle a tudo vence e prosegue desbravando espessuras, saneando maninhos, semeando cidades, espalhando lavouras e movimentando industrias.

Falta-nos um Firmin Roz que escreva a historia admiravel da energia da nossa raça.

Para vêr o milagre realisado pelo brasileiro não é necessario abalsar-se o curioso profundamente — vá, em viagem suave, ao interior de S. Paulo, e veja.

Não falarei de Barretos, activo emporio industrial que, com pouco mais de vinte annos de vida, já fornece carne dos seus frigorificos ao mundo.

Não falarei de Olympia, campina e selva ha menos de vinte annos e hoje cidade de opulenta industria; mostrarei apenas Baurú, onde, em 1901, uma horda de indios assaltou uma expedição deixando varios feridos e um bispo morto á orla da floresta. E que é hoje essa terra de selvagens? uma

das mais ricas e movimentadas cidades do grande e prospero Estado. E é, mais ou menos, assim em todo o Brasil.

O povo que dá um diplomata como Rio Branco; um Rondon, dominador da natureza; um Frontin; um Lauro Müller, um Passos, constructores de cidades; sabios e poetas, escriptores e artistas, como os que temos, commerciantes de iniciativa ousada como Affonso Vizeu, um industrial do valor de Jorge Street, um homem-força como Ruy Barbosa não póde dar um director de companhia dramatica, porque (senão excepcionalmente) não ha nelle quem tenha «temperamento especial» para tal officio. *Risum teneatis?*

Pois as excepções ahi estão provando que não é tão difficil governar o dono a propria casa.

Leopoldo Froes levantou o Trianon, Pedro Cardim continúa á frente da Companhia Nacional e o mesmo Trianon vai de victoria em victoria com a direcção de dois brasileiros — Oduvaldo Vianna e Viriato Corrêa.

Seria ridiculo que o Theatro Nacional fosse criado para ser dirigido por um estrangeiro. Isso equivaleria a um attestado de incapacidade passado pelo Governo e assim, em vez do Theatro Nacional vir provar a nossa cultura, viria dar testemunho publico, com sello official, da nossa incompetencia.

Seria a tutella e, francamente, tal subordinação servil em vesperas do Centenario da nossa independencia, seria a mais irrisoria e affrontosa das ironias.

Não! O Theatro Nacional, se o fizerem, deverá ser dirigido por um brasileiro nato, que ame, de coração inteiro, o seu paiz e o queira levantar á altura dos que mais se impõem.

Amanhan, sob qualquer pretexto, poderá alguem lembrar-se de pedir a uma nação da Europa um homem de temperamento especial para empunhar, á frente dos exercitos, a nossa bandeira.

Não! O seu a seu dono. Vivamos assim e viveremos bem.

1 de Dezembro.

Contraste

Nevoas? Ou seriam anjos descidos do céu, á noite, que assim andassem errantes pelas ruas vestidos de luar, procurando afflictamente a escada luminosa pela qual pudessem regressar á Altura?

Seriam anjos? Deviam ser.

Vinham, sem duvida, annunciar ao mundo, como fizeram, em Bethleem, os seus irmãos em Graça, o advento proximo do Messias, porque o mez é o do Natal.

Eram tantos, todos d'alvo, cruzando-se nas ruas como as nuvens brancas cruzavam-se no espaço.

Suave manhan, candida de tanta alvura e de tanta innocencia.

Tantos veus soltos ao vento, tantas corôas de rosas niveas. Eram anjos, sim, anjos da terra que iam levar as almas ao banquete da Eucharistia.

Era o ágape venturoso que attrahia as pequeninas.

Lá iam todas, felizes, para a Primeira Communhão. E a minha rua instantaneamente alvejou como coalhada de açucenas.

Eram as commungantes que se reuniam e, entre ellas, já ia a ultima flôr da minha vida, levando dois corações — um, que é a minha ventura e o meu orgulho . . . e o meu.

Que Deus lhe não falte jámais com a sua presença, tornando-lhe a meiguice natural em amor sereno e crystallisando-lhe em virtude o pudor delicado, couraça diamantina que defende com brilho a castidade.

Linda manhan de ternura!

*

Foi por vêr tantas crianças venturosas que me lembrei de uma «flôr melancolica» do meu «*Canteiro de saudades.*»

Colho-a para enfeitar com ella esta pequenina nota, mostrando aqui, em contraste com a ventura, como na vida, a desventura das crianças sem carinho para as quaes, neste mez, se devem abrir os corações piedosos.

A doceirinha

Pequenina e magra, com os ossos á flôr da pelle côr de folha secca, uns olhos grandes, negros, tristes, entre pestanas longas, como dois corvos pousados em velho muro hirsuto de hervas, mirando dalto a boca, vermelha como carniça, descalça e esmolambada, fizesse sol ou chovesse, todas as tardes a mulatinha passava pela minha rua, apregoando.

Era-lhe a voz tão meiga, ás vezes tão dolorida, que parecia vir tremula, chorando do fundo de uma agonia.

Uma tarde chamei-a.

A coitadinha veiu sorridente e á pressa e, descobrindo o taboleiro, quasi vasio, mostrou-me um resto de doces bolorentos.

Recusei-os. Mas a coitada fitou-me de tal modo, com tanta ternura no olhar triste, que tive pena e deixei a moeda no taboleiro.

— Tire um doce, disse ella.

— Não ! respondi com asco.

— Por que ?

— Não quero.

Ella, então, tomando humildemente a moeda, devolveu-ma.

— Guarde-a para você, disse-lhe eu. É sua.

Os olhos grandes da criança tornaram-se ainda maiores, naturalmente para conterem o espanto que lhe causára a minha generosidade, depois brilharam enternecidos com um esmalte crystallino que se desfez em lagrimas.

Fechei a janella para não chorar.

E foi assim que, com uma moedinha de vintem, adquiri doçura para toda a minha vida, doçura que sinto nalma toda a voz que me lembro do olhar de gratidão da mulatinha que, sem duvida, só naquella tarde, desde que, esmolambada e descalça vendia doces ao sol e á chuva, encontrara alguem que se compadecesse della.

8 de Dezembro.

Folha de acantho

«O Sr. ministro da Guerra mandou publicar em boletim do Exercito os desenhos referentes á folha de acantho e a sua disposição na gola, platinas, kepi e botões do mesmo uniforme, com explicação do decreto que dispõe sobre uniformes dos officiaes intendentes de Guerra.»

(D'*A Noite*, de 12 do corrente).

Outras florestas haverá tão bellas, tão opulentas e variadas como a nossa, mais, não.

Deixe, por um dia, a cidade e vá o mais exigente artista á matta, leve pinceis e paleta bem composta e não lhe será facil combinar tintas que dêm certos coloridos e reproduzam matizes que encontrará em flores e folhas; e as fórmas serão tantas a desafiarem-lhe a preferencia que os olhos, antes de se fitarem detidamente em uma, muito hão de gozar na hesitação voluvel em que a belleza os fará andar, ora de rastos pelas alfombras, ora subin-

do aos ramos ou remontando ás grimpas, onde se entregam ao sol voluptuosamente as aerides que vivem como em extase alimentando-se do ar e da luz.

Desde os fetos, que são verdadeiras rendas e certas parasitas que pendem em corymbos e em cadilhos de ouro ; desde as folhas que parecem fantasias de lavrante até as flores dos mais bizarros feitios, tudo é belleza no immenso mostruario verde e, onde quer que a vista pouse um breve instante, achará encanto em que se maravilhe.

« Certo, á noite, dirá o artista, as hamadryades, rompendo os caules que as encerram, sahem pela brenha apostando qual dellas fará maior surpresa aos homens com uma engenhosa criação floral ; e a espessura enriquece-se de lavores delicados e como o Inverno não tem prestigio nos dominios da Primavera o que ellas fazem perdura e, em qualtempo, pode ser admirado. »

Quem ainda não se abalançou a uma incursão nas selvas não sabe de quanto é capaz a natureza que, no limbo de uma folha, põe mais arte, caprichos de belleza, do que toda uma geração de artistas em seculos de trabalho.

As florestas em que podiam viver os deuses e os heroes do Ramayana, e que são nossas, ainda não tiveram o culto que merecem. Quem as penetra a fundo é o lenhador que as devasta.

Esse, sim, sabe onde se erige o tronco mais possante no qual se embotam varios gumes, mas que, derrubado e reduzido a carvão, embora abra um claro na frondencia viride, dar-lhe-á dinheiro bastante para viver um anno.

Esse, o depredador, conhece a matta, corre-lhe, como tapejara, todas as veredas, bate-lhe todas as trilhas, sabe onde manam as fontes crystallinas, onde se espraia em lago o rio florido de açucenas; vai direito ás cavernas, nortêa-se pelos cipós, evita os fójos, anda, emfim, no embrenhado como senhor em casa propria. Outro, o caçador.

Esses, sim, poderiam dizer da belleza do que lhes é familiar, calam-se, porém, porque a descripção que fizessem ser-lhes-ia, talvez, prejudicial chamando a attenção dos governos indifferentes, senão ignorantes do que temos, para o que deviam zelar carinhosamente porque, sobre ser belleza, é riqueza e, além de mais — saúde.

Se os nossos administradores conhecessem os dons que possuimos não se ostentaria a cidade ornada de arvores exoticas quando temos onde escolher formosas e aptas para todos os sitios, ainda os mais agrestes — umas que viçam em areaes, afrontando-se galhardamente com os ventos salitrados e, quanto mais lhes dá em cima o sol e as arêas se aquecem como borralho mais pompeam

formosura e verdor nas copas ; outras que frondejam em ramarias largas, alastrando sombras a que se podem agasalhar caravanas ; as que se ataviam de flores, as que se enchem de frutos ; umas aprumadas em caules lisos como columnas, outras com o tronco todo em nervos retorcidos, como ficou o corpo de Marsyas quando Apollo o escorchou por despeito depois do duello harmonioso.

Não, os nossos homens não sabem o que possuimos nas selvas. Ignoram a existencia dos modelos admiraveis de arte decorativa com os quaes, se houvesse gosto, facil seria criarmos uma esthetica brasileira, como provou exuberantemente o esforçado e patriotico artista paráense Theodoro Braga com os desenhos que expoz na Bibliotheca Nacional.

Se soubessem . . . ! O illustre ministro da Guerra, por exemplo, que é um espirito brilhante, illustrado e de gosto, não iria buscar no estrangeiro, para applicar ao uniforme dos intendentes da Guerra, a folha do acantho grego, sem duvida formosa, mas tomada a um tumulo pelo esculptor Callimacho.

Se não tivessemos uma folha brasileira para decorar uma farda justo seria que a buscassemos lá fóra ; tendo, porém, florestas como as que se estendem por chãos e montanhas, ricas em especies e de mil typos de folhagens, francamente . . .

Só nos falta pedir sol e ar ao estrangeiro, se já lhe pedimos folhas.

Emfim... cada povo com a sua mania: a de uns é julgarem-se superiores a todos os outros, a nossa é a de não valermos nada. Um paiz florestal a pedir folhas emprestadas. Está regulando, não ha duvida.

15 de Dezembro.

1922

Resposta a uma carta

O invejoso é um infeliz digno de lastima porque não goza um dos maiores prazeres da vida, que é o de admirar.

Quando todos se exaltam arrebatados em enthusiasmo diante de uma obra prima — seja um poema em versos perfeitos e harmoniosos ou prosa limpida; lavor em pedra ou metal; téla em que as côres reproduzam com expressão a natureza e a vida, ou um desses surtos olympicos de eloquencia em que toda a força cerebral, animada de emoção, afflue á boca em phrases torrenciaes e sonóras, cheias de idéas nobres, como as aguas de certos rios marulhosos que, defluindo, vão deixando as margens esparzidas de areias e piscas de ouro, o invejoso soffre atormentado.

Não tem olhos para vêr nem ouvidos para ou-

vir porque o despeito o céga e ensurdece e quando os demais, enlevados, proclamam e exaltam a belleza triumphante e louvam o artista que a realisou tornando-se, com isso, um bemfeitor da Vida, o invejoso, volvendo-se estortegadamente sobre si mesmo, raiva como o escorpião que remorde a cauda envenenando-se com a propria peçonha.

Não ha maior desgraçado.

Para todos os males ha remedio que, se não cura, abranda o soffrimento; para a inveja não ha allivio. Ella é como o cancro que corróe ás surdas, resiste ao proprio cauterio e, se cicatrisa num ponto, irrompe mais violento em outro.

Como lenir tal soffrimento se o paciente o não accusa e até o esconde irritando-se contra quem procura confortá-lo?

Só com o energûmeno póde ser o invejoso comparado.

O possesso, quando presente o exorcista, assanha-se enfuriado, investe aos uivos; faz-se féra afincando as unhas em grifas; ruge, espuma, atira-se de borco, debate-se, escabuja e, quanto mais o sacerdote insiste com a estola e o hyssope para expurgá-lo do inimigo que o domina, mais se lhe accende a ira.

Assim o invejoso. Que encantos poderá achar na vida esse desventurado que anda por ella como

faminto a quem, por castigo, forçassem a ficar num salão de festim, em ponto por onde passassem os serviçaes com as baixellas de iguarias odorantes e os vinhos preciosos e de onde elle pudesse vêr todos os convivas comendo e bebendo alegremente ?

Não tem o invejoso o sentimento de si mesmo : é como um espelho que só vive do que reflecte. Não tem vida propria — vive da vida alheia.

Testemunha de uma victoria, quando ao heróe fosse offerecida a laurea, se dispuzesse da força de Sansão faria como fez o hebreu no templo philistino abalando as columnas do edificio ainda que soubesse perecer nas ruinas porque com elle pereceria tambem o glorificado.

Que haverá que possa dar um pouco de alegria a essa alma tenebrosa ? Talvez a dôr alheia, essa mesma, se o paciente a supportar de animo inflexivel, com a serenidade com que os martyres encaravam os seus algozes, talvez o revolte porque, ainda que a tortura seja excruciante, a victima, sendo resignada, despertará a admiração daquelles mesmos que a suppliciam e tanto basta para que o invejoso, em face do heroismo, deteste o padecente por vê-lo succumbir entre o sussurro da multidão commovida e maravilhada.

5 de Janeiro.

Terra de Portugal

«LISBOA, 11 (U. P.) — O Sr. Cunha Leal declarou ao «Seculo» ter tomado a iniciativa de levar ao Brasil, por occasião da Exposição do Centenario, como symbolo augusto da patria, um pedaço de terra de Portugal encerrado em rico cofre executado pelo filigranciro Valbom e collocado num pedestal de granito arrancado das entranhas da terra portuguesa.»

(Telegramma dos jornaes).

O anno que desabrocha, anno em que commemoramos o nosso jubileu, deve correr todo entre alegria e concordia, duas margens felizes, uma na Patria, outra no mundo, com o Tempo entre ellas como um rio eterno.

Não basta que celebremos festas domesticas, de fronteiras a dentro, convem que as nossas vozes e o som dos nossos hymnos triumphaes cheguem ao longe apregoando a nossa gloria e os nossos sentimentos, para que se não continue a explorar

boatos que desfiguram o nosso caracter dando-nos como um povo arrogante e aggressivo, que recebe de má sombra dos que o procuram e, se os acolhe é sempre de catadura fechada perseguindo-os, maltratando-os, hostilisando-os principalmente quando os vê prosperar no trato de terra em que assentaram.

A lenda com que buscam empannar a nossa generosidade torna-nos antipathicos, attribuindo-nos sentimentos mesquinhos de xenophobia. «Que não admittimos estrangeiros na Patria; que nos aferrolhamos em estreito e tacanho nativismo, o que seria imbecilidade se não fosse a mais refalsada e tendenciosa calumnia que, por interesse proprio, outros assoalham pelo mundo a fóra.

Se o individuo não vive em isolamento, salvo se nelle domina o pensamento mystico que o arreda da vida activa para a contemplação ascetica, como poderá uma nação isolar-se, repellindo o concurso social de outros povos que lhe offereçam força, energia e enthusiasmo para o trabalho; que se integrem na sua população confundindo-se com ella pelo amor; que lhe respeitem as leis e a crença, que a honrem com actos e palavras, que a estimem pelos beneficios que houverem colhido do trabalho e pela bondade do agasalho dos naturaes?

O nosso sertanejo, quando se vê a braços com

uma tarefa superior ás suas forças como, por exemplo, o roçado de uma capoeira ou matta, recorre aos visinhos pedindo-lhes auxilio para o que chamam «mutirão».

No dia determinado para o trabalho em commum o dono da roça manda matar um cevado, prepara refrescos, reune violeiros e cantores e, desde cedo, começam a chegar os visinhos e pôe-se todos a eito na derrubada. É uma alegria.

Homens, mulheres e crianças, qual com mais empenho e apostados em vigor, atiram-se ao arvoredo. Estrondam os golpes de mistura com as cantigas, as trovas de amor acompanham o estrallar dos troncos. Empilha-se a mattaria, alimpa-se o terreno grangeado para o plantio e, ao cahir da tarde, recolhem-se os trabalhadores á eira e começa o banquete opiparo, entrecortado de zangarreios e cantares, depois as danças ao luar e idyllios.

A noite passa e a madrugada reabre-se dourada e sonora de vozes de passarinhos e do terreno da derrubada, que espera a sementeira, sobe o cheiro seminal da seiva dos troncos e dos ramos como o perfume da fertilidade.

Se assim pratica o sertanejo com os que o auxiliam, como ha de proceder differentemente a nação com os que a ajudaram a surgir, guiaram-na,

deram-lhe forças, auxiliando-a no «mutirão» do desbravamento das suas florestas e do desencanto das suas riquezas occultas ?

O dono da roça não admittiria, de certo, que um dos seus convidados, a pretexto de lhe haver prestado auxilio, pretendesse, por paga, usurpar-lhe a propriedade.

E já houve quem nos ameaçasse com tal pretenção ? Que voz ahi se levantou tentando expulsar-nos do nosso Paraiso ? Que me conste, nenhuma. Assim pois, porque não havemos de proceder com os povos que nos auxiliaram, e auxiliam, como procede o sertanejo com os seus visinhos, acolhendo e festejando a todos quantos nos ajudaram a engrandecer a Patria ?

A um delles, particularmente, devemos maior carinho — não queiramos apagar com mão ingrata o que está escripto em letras indeleveis na Histotoria — e esses são os portugueses.

Foram elles que receberam de Deus a Patria e no-la deram ; foram elles que a defenderam esforçadamente das ambições que, sobre ella, competiram ; foram elles que primeiro a exploraram com heroismo admiravel ; foram elles que a demarcaram e povoaram.

Erraram, por vezes, excederam-se em violencias, mas não fosse a bravura com que se portaram

os seus heróes e hoje, talvez, o territorio immenso que a nossa bandeira cobre, teria a dividirem-no pavilhões diversos e a lingua que sôa desde as cabeceiras dos rios amazonicos até a beira do arroio Chuy, seria apenas falada num canto minguado de terra onde, em pouco, morreria, como morre o arbusto cercado de arvores frondosas.

Não peço lições de patriotismo ao mais ardoroso, mas nem por amar a minha terra com toda a força de minh'alma extremosa, seria capaz de mentir á Verdade para aparceirar-me com a Ingratidão.

Somos um grande povo, somos uma Nação robusta, e os fortes são nobres e generosos.

Portugal manda-nos um presente tomado ao seu proprio corpo — carne e ossos, terra e pedra do seu territorio. É uma reliquia do Passado que devemos receber e guardar comnosco, lembrando-nos não só do que elle fez nos tempos primitivos para garantir a nossa integridade, como ainda do que fez nos dias contemporaneos conservando no seu Pantheon, com respeito religioso, os corpos dos que foram aqui senhores do throno e que, sendo brasileiros, eram terra do Brasil.

Recebamos de mãos abertas a terra de Portugal.

12 de Janeiro.

Uma lenda ubiqua

O mez de maio de 1899 passei-o eu, quasi todo, em Santa Cruz, na Bahia, com o major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, encarregado, pelo governo do Estado, de levantar a planta da bahia Cabralia e de estudar a região, determinando os pontos de mais realce na historia do descobrimento do Brasil.

Installados na casa da Camara Municipal da Villa, sobrado de cinco janellas, cujos baixos serviam de cadeia, com um quarto para o carcereiro, o qual apenas tinha, sob sua guarda, um preso que, ás vezes, sahia á porta «para apanhar fresco», regressando ao carcere quando bem lhe parecia, viviamos como em um seio de Abrahão.

O meu prazer era ficar á janella, olhando a costa e a immensa bahia em cujas aguas fundeou a frota de Cabral, e, andando com os olhos de um a

outro ponto, guiado pela famosa e fidelissima carta de Vaz de Caminha, recompunha *in situ*, com personagens imaginarias, mas que se moviam como se fossem reaes, o grande acontecimento, com todos os episodios citados pelo escrivão, desde a primeira visão do monte Pascoal, a descida á praia coalhada de selvagens, a missa, as scenas alegres do gaiteiro, até o triste abandono dos degredados que ficaram chorando entre as dunas, com os olhos alongados, seguindo as velas que se perdiam no horizonte,

Á noite, emquanto na igreja, a dois passos da Camara, soavam os canticos glorificadores da Virgem, sentavamo-nos á porta, gozando o fresco de mar.

Em cima, um velho negro agitando uma toalha, aos berros, enxotava os morcegos dos nossos aposentos, para que, durante o somno, não nos fosse cobrado o tributo de sangue.

O carcereiro, que nos rondava, fazendo jus ao café e a cigarros, era um narrador pittoresco e conhecia todas as lendas da região. Uma das que mais nos interessaram e que nos foi confirmada pelo Dr. Antonio Ricardi da Rocha Castro, de Porto Seguro, dizia de um milagre em tudo igual ao que se deu na costa do Rio de Janeiro, com Estacio de Sá, e que salvou o fundador da cidade de perecer ás mãos dos selvagens.

«Ahi pelos annos de 1797-98, piratas francezes, avisinhando-se da costa, em tres navios, encontraram um barco tripolado por um pescador do nome Reginaldo. Aprisionaram-no e, com ameaças, exigiram que elle os guiasse a ancoradouro seguro, onde ficassem sobre ancora, podendo desembarcar. Escusou-se habilmente Reginaldo ao officio de traidor, dizendo não conhecer a costa, que evitava, por ser sempre hostilisado pelos naturaes.

Não desanimaram os francezes e, remando para a Corôa Vermelha, desembarcaram em bateis, tomando pé na restinga.

Esperou-os em terra Pedro Corrêa, com dez companheiros e travou-se o combate com furia igual de parte a parte. Começavam, porém, a ceder os de terra quando, do lado da igreja, na collina, rompeu a todo o galope de um cavallo branco, á frente de um bando de soldados, lindo mancebo acobertado de armadura que faiscava ao sol. Investindo com os invasores, repelliu-os levando-os, pelo mar dentro, a golpes formidaveis.

Uns conseguiram alcançar os bateis, remando aforçuradamente para os navios, e muitos pereceram no mar.

O cavalleiro formoso e rutilante, que desappareceu, com os seus homens, logo depois da victoria, não era outro senão S. Sebastião, santo que é

tido em grande veneração em Santa Cruz, sendo o seu dia festejado com cerimonias religiosas, cantares e folgares do povo.

Levado pelos piratas, para Cayenna, conseguiu Reginaldo passar d'ahi a Portugal, regressando mais tarde a Santa Cruz, onde morreu velhissimo.

Falando do milagre, dizia elle que muitos dos francezes, escapos do guerreiro mysterioso, morreram de gangrena, a bordo, por se haverem cortado nas conchas e nas cascas de mariscos da baixinha da Corôa Vermelha».

A lenda, tal como a refiro, é corrente em Santa Cruz e em Pôrto Seguro e as festas com que é commemorado na velha igreja colonial o dia do santo batalhador, que é o de vinte de janeiro, de algum modo fundamenta a tradição da terra, conservada na memoria dos velhos, que a transmittem ás crianças e aos que por ali passam, como no-la transmittiu, com o pittoresco da sua linguagem e os arrebatamentos dos seus arranques dramaticos, o carcereiro da cadeia de Santa Cruz.

Será, em verdade, uma lenda local ou reflexo da que fez com que Estacio de Sá consagrasse a cidade que fundou ao glorioso martyr de Narbonna?

Eis um bom quebra-cabeças para os pesquisadores. Elles que o destrincem.

19 de Janeiro.

Proh pudor!

O espectaculo que, em sua orla littoranea, offerece, em todo o correr do dia, aos que a visitam, esta linda e liberrima cidade — os de casa já estão habituados com elle — é dos mais deprimentes e dá uma prova triste da compostura da nossa gente.

Nas proprias praias de banho européas, onde a moda é, por vezes, licenciosa, e onde quer que haja aquillo que se chama — policia dos costumes, não se permittiria o que aqui se vê, não nas arêas, onde a Venus rolou em faixas de espuma, maravilhando o mundo com a sua formosura, mas nas ruas, nas praças mais concorridas e em horas de maior movimento: o escandaloso deambular dos banhistas que, pelo facto de se irem metter nagua, vão de casa em trajos summarios de mergulho.

Os esthetas da escola de Rousseau, que entendem que a natureza não deve ser jámais prejudicada, por ser o modelo de todas as perfeições, gozam, de certo, com o que lhes deparam aos olhos as ruas de beira-mar; a Moral, porém, não póde, não deve aceitar de bom grado essa exhibição plastica, na qual figuram todos os modelos: desde o de Apollo e Diana até o de Vulcano, careca, ventrudo e capenga; desde o artelho fino, a perna nervosa e elastica como a de Atalanta, que se vai desenvolvendo proporcionalmente, em gracioso relevo, pela coxa torneada em fuste de columna, etc., etc., e o collo levantado a prumo, com entono orgulhoso da sua belleza, até o batatudo joanete, as panturrilhas em presuntos, coxas em forma de troncos, ventres em badanas frouxas bambaleando aos sacolejos em calções e por ahi acima, tudo do mesmo teor.

Os núcegos não se preoccupam com a decencia: a caminho do mar ou de volta da onda, seccos ou molhados, com o exiguo trajo frouxo ou collado á carne realçando-lhes o contorno, lá vão elles, contentes de si, e tanto se lhes dá que os olhem como que os pudicos tapem a vista para poupar-lhe o vexame. Estejam elles frescos, o mais... Com uma toalhinha ao pescoço, á maneira de focale (leia-se, á antiga, *cache-nez*) — como o aves-

truz, que, por esconder a cabeça, tem-se por invisivel — lá vão elles, *coram populo*, com as suas carnes á mostra para quem as quizer vêr.

E o estrangeiro concluirá do que vê que, se a nossa gente anda assim na rua, em casa, mais á vontade, andará como Deus a poz no mundo.

É natural que em um paiz ardente como o nosso, quando o thermometro sobe a 34° á sombra, o calor convide ao banho e as sereias attraiam ao mar a gente incendida da terra, mas o calor não funde o sentimento do pudor: refresquem-se á vontade, mas de modo que outros não fiquem ardendo em chammas, nem tão pouco certos corpos, mais proprios para museus, andem por ahi exhibindo a sua anatomia teratologica.

São crianças, adolescentes, adultos e anciãos, tudo quasi em pello por essas ruas querendo, a pretexto de banho, restabelecer a moda paradisiaca.

Não está direito.

Leonardo da Vinci entendia que o nú humano é a expressão suprema da belleza. Garanto que se o enamorado de Monna Lisa resuscitasse e ficasse uma hora, á tarde, na *Ilha dos Promptos*, no Largo do Machado, vendo passar o enxame dos banhistas, modificaria completamente a sua esthetica. Ha bellezas, pois não; bellezas que se apparecessem ao beato Antão, no deserto, fariam o

abstinente eremita, inimigo da carne (imaginem se elle conhecesse o zebú !) recorrer ás disciplinas e rugir mordendo os pulsos; essas, porém, são raras. A maioria é de estarrecer.

Vêm-se d'ali coisas . . . só mesmo repetindo o que disse o poeta referindo-se a outras vergonhas: « Não sei de nojo como conte . . . ! »

Que dos clubs nauticos saiam para o mar os socios em trajos de banho comprehende-se: os clubs ficam ao carão das praias, d'elles é um passo até a agua. Mas o que se não deve admittir é que continue a atravessar ruas e ruas essa população neptunina mostrando o que tem e o que não tem.

Póde ser muito commodo, mas não é decente. Foi para evitar escandalos taes que se fizeram os balnearios, as barracas e os carros cubiculos, onde os banhistas, sem offensa ao pudor, trocam as roupas de terra pela vestimenta de banho. Mas o que vemos ahi por essas ruas póde ser muito pratico, mas como prova de civilisação . . . é fresca demais.

2 de Fevereiro.

Um monumento

A obra que Portugal está pacientemente levantando para commemorar o 1.º centenario da nossa independencia, fazendo, ao mesmo tempo, uma eloquente e formosissima exposição das suas glorias — das maiores de que se orgulha a Humanidade — será uma construcção perenne, erigida no Tempo, com elementos impereciveis porque são tirados da Immortalidade. É ella a *Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil*.

O meio em que avulta é a éra das expedições e conquistas ultramarinas e os operarios que se afanam em tão portentosa fabrica são mestres eximios em sciencias e artes que se não utilisam de instrumentos outros mais que o pincel e a penna.

Os materiaes que empregam tiram-nos de documentos do Passado: codices, chronicas e car-

tularios, repositorios onde se conserva o que fluctúa á flôr dos tumulos por não caber na morte: os fastos da grandeza do povo português, uns colhidos na Historia, outros respigados na tradição — o registo e a lenda.

Em tal edificio, de proporções colossaes, só entram, como no Walhalla escandinavio, os manes dos heroes e, assim, tal monumento será um Pantheon no qual, cada um no seu tempo e na magnitude dos feitos em que se celebrisou, figurarão, animando os episodios do grande seculo dos triumphos lusitanos, triumphos que culminaram na madrugada de Maio de 1500 no cimo do monte Paschoal, viso annunciador da Terra de Santa Cruz, todos os barões assignalados que o Poeta enalteceu pondo-os á frente do poema, na primeira estancia, como precursores, que foram, da éra de maior fastigio da pequenina nação que encheu o seculo com a sua fama.

Essa obra, sendo portuguesa em substancia, concentra, em germen, a Historia do Brasil: é o ácume de onde se avista no horizonte brumoso a terra de Chanaan.

Todo o seu brilho concorre para illuminar os mares de onde devia surgir a região maravilhosa. É um esplendor devassando um mysterio.

Geramo-nos no heroismo daquellas paginas.

Nessa obra, em que collaboram sabios e artistas, obra de erudição e de poesia, obra de pesquisa e de enthusiasmo, apparecem, espanados do pó secular, os documentos preciosos que serviram de guia aos atrevidos navegadores de outrora e os relatos ficis das esforçadas aventuras em que se empenharam tantas honras e pereceram tantas vidas; e surgem testemunhos que esclarecem episodios obscuros, passagens duvidosas, pondo em realce factos de relevancia desapparecidos no accumulo dos archivos, revelando acções magnificas, reaquistando glorias usurpadas, firmando, emfim, a Historia Portuguesa no seu verdadeiro pedestal, com os numerosos baixos relevos que a exornam, desde a meditação do solitario de Sagres, o Principe Taciturno que, das arestas do promontorio druidico, como que viu, em miragem, no céu, o contorno da terra verde que se escondia a Oeste; as arrancadas das naus em rumo ao Oriente e os asperos combates com gente amouca; as travessias de desertos em demanda do Preste João; os perlongamentos da tempestuosa costa africana, até o periodo do deslumbramento quando D. Manuel, o Venturoso, vê em volta do seu throno, mais rico que o de Salomão, rajahs e sobas com as pareas de respeitoso tributo.

Essa obra, já no quarto fasciculo, sempre cres-

cendo em valor e em belleza, será, quando completa, um patrimonio das duas patrias, constituido pela generosidade da colonia portuguesa no Brasil, á cuja frente se collocou o activo e intelligente industrial Sr. Souza Cruz, homem de rija tempera, de vontade ferrea, cujo coração divide-se, com amor igual, entre Portugal e Brasil — a terra natal e a terra do amor. Outros reputados representantes do povo irmão, entre os quaes os commendadores Garcia Seabra e Rainho, prestaram valioso auxilio ao iniciador.

A direcção litteraria da obra foi confiada á competencia de Malheiro Dias, em cujos veias fundem-se os dois sangues brasileiro e português, encarregando-se da parte artistica um mestre que, na sua arte, lembra os famosos illuminadores medievaes: Roque Gameiro.

O 5.º fasciculo, ansiosamente esperado, será uma maravilha. O assumpto: — *A era manuelina*, faz-nos pensar em uma apotheose. É a pompa oriental no scenario tagitano.

Lisbôa refulge em ouro e gemmas. A côrte de D. Manuel obscurece e de Harun Al Raschid. Vive-se nella como nas *Mil e uma noites*, mas os genios que realisam prodigios ao aceno do talisman, que é o sceptro, são heróes que sulcam os mares.

O fausto corre parelhas com a gentileza. As cavalgadas, que atravessam sumptuosamente as ruas de Lisboa ou, ainda mais ricas, como a que levou ao Papa a famosa embaixada chefiada por Tristão da Cunha, são verdadeiros encantamentos.

Para tal luxo correm naus o oceano, trabalham as officinas artisticas, desenrolam-se, á larga, fardos de sêda e velludo e nos paços são festas e trebelhos, danças graciosas e galanteios e as musicas enchem de alegria os ares da cidade que trescalam aromas de essencias levantinas.

Portugal toca o apogeu. Para evocar essa éra de esplendido fastigio só a vára prodigiosa de um magico e essa acharam-na os editores da *Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil* na penna de Julio Dantas.

Resta agora que a obra formosa, tão nobre e caprichosamente iniciada, se complete. É necessario que o Brasil continue do ponto em que parar Portugal dando, com a mesma grandiosidade com que elle fez o poema das suas conquistas, o poema, não menos esforçado e bello, da expansão paulista, das *bandeiras* e monções até á affirmação definitiva da nacionalidade. E, assim, a Historia de heroismos com que Portugal vem a nós na hora feliz do nosso jubileu, não ficará parada, proseguindo pelos seculos adiante levada por heróes brasileiros,

tendo por guia, sempre propicio, o mesmo Deus que tanto protegeu a gente lusa e por expressão em que registe as glorias a mesma lingua em que escreveu Camões.

9 de Fevereiro.

Mors-amor

«Chaque année un certain nombre de jeunes gens appelés sous les drapeaux se suicident au moment de partir pour le régiment, parce qu'ils ne pouvent se résigner à se séparer de leur fiancée ou de leur maîtresse; quelque fois ils les decident à mourir avec eux.»

LOUIS PROAL—*Le crime et le suicide passionnels.*

Nem originalidade sequer ha na tragedia da estrada das Furnas: o lance acha-se registado, entre os casos communs, na obra do notavel juiz da Côrte de Appellação de Riom. Se, ao menos, os namorados trouxessem *algo nuevo* aos noticiarios, emfim... a vida é tão comesinha, tão corriqueira que, qualquer coisa inédita que nella surgisse, seria olhada com interesse enthusiasmando ou commovendo. Assim, porém, francamente... Não vale a pena gastar polvora e balas e ainda por cima dar trabalho a tanta gente que tem mais que

fazer: policia, reportagem, medicos, serviçaes do Necroterio, coveiros, padres para as missas, obrigando ainda os parentes a despezas extraordinarias com o luto, estando as coisas pretas, como estão, tudo pela hora da morte.

O verdadeiro amor é nobre, generoso, dedicado e pertinaz, arrosta todos os perigos, affronta-se com todos os adversarios, não admitte impossiveis e, se succumbe, como succumbiu Leandro nas ondas bravias do Hellesponto, vai-se da vida levando nos olhos a imagem do ser querido, como o nadador levou na retina a luz da torre para onde o coração o impellia, sem bradar do abysmo, atravez da tormenta, áquella que, ansiosamente, o esperava: «Cahe na agua, Hero, que eu já vou indo para o fundo.»

O heroismo é sempre generoso. E onde apparece elle na scena ridicula de dois namorados que ajustam morrer juntos, não podendo realisar o que desejam, por serem fracos?

«Eu dou um tiro em você, dou outro depois em mim, e está acabado.»

Isto é um acto de covardia e despeito, é deserção de quem, por lhe não occorrer meio habil de vencer difficuldades, vale-se do lugar commum, que é a cova. Nem se dirá que tal procedimento é inspirado pelo desejo de ter eternamente a compa-

nhia do bem amado porque, como lá diz a canção:

Não cabem em uma cova dois defuntos.

Aquelle que ama observa o que ordena o proverbio arabe: «Em uma mulher não batas nem mesmo com uma flôr». Os apaixonados de agora não batem, vão logo ás do cabo: matam.

Casos taes, a principio, impressionam, analysados, porém, mostram logo a eiva. O homem que abandona a luta por se não achar com forças de nella insistir é um pusillanime da tempera daquelle pintalegrete descripto por Maupassant que, desafiado para duello, passa a noite em claro, nervoso, aterrado com a idéa do encontro, vendo-se em campo diante do adversario, em presença das testemunhas e, vencido pelo medo, lança mão de uma pistola, a mesma com que se devia bater, e vara o craneo. Esse, emfim, mata-se só, não sacrifica outra vida.

O namorado, não. Trata preliminarmente de convencer a namorada a acompanhá-lo. Mette-lhe caraminholas romanticas na cabeça, preparando-a para chupar a bala amarga; diz-lhe que a morte não dóe, que é uma coisa á tôa. Fala-lhe da cara com que hão de ficar os parentes quando os acharem estendidos na mesma pôça de sangue, e das

noticias nos jornaes, dos commentarios dos conhecidos.

A pobresinha, ingenua, céde á suggestão e entrega-se ao revólver como se entregaria ao beijo se, em vez de sanguinario, o seductor fosse um inflammado. D. Juan era, sem duvida, mais humano com a sua guitarra do que os namorados de agora com as armas de que lançam mão como recurso extremo.

Ha, em taes tragedias, um ponto sobre o qual devem meditar as namoradas sem ventura quando lhes forem feitas propostas de morte pelos respectivos noivos ou pretendentes — de tal traição não póde, aliás, ser accusado o mancebo das Furnas, que se portou como homem de palavra — é o da possibilidade do logro por arrependimento. Assim, quando o namorado propuzer o tiro na cabeça ou no coração, compromettendo-se a fazer o mesmo em si, o que a jovem deve fazer é dizer-lhe o seguinte: (Seguro morreu de velho!)

— Olha, fulano, dá primeiro o tiro em ti, para eu ter coragem. Era assim que mamãi fazia quando, em pequena, eu tinha de tomar remedio — provava primeiro.

Estou certo de que, assim, se não escaparem os dois, uma, ao menos, ficará... para chorar o outro até que appareça quem a console.

Decididamente a imaginação dos namorados precisa inventar alguma coisa mais interessante — isso que por ahi anda até parece, mal comparando, *fita* americana com o indefectivel *cow boy* a despejar tiros a torto e a direito. É estupido.

16 de Fevereiro.

Clubs e cordões

O que não conseguiram os grandes clubs gastando rios de dinheiro e pondo em competição os nossos mais celebrados artistas scenographicos que se esmeram, em sigillo hermetico, na composição dos faustosos prestitos carnavalescos, vai, pouco a pouco, realisando o Povo com as suas modestas sociedades e os seus cordões pittorescos — o renovamento do Carnaval.

Por mais que se esforcem, estimulados pelos galardões da victoria, os compositores dos cortejos de Momo, não conseguem trazer á rua novidade que interesse e, á maneira do que fez o discipulo de Apelles, supprem, com excesso de recamos, a falta de inspiração.

São sempre as mesmas idéas ligeiramente modificadas — carros que se alongam, alguns com

allegorias elasticas que se distendem e retrahem-se, dragões hiantes, aquarios ou viveiros de aves, kiosques com lambrequins e lanternas, portadas infernaes ou nuvens paradisiacas, quadrigas e bicharia truculenta, tudo carregado de muita cochinilha e ouro, cercado de luzes e com mulheres, algumas alcandoradas em redouças giratorias, tão tristes nos seus *maillots* e acenando gestos tão desgráciosos á multidão que mais parecem victimas pedindo soccorro do que bacchantes em thyrso festivo.

Não enthusiasmam, fazem pena. E de espirito . . .

Antigamente, nos dias imperiaes — talvez, porque, então, havia mais liberdade — os clubs apresentavam sempre, com o luxo ostentoso dos carros ornados, mais do que pelos ouropeis, pela belleza das mulheres que eram disputadas a ouro em Cythera, a critica aos casos politicos do anno, commentarios graciosos e caricaturas que provocavam riso e applausos da multidão. Ás vezes appareciam surpresas que valiam ao club que as exhibia a palma da victoria. Lembro-me ainda de uma guarda de honra de amazonas, de uma caravana de retirantes cearenses, sertanejos vestidos a caracter, uns a pé, outros a carro ou montados em burros, cantando dolentemente a tristeza do exo-

do, e tambem do comico desfile de chins quando se discutiu calorosamente a immigração de *coolies*.

Havia riqueza, havia belleza e havia espirito e a Policia não *vetava* carro algum, ainda que nelles apparecesse, como quasi sempre apparecia, a famosa castanha de cajú, que era a caricatura symbolica do imperador ou qualquer dos politicos mais em evidencia, como Cotegipe que era infallivel em todos os carnavaes.

Hoje o carnaval é expurgado como as edições de certas obras *ad usum Delphini*. O Povo é que está injectando nas veias dessoradas de Momo um sangue novo; o Povo é que está dando interesse ao Carnaval com os seus *cordões* e as suas sociedades.

Os antigos *cordões*, constituidos de capoeiras, que se fantasiavam de diabos, de velhos, de morcegos e de indios e *cucumbys*, eram maltas perigosas que se aproveitavam das mascaras para resolver á navalha antigas pendencias. E havia tambem os estrondosos, zabumbados e inoffensivos zés-pereiras.

Hoje os *cordões* são grupos coraes que se ensaiam em cantos e em marchas coreographicas de evoluções graciosas. Não trazem luxo, não se impõem pela riqueza, apresentam-se, porém, acceiadamente, sempre com uma cantiga satyrica ou

amorosa e vão, assim, despertando o interesse pela musica e trazendo para a grande festa da cidade as languidas melodias dos sertões, a voz da terra desde as regiões dos rios até as fronteiras pampeanas.

Póde ser que outros prefiram os dragões prateados e as alcandoras de héteres; eu, por mim, confesso que acho mais encanto nas cantigas populares que por ahi sôam e nos bandos de dançadores que por ahi circulam.

2 de Fevereiro.

Um eleitor

Não foi por falta de sentimento civico que o Leandro deixou de votar. Não ha cidadão mais integro e conscio dos seus direitos e deveres do que esse patriota estreme que sabe de cór a Constituição e canta o hymno, com a familia, em todas as datas nacionaes.

Leandro tinha o seu candidato, pelo qual trabalhou com enthusiasmo e até com sacrificio da bolsa: não só mandou imprimir cartazes como, segundo se diz, conseguiu alguns votos pagando-os, não direi á boca da urna, (não chegou Leandro até tal orificio) mas adiantadamente, mediante compromisso de honra, porque recibo ninguem dá de tal mercadoria.

O caso é que elle contava dar ao seu candidato quarenta votos, mas...

Como bom brasileiro, que é, brasileiro da gemma, nascido e criado nesta cidade, Leandro é um carnavalesco dos quatro costados. Deixar de fantasiar-se é, para elle, tanto como deixar de votar. Na mão direita uma chapa, ou cedula, na esquerda um lança-perfume, assim devera photographar-se, para passar á posteridade no seio da familia, esse estrenuo defensor da soberania popular e inclyto presidente do Gremio Familiar Dançante Flôr de Abril.

Ora o carnaval coincidiu com a eleição — justamente na hora em que se enterrava Momo envolto em serpentinas, aspergido a bisnagas e sob pasadas e pasadas de confetti, a urna escancarava a boca chamando, em brados civicos, os eleitores, cujos votos deviam saciar-lhe a gana.

Leandro ainda estava com os ouvidos cheios da zoada carnavalesca e não ouviu o appello do vaso suffragante e, ainda que o tivesse ouvido, não poderia comparecer a acto tão grave, de tanta solemnidade fantasiado de morcego.

Morcego não vota.

Correr á casa, metter-se num banho, vestir-se, almoçar, tomar um taxi e voar á secção seria facil se Leandro não se houvesse excedido em certas coisas, perdendo a noção do tempo, a firmeza das pernas e até uns cobres que levara num bolso

dissimulado debaixo de uma das azas do vampiro, cuja fórma revestira.

Recolhendo-se á séde do Gremio, em lamentavel esbodegação, Leandro foi levado em braços para a cama e dormiu sobre os louros colhidos na terça-feira, porque o Gremio, com a sua morcegada, levantou um dos premios offerecidos aos cordões de mais espirito ou riqueza.

O gremio ganhou pelo espirito — só chopes, oito barris.

Ás oito da manhan de hoje a familia, alarmada, vendo que o homem não dava acordo de si, resolveu despertá-lo. Não foi facil. Emfim, depois de muito lidar com elle, de sacudi-lo, de berrar-lhe aos ouvidos conseguiu o sogro pô-lo de pé.

Leandro esfregou os olhos estremunhadamente, relanceou a vista em volta e, reconhecendo o quarto, o sogro, a mulher e os filhos, estirou os braços bocejando.

De repente, relampejando-lhe na memoria obscura a lembrança do carnaval, perguntou, agarrando o sogro pela lapella do casaco :

— Quem ganhou ?

— Ainda não se sabe, homem. A apuração dos Estados, está chegando, agora.

— Dos Estados . . . ?! Mas os Estados tambem votam ?

— Hom'essa ! Pois não hão de votar.

— Mas se elles não viram os prestitos ! Se eu, que os vi, sinto-me em difficuldades para votar, quanto mais elles.

— Mas a que eleição te referes ?

— A qual ha de ser... a das sociedades carnavalescas.

— Ora, Leandro. Isso é historia antiga. Eu falo-te da eleição presidencial. Em que estado tens tu a cabeça, homem de Deus !

— A minha cabeça não está em Estado algum, está no Districto Federal, salvo se... O senhor é que me não parece ter o juizo assente. Eleição presidencial... Mas a eleição presidencial é hoje.

— Hoje ! ? Estás enganado, Leandro : foi hontem. Tu perdeste todo o teu latim no carnaval. Levanta-te, vai tomar um banho, comer alguma coisa e mette-te de novo na cama, porque ainda não dormiste o bastante.

— E o meu voto ! Pois então eu... eu que andei por ahi pintando o diabo, expondo a minha vida, arriscando-me a tudo e gastando dinheiro... Eu...

— Ora ! brincaste, homem. A vida não é só politica. Que importa este ou aquelle ? Deus é grande. O Gremio levantou a corôa. Pois então ? Viva o Gremio ! E o mais ha de ser o que Deus quizer.

Leandro considerou um momento, coçou a nuca e, sentando-se á beira da cama, a pensar no cumprimento do dever, murmurou em soliloquio civico:

«Foi o diabo! Tambem, que idéa... misturaram o carnaval com a politica, fazerem da urna das cinzas urna eleitoral. Até parece coisa de defuntos. Emfim, aguas passadas. Olhem, ponham-me um banho morno e dêm-me um calice de cognac. Foi o diabo! Emfim... já agora...»

E poz-se a assobiar a cantiga carnavalesca, aquella..

2 de Março.

Auto da fé

Christo tinha ainda de esperar tres seculos para vir ao mundo quando irradiou no throno da China um dos mais abrasadores dos muitos filhos do Sol que alumiaram aquella terra ancian antes que a Republica, em eclypse total, acabasse com a prefulgente dymnastia heliaca. Chamava-se tal monarcha Hoang-ti. Era homem de maus figados, atrabiliario, despotico, que levava tudo á virga ferrea. A Lei era elle, só elle!

Os mandarins, enrolando servilmente os rabichos, só se aproximavam do throno arrastando-se de joelhos e ai! daquelle que ousasse levantar os olhos vis para o disco solar, que era a face amarella do imperador! A um golpe vibrado, a duas mãos, por um dos guardas do throno, rolava a cabeça do atrevido em jorros de sangue e os de-

mais mandarins, edificados com exemplo tão alto da soberania, louvavam, a brados, a magnanimidade do principe, Luz radiosa do Imperio e terror do mundo.

Esse Hoang-ti, receiando que os letrados do imperio pudessem influir no espirito do povo com o que arengavam ou escreviam, resolveu dar um golpe seguro que o livrasse de tal gente perniciosa e das suas obras subversivas. E promulgou um decreto condemnando á morte todos os homens de letras e ao fogo todos os livros, exceptuando apenas os tratados de medicina, de agricultura e de magia.

A mortandade foi grande, maior, porém, foi o incendio litterario. Durante dias e noites flammejaram fogueiras de poesia e de erudição, de conceitos moraes e de disciplina politica e as cinzas de tanto pensamento espalharam-se pelos quatro cantos do imperio.

Rejubilou o tyranno com o seu acto, certo de que esterilisara a alma chineza para o todo sempre. Enganou-se, porém, por que, mal se soube que elle havia expirado no setimo palacio, que era o mais intimo da sua cidadella de porcellana e laca foi, em todo o imperio, um aforçurado exhumar de livros e onde parecia medrar uma viçosa cultura de batatas tudo eram philosophias, poesias, ethi-

cas e estheticas, livros a deitar fóra e o carreiro logo se revelou poeta, largando a aguilhada pelo plectro ; o lavrador mandou ás favas o podão e sahiu doutrinando principios ; o pescador, que amorrinhava á beira do Rio Amarello, atirou ás aguas o caniço e, tirando da cinta *as ollas* nas quaes se achavam inscriptos os conselhos de Confucio e Mencio, restaurou a doutrina que as chammas haviam atacado.

E nunca a China teve tantos sabios, tantos poetas, tantos philosophos como depois do morticinio e do incendio decretados por Hoang-ti.

O pensamento é germen — e não ha de ser sepultando-o que o hão de abafar, nem queimando-o que o hão de fazer desapparecer : a terra é berço e as chammas purificam e estimulam.

O governo hespanhol, mandando queimar em *âuto da fé* uma obra recente do escriptor Gomez Carillo, por vêr nella offensas á moral, restabeleceu o Tribunal de Santo Officio com a censura fradesca, fazendo recuar a Hespanha, justamente quando o seu genio ardente exsurge vigoroso em obras primas, a tres seculos antes de Christo, revestindo seu rei, que é um dos principes mais cultos e mais liberaes entre os poucos que ainda resistem á

força vencedora da Democracia, dos trajos ridiculos e pantafaçudos do imperador Hoang-ti.

Gomez Carillo não se molestou com a affronta e respondeu ao fogo dos puritanos do governo com um protesto ironico.

E assim, em vez de matar o livro, o governo pô-lo em fóco, cercou-o de uma aureola, deu-lhe mais vida e vida esplendida como a que Ceres quiz dar a Demóphonte, filho de Metanira, fazendo-o passar pela fogueira para immortalisá-lo.

9 de Março.

Hecatombe

Nas immediações dos morros, com a lama vermelha em que elles se dissolvem, fluida num ponto, gelatinosa em outro ; aqui, irradiando em viscidos filetes ; adiante, empastada em coalhos, a cidade apparenta o aspecto de uma cancha de colossal xarqueada onde se abatam, sem descontinuação, em sacrificio a um deus truculento, não uma, milhares de hecatombes.

O sangue grosso, pastoso, lubrico, alcatifa as ruas, tapiza as praças, retinge os passeios, resalta nas paredes dos predios, bólsa dos poças á passagem dos vehiculos, respinga os transeuntes e, com as chuvas, a hemorrhagia avulta em inundação e as ruas tornam-se verdadeiras arterias, o proprio mar encarde-se coralino como immenso lagar de manipuladores de murex.

São as montanhas que sangram, feridas de morte.

Quem anda patinha na sangueira e leva nas solas dos sapatos um pouco da força heroica das eminencias de outrora. Os sagrados *bamoths* andam por ahi de rasto ; os altares da cidade fundem-se em lamaçal e . . . o que se ganha em extensão perde-se em elevação.

Nada como o terra a terra, o comesinho, a chatesa. Que valem alturas ? As torres mais bellas não se comparam a um talhão de couves bem plantado e estrumado.

Feridos de morte, são os morros retalhados, espostejados como as rezes quando abatem pungidas pelas choupas e as terras altas, como as mantas de xarque postas nos varaes, á sécca, são lançadas no mar firmando nas arêas, leito antigo das ondas, avanços de territorio.

O que entristece e apavora é vêr todo esse copioso sangue maculando a cidade com estygma de maldição.

Ha ruas, como a do Lavradio, que são verdadeiros canáes de matadouro : o sangue lodoso sóbe em ondas, agglutina-se peganhento, travando as rodas dos vehiculos, apega-se collante aos pés dos transeuntes, entope os boeiros e, galgando os passeios, vingando os limiares, invade as casas ameaçando os moradores com o diluvio tragico.

Se a chuva bate mais rija, formam-se cachoeiras e, pelos flancos dos morros esborcinados, despenham-se torrentes rubras e, então, na planicie, a levada torna-se precipitosa, violenta como de aneurisma que estourasse.

E quem não corre ante as ondas do cataclysmo púrpuro arrisca-se a perecer como o tyranno que foi mergulhado em sangue.

Os vulcões explodem lavas, regolfam, a jorros, o bitume inflammado das entranhas, mas conservam-se os mesmos como se mantem o Vesuvio arrasador de cidades.

Os nossos morros desfazem-se e com o proprio sangue alagam a cidade que os chacina, dando-lhe ainda a terra com que a engrandecem no mar.

Até nessa bondade se parecem elles com os bois que, emquanto vivos, trabalham sem descanço e, mortos, são carne de açougue.

O maior dos morros trouxe, desde os mais remotos tempos, atravéz dos seculos, as sagradas reliquias da cidade, os ossos do fundador e o marco fundamental, abrigou nos seus flancos os primeiros povoadores, prestou serviço aos navegantes e nelle homens communicavam-se com os astros e communicavam-se com Deus: no observatorio e no templo.

Todos esses serviços foram esquecidos e o mor-

ro foi ferido no coração e, feito em tassalhos, vai desapparecendo no sangue com que inunda a cidade e na terra com que a alimenta para que se faça maior, mar a dentro, e mais bella.

Fosse elle vulcão e certamente ninguem ousaria metter-se com elle, mas simples morro, boi manso . . . vai mesmo ao córte, não ha que vêr.

16 de Março.

Aos martyres da aviação

Glória á progenie de Prometheu!

Que importa a queda de uns se os seus corpos hão de servir de degraus á escaleira atrevida que entrará em espiral pelo mysterio do Além?

A arvore, zurzida pelos ventos, perde folhas ás mil antes de dar flôr e fruto e as que lhe cahem nas raizes desfazem-se em humus e infiltram-se-lhe no cerne em vida e força nova.

O proprio Deus só triumphou depois da morte.

Só as alturas glorificam.

O canto augusto entoado nos ares pelos anjos na grande noite da Genese christan exaltou o Creador, não nas palhas humildes do presepe, mas no excelso, e os mais bellos episodios da vida do Messias passaram-se todos em eminencias — desde o idyllio que lhe fez sentir a doçura do amor hu-

mano, em Bethania, até a angustia da vigilia no horto de Gethsemani.

Em uma montanha prégou elle o sermão no qual resumiu essencialmente toda a sua suave doutrina, expirou no Golgotha e de outro monte alçou-se em ascensão triumphante ao céu.

Os que se levantam da terra partem como revôa a poeira nos torvelins dos ventos: sem rumo, sem esperança de pousio.

Que monta que se percam no oceano grãos de terra se alguns que se salvem no lesim de um penhasco esteril serão bastantes para formar um nucleo de fecundidade onde medrará o primeiro germen que nelle cahir ?

E não é assim que se encorpam as pequeninas ilhas solitarias que, accrescidas dia a dia com o que nellas depositam as auras ou lhes atiram as vagas, desenvolvem-se frondejando em florestas, enchendo-se de cidades, tornando-se grandezas estendidas de polo a polo, como essa celebrada Atlantida povoada de gigantes ?

A Morte não destróe como o lavrador não mata ; sepulcros são covas de sementeiras.

Deixemos voar nos ventos a poeira atrevida. Acompanhemos com sympathia o surto dos atomos.

Perdem-se muitos, extravia-se a maior parte,

um, porém, um só que logre alcançar o destino que todos buscam, esse firmará a conquista humana no Além, estabelecendo a cadeia universal que ligará todos os mundos.

A hora triumphal jaz ainda no Tempo : os minutos avançam lentamente cahindo na ampulheta tragica, não em grãos de arêa, mas em cadaveres de heróes.

Feliz do voador ousado que fizer soar na altura o hymno glorioso, o brado que agitará violentamente o mundo annunciando a travessia olympica do oceano ethereo, atravez das ondas das nuvens e pela resplandecencia aurea do sol e, descendo entre os homens maravilhados, descrever a visão do primeiro littoral pallido ou dourado de um desses orbes que, só á noite, se nos mostram refulgentes.

Esse aventureiro ousado regressará á terra baixa como tornou á arca a colomba mensageira trazendo a nova desejada de uma estancia de vida mais bella e mais perto de Deus.

Antes, porém, que clangorem as fanfarras triumphaes, é justo que prestemos aos precursores cahidos a homenagem ou culto que muito nos merece a memoria dos seus feitos, reunindo os seus despojos em um monumento funereo que servirá, um dia, de pedestal ao vencedor, áquelle que conseguir, emfim, realisar o grande ideal humano e que

surgirá glorioso do acervo do sacrificio como de um sólo rispido e pedregoso, mas porfiadamente trabalhado, rompe, por fim, dentre sementes esmarridas, uma que vence e surte, cresce, frondeja e inflora-se.

Façamos, para estimulo aos vivos e glorificação dos mortos, o Pantheon dos nossos aviadores martyres.

30 de Março.

Como se formam as lendas

A Poesia, como a terra, tem as suas flores rusticas e selvagens, umas mimosas, ephemeras, que desabrocham em plantas debeis que, uma vez apenas, abrolham, logo seccando na frincha do rochedo ou no torrão em que cahiu o germen que as produziu ; outras vivedouras, como as aérides, que se agarram aos troncos mais robustos da selva e atravessam annos e annos abrindo-se, de quando em quando, em maravilhas que fazem inveja ás mais bem tratadas flores das estufas.

Entre as primeiras podemos inscrever as cantigas de amor e as canções allusivas que têm a sua hora de exito, soam em todas as bocas e, de repente, calam-se, desapparecem, sendo substituidas por outras mais sentidas ou mais opportunas. Algumas ha tão ligeiras que lembram essas nymphéas

que descem na correntesa dos rios em rumo ao oceano, onde se perdem.

Entre as segundas, flores eternas, que enfeitam e perfumam o «folk-lore» dos povos, estão as lendas.

Quem lhes conhece a autoria? Quem poderá dizer como surgiram e onde? Apparecem como as aérides no tronco das tradições e ahi ficam agarradas, abrindo-se de quando em quando e cada vez mais lindas.

Uma de taes flores, que me foi, ha dias, mostrada por uma velhinha, será o assumpto breve desta ephemeride.

Falavamos da successão de tempestades que alagaram e enlamearam a cidade, assolando lares e provocando desastres que custaram vidas, quando a velhinha, encolhendo-se no chale que a agasalhava, disse:

— Não sabem o que é isso? Pois eu sei. E contou:

— O mar, maltratado como está sendo, com o morro com que o vão entupindo, com a lama com que o enxovalham, esse tão bonito mar da nossa Guanabara, tida, até bem pouco, como a mais bella bahia do mundo, chorava uma manhan, a sua desgraça, quando uma gaivota, que se balouçava nas ondas, ouvindo-lhe as queixas, perguntou:

— Por que gemes, meu amigo?

—Pois não vês, retorquiu-lhe o infeliz, como me tomam as praias, que eu forrei de arêa branca para que nellas brincassem as minhas ondas? Não vês como me repellem da cidade que eu tanto amo? como sujam as minhas verdes aguas? como me atiram em cima todo o morro, sepultando-me como se eu fosse um cadaver?

E a gaivota perguntou ao mar tristonho:

—Por que não te revoltas? Se soffres é porque queres. Se elles abusam de ti a culpa é tua. Se te levantares contra os homens elles desistirão, vencidos, da affronta com que te humilham.

—Ai! de mim, suspirou o mar. Quantas vezes me tenho eu rebellado inutilmente. Destrúo, com as minhas ressacas, a obra dos homens: rebento muralhas, esborôo lagedos, alago avenidas, ameaço inundar as casas, tudo, porém, é em vão, porque os homens são teimosos e podem mais do que eu.

Lá fóra é que eu os quizera apanhar com as minhas grandes vagas.

Aqui são ondas... Que podem ellas? Lá fóra, com os meus vagalhões gigantes, ah! isso sim... seria outro cantar.

Se eu pudesse desmantellar as muralhas, invadir a cidade... Não posso. Aqui só tenho ondas, crianças. Que valem crianças?

A gaivota não disse palavra: bateu as azas,

levantou vôo, subiu ao céu e falou ás nuvens. E as nuvens, que a ouviram indignadas, disseram-lhe:

— Pois o mar entrará na cidade para vingar-se dos homens. Vamos nós buscá-lo e, lá do alto, o lançaremos sobre os que o maltratam. E assim foi feito.

Desceram ao nuvens ao mar, sorveram-no, tornaram ao alto e, lá de cima, despejaram-no sobre a terra, como os senhores viram. E a velhinha concluiu:

— Vão brincando, vão brincando e talvez ainda se arrependam. O mar é muito grande e as nuvens são muitas. Emfim... se vier um novo diluvio não será por falta de aviso.

— Quem lhe contou tão lindo conto? perguntei.

— Quem me contou? Não sei. Ouvi contar. ..... E assim se formam as lendas — nascem como as aérides. Quem as planta? sabe-se lá!

18 de Abril.

A victoria

Homens, talvez, commentem escarninhamente o desastre que deteve o surto heroico quasi no termo da trajectoria em que vinha galhardamente a nave ardida, que levantou vôo da occidental praia lusitana em demanda da terra brasileira.

Homens, talvez, haja (porque a inveja só cabe em coração humano), que achem demais os louvores que, em duas patrias e no mesmo idioma, sôam em volta dos nomes dos intrepidos aviadores que, vingando o excelso, mais do que um arrojado vôo entre céus e mares, conseguiram traçar no espaço o arco de alliança ligando, para o todo sempre, duas nacionalidades.

A critica tacanha dos invejosos não chega á altura. Pedras não attingem os astros. Para julgar voadores é preciso ter azas.

Condores e alcyones, aguias e procellarias, esses e outros transeuntes do Ether, que sabem quanto custa vencer, a golpes de azas, as ondas invisiveis que se debatem na altura, esses contemplam com admiração os naufragos aéreos que assentaram no saxeo pedestal deixando-lhe nas aspas, como tributo, o avião trahido pelas vagas.

Assim como a fadiga faz descer ao dorso espumeo das ondas o albatrós poderoso sem que, por isso, o gigante dos espaços boreaes desmereça da sua magestade, a mingua de combustivel força o avião mais temerario e possante a baixar ao sólo onde se abasteça para proseguir, refeito.

A victoria, ninguem, de boa fé, a contesta. Onde desceram os aerantes? Perdeu-se a frecha ou attingiu o alvo que mirava? É vêr o ponto em que tocou: um cimo do Brasil.

Foi numa pedra solitaria, sentinella perdida do nosso territorio, que baixou o cruzador do espaço.

Cahiu como o mensageiro de Marathona que, enviado a Athenas com a noticia da victoria grega, não se deteve em caminho e, ao avistar os muros da cidade augusta, já sem folego para falar, agitou a palma verde que levava alçada e tombou morto.

Ainda que não entrasse a cidade, o povo, que o

esperava ansioso, viu-lhe a figura triumphal; ainda que não falasse, comprehenderam-lhe todos o aceno alviçareiro e tanto bastou para que a Patria o laureasse e a Historia o levantasse da terra immortalisando-o na sua gloria.

Vozes... Que importam vozes! Nada é mais facil do que commentar com palavras leves o vôo que lá vai pelas nuvens; segui-lo de perto é que é, rastreá-lo, isso sim.

Que monta o sorriso dos que acompanham de longe, a binoculo, o arranque do apparelho e encolhem os hombros com descaso se o vêm vacillar no alto, desorientado, descer vertiginosamente a pique, bater em terra com estrondo, manchando-se com o sangue dos seus audazes conductores, como se do seu proprio coração jorrasse!?

A critica procede commodamente á maneira dos generaes que acompanham as batalhas de longe, como quem assiste a espectaculo. Se os exercitos vencem, a victoria é sempre devida aos planos que lhes elles traçaram; se soffrem derrota acarretam com toda a culpa. Que importa uma ou outra voz destoante? O que se ouve é o côro que, nas duas ribeiras do Atlantico, glorificam os aviadores.

Se as vagas inutilisaram o apparelho, que era o corpo em que vinha a alma lusitana, essa ainda lá está e, cada vez mais ansiosa de chegar á terra do

Brasil. E com ella virá o coração do apparelho, o motor, que ficou intacto, pulsando força a impetos frementes.

Reencarnado em novo alerião, partirá, dentro em breve, do rochedo, o Espirito intrepido de Portugal e virá pressuroso a nós como o correio de boas novas que não olha os cavallos que deixa esfalfados pelo caminho com tanto que chegue com o seu recado e o dê.

A victoria está conseguida.

A ave de Portugal acha-se em pedras do Brasil — da alcándora oceanica á terra grande é um vôo.

Esperemos com palmas os denodados aviadores.

20 de Abril.

Desherdados

Ponhamos em confronto os nomes com que dois escriptores bandeirantes — Euclydes da Cunha e Alberto Rangel procuraram, cada qual segundo a sua impressão, fixar o « facies » tragico do maravilhoso Amazonas. O primeiro chamou-lhe : « Um paraiso perdido » ; denominou-o o segundo : « Inferno verde ».

Qual dos dois terá estampado mais ao vivo, cunhando-a fielmente, a verdadeira feição da terra estranha da qual dizia o deslumbrado autor de « *Os sertões* » :

« É um mundo arrancado ao seio da natureza ainda em embryão » ?

Tal duvida acudiu-me ao espirito ao termo da leitura que fiz do romance « *Desherdados* », de Carlos de Vasconcellos.

Agora, de animo mais sereno, revendo certos

aspectos de natureza e episodios de vida que, em tal livro, se me depararam, inclino-me o preferir para o Amazonas mysterioso ao titulo de Euclydes da Cunha o de Alberto Rangel.

Inferno, sim! Para Paraiso falta-lhe a Flôr do Peccado, a Mulher, e, de tal falta, é que lhe advem a principal tortura.

Ó ser omnipotente e terrivel que trazes nas duas mãos o Bem e o Mal, se appareces, ornando a terra com a tua belleza, enfeitiçando-a com a tua graça crias a discordia, espalhas a sizania, accendes o odio, fazes correr sangue, acirras o irmão contra o irmão, e os sulcos dos teus pés airosos aprofundam-se em tumulos; se não appareces a tua imagem, em lembrança no coração dos homens, transforma-os em feras, embrutece-os, animalisa-os ou mata-os de saudade. Assim, quer presente, quer ausente, és sempre a agitadora da Vida, a Força suprema que impelle o homem a todas as aventuras, ás maiores temeridades, aos crimes mais hediondos e aos sacrificios mais sublimes, á gloria e á infamia.

No formidavel romance que, estarrecidamente, perlustrei, porque no tremendo horror daquellas paginas, trazidas da Gehenna, paginas asperas, selvaticas, é tal o prestigio da suggestão que, ao lê-las, tem-se a impressão de ir-se por ellas, trilhan-

do os proprios sitios das descripções, entre os seres brutos que nellas se debatem — o escriptor, ao que parece, não se preoccupou grandemente com as regras do perfeito estylo, se não com a fidelidade na representação do assumpto. Querendo dar copia fiel do que vira naquelle mundo cahotico, compoz as tintas ás presas, nervosamente, para fixar em matizes os effeitos de luz, e as côres bizarras que lhe feriam a vista, pouco se importando que, ás vezes, se contrariassem, produzindo verdadeiras manchas — mas o intrincado das selvas invias, humidas e obscuras, as aguas verdinhentas ou limpidas, abertas ao sol ou enfolhadas de mururês, os carreiros enviezados, as barrancas fendidas, prestes a desmoronarem-se, tudo como que nos apparece no desconforme dos periodos, no exotismo de certos vocabulos, em contorsões angustiadas de phrases retorcidas, concorrendo para a impressão abstrusa e fantastica que domina pavidamente a obra.

Carlos de Vasconcellos não é um artista na restricta accepção da palavra, sê-lo-á na accepção esthetica, porque é um creador de belleza, não o Bello de tracejo fino, de remate apurado, mas o Bello grandioso, hispido, brutal, e desconcertante da natureza.

O seu desenho não resiste a uma analyse, mas o

conjunto da obra empolga pelo colorido intenso, pela largueza do traço, pela grandiosidade da representação.

O livro é bem o espelho da terra barbara, daquelle mundo primitivo, ainda em gestação, ora em surtos, ora em eversões, como uma figura que o esculptor afeiçôa em terra plastica, desbastando-a num ponto, enchendo-a em outro, para arredondar-lhe uma curva mais graciosa ; aqui tirando, sobrepondo além até conseguir as linhas harmoniosas que completem o typo idealisado.

O leitor de tal livro não tem tempo de deter-se em exames miúdos, porque o assumpto o arrebata, na violencia dos periodos tumultuosos como os repiquetes dos rios levam as pirogas de roldão.

As tragedias succedem-se! ora é a natureza a protagonista ; ora é o homem. Sahe-se dum assombramento, dum caso sobrenatural e topa-se com um duello de incubos pela posse de uma megera. Ouve-se, na luz da manhan, o canto orphico do yapurú, attrahindo de todos os desvãos da espessura o povo alado, que acóde pressuroso a ouvi-lo, e, com a noite, no silencio immenso do deserto, escuta-se o crebro grunhido erotico dos jabotis em cio, o gasnitar dos jacarés nas margens dos rios ou o atrôo lugubre do rato coró no campo.

Em um capitulo armam-se traições, rinham-se

lutas á rifle e terçado pela posse de umas terras lacteas ; em outro, a seguir, mais tragico, é pela conquista de uma mulher que o sangue jorra a golfos. E atravez desse pandemonium passa e repassa o heroe, o cearense, desbravador de sélvas, batedor de caminhos, ora a pé, de rifle ao hombro, faca á cinta, ora no casquinho leve, rodopiando nos rios por entre camalotes floridos, cantando saudades da sua terra, feliz na escravidão, sorrindo, a tremer de febre ou a arquejar com o edema do beri-beri, sempre, porém, trabalhando para saldar a sua conta e regressar com algum dinheiro com que possa comprar o enxoval para a morena que o espera á sombra dos coqueiraes, fazendo orações a Deus pela volta do noivo que definha e vai morrer por ella, tão longe.

Livro de dôr, livro de agonia, livro de monstruosidades, livro brutal, mas bello e heroico ; bello nos aspectos da natureza bravia, heroico nas figuras dos homens que, em cada arvore que picam a machadinha, gravam um distico celebrando a resistencia da raça robusta e resignada, intrepida e sempre esperançosa desses caboclos valentes que estão preparando um mundo novo para maior orgulho e fortuna e gloria maior da Mãi Patria. Livro de assombros. Bello livro !

22 de Junho.

Modos de vêr

Se queres abranger com a vista, tomando-o todo na camara dos olhos, um scenario opulento da Natureza, eleva-te. Não será nivelando-te com o raso que avistarás o que se amplia em aspectos varios; o que se alonga, o que collêa, o que se abysma e o que remonta — campos, oceano, rios, valles e montanhas.

A propria planicie chata, mirada d alto, alisa-se das asperezas: impressiona pelo avelludado das suas hervas, que perdem a irregularidade agreste, apparecendo em alfombra; pelo variegado dos matizes, pelo rectilineo dos horizontes cortados junto ao céu.

Para vêr longe e largo é necessario subir. É das eminencias que se consegue chegar com a alma a Deus e com o olhar ás extremas.

Os altares são degraus para o céu; as montanhas são os miradouros do infinito.

Na lhaneza do mar os descobridores de mundos mantinham sempre no cesto de gavea uma atalaia — o gageiro, para que varresse os horizontes com o olhar e annunciasse aos do convés o primeiro vislumbre de terra.

Não fiques rasteiro, reptando como os ophidios e os saurios. Se queres ter a impressão da Belleza, exsurge. No rés verás apenas o que te ficar em volta, como o myope, cuja visão não vai além dum palmo adiante do . . . nariz.

Porque, podendo ser aguia, has de contentar-te com ser bacurau?

Porque, dispondo de todo o espaço, de onde poderás circumvagar com a vista largamente, has de andar em farisco, rastejando piúgadas?

Lessing fala de uma raposa que atravessava diariamente certa floresta sem que jámais houvesse percebido a força e a grandiosidade das arvores. Nunca levantara os olhos para as frondes, nem até para os troncos, contentando-se com farejar as miúças do chão. Um dia, porém, seguindo pela trilha costumeira, achou-a impedida por um carvalho que tombára. Pasmou do tamanho do colosso, da grossura do caule, do abastoso das ramas, da enormidade das raizes, que, no arrancarem-se

da terra, nella haviam escavado verdadeira cratera.

Perlongou a arvore de extremo a extremo, tornou e retornou maravilhada. Só, então, comprehendeu que andara sempre sem vêr e, no assombro que lhe produziu o formidando vegetal, exclamou:

« Nunca imaginei que fosse tão grande! »

E como havia o vulpino de sentir a possança da arvore se andava sempre de focinho em terra?

Eleva-te! Aguias não ciscam: tal rabisco é proprio de aves de poleiro.

Analysa chimicamente a flôr ou a lagrima e reduzirás o exemplar de belleza e a expressão da ternura a coisas infimas.

Se applicares tal processo mesquinho á arte nada ficará na pintura, só acharás a trama da téla e os ingredientes das tintas; na esculptura, não verás mais que pedra ou metal; na musica, o som vago; na poesia, a palavra, sem que sintas a essencia, idéa ou estro, porque o que te interessa não é o conjunto, mas a parcella; não é a obra, mas o material empregado na sua construcção.

Contempla dalto como artista e não raspando a figura como alvenel que só cuida de examinar tijollos e argamassa.

Não é com o microscopio que se póde apreciar

o *Moysés* de Miguel Angelo. Uma lente applicada á *Ceia* do grande Leonardo, só mostraria os lesins da parede.

Vem aqui mui á feição do caso o que li num recente volume que é um verdadeiro analecto litterario, intitulado *Propos d'Anatole France.*

Diz o mestre do *Lys rouge:*

« Tous les grands écrivains écrivent mal. C'est connu. Du moins, ce sont les cuistres qui l'affirment. Les grands écrivains sont impetueux. La vigueur de leurs vocabulaires, l'intensité de leurs coloris, la hardiesse de leurs tournures déconcertent les pédants.

Pour les barbacoles, bien écrire c'est apparemment écrire d'aprés une régle. Mais les écrivains de race se font leur régle eux mêmes, ou mieux, ils n'en ont aucune. Ils changent à chaque instant de manière, sous la dictée de l'inspiration, tantôt harmonieux, tantôt heurteux, tantôt indolents, tantôt fougueux . . . »

E, neste tom, prosegue o grande escriptor, que vê a Arte como queria Victor Hugo que todos a admirassem: em bloco e dalto . . . não ás migas, no terreiro.

13 de Julho.

O telephonio

Não pretendo disputar a Graham Bell, o sabio e paciente educador de surdos mudos, a gloria da invenção do telephonio, e, se o fizesse, ninguem tomaria a serio o meu protesto, por inopportuno. Devo, porém, para illustrar a historia do indiscreto apparelho, que deu boca e ouvidos ás paredes, referir o que me inspirou o amor e que, se eu houvesse aproveitado, talvez hoje não se laureasse o escossês, hontem fallecido, com o titulo que o celebrisou, porque, de direito, me haveria cabido e com elle a fortuna, ainda melhor que a gloria.

O inventor do telephonio fui eu.

Contemos o caso, sem pormenores miudos.

Não foi em gabinete de physica que descobri esse meio de communicação verbal pelo qual a Light, que o explora, nos faz pagar os olhos da cara.

Tinha eu dez annos, idade em que o coração começa a dar signal de si. Morava em uma pequena casa, na antiga rua do Costa, tendo por visinha uma morena, pouco mais velha do que eu, cujos cabellos negros, em cachos, não me deixavam dormir. Amamo-nos. Que amor! Conversavamos de janella a janella, passamos depois a visitar-nos a pretexto de baptisar bonecas e já nos haviamos jurado fidelidade eterna quando, não sei porque, os nossos pais desavieram-se, cortaram relações e tivemos ordem, ella e eu (ai! de nós . . .) de não nos falarmos, sob ameaça de chinelas e, na reincidencia, vara de marmeleiro.

Eu chorei. Ella chorou. Não pensamos em suicidio porque, nesse tempo, ainda não se conhecia o lysol e outras drogas efficazes nos casos passionaes.

Mas vê-la, com os lindos cachos, sem falar-lhe, era para mim supplicio comparavel ao de Tristão, quando avistava na ogiva do castello o rosto lindo de Isolda, do qual o apartava a intriga dos palacianos.

Valemo-nos de varios processos de correspondencia amatoria: o do lenço, o das flores, o dos ademanes, mas tudo isso, longe de satisfazer-nos, mais nos excitava o desespero.

Eu dava tratos á imaginação para tirar della um plano. Subir ao muro era arriscado, por

causa dos cacos de vidro que lhe encrespavam cortantemente o bordo. E os meus suspiros eram tempestuosos.

Um dia, deparando-se-me uma caixa de oleo de Oriza, abri-a, separando os dois tubos. Foi quando, por inspiração do alto, lembrei-me de passar por elles um barbante e, chamando em meu auxilio o moleque, que era meu confidente, dei-lhe um dos tubos, ordenando-lhe que o applicasse ao ouvido e, distanciando-me com o outro, até distender de todo o barbante que os ligava, falei por elle, baixinho.

O moleque arregalou assombradamente os olhos, fitando-os em mim pasmado.

— Ouviste alguma coisa? perguntei.

— Ouvi sim, senhor. Ouvi tudo. Até parecia assombração.

— Então fala agora, para eu ouvir.

E o moleque falou. Eureka! Estava descoberto o telephonio. Chamando, então, o moleque, expliquei-lhe o que elle tinha a fazer.

— Olha, eu vou abrir um buraquinho ali no muro. Leva este canudo a Luizinha, dize-lhe que enfie o barbante pelo buraco e que encoste o canudo ao ouvido, como fizeste. Assim foi feito e, atravez do muro, eu deitado debaixo de um pé de carambolas, ella do outro lado sentada no córadouro,

conversavamos horas e horas sobre amores, coisas do circo de cavallinhos, brinquedos e até gulodices, repetindo sempre o juramento que haviamos feito no tempo feliz, quando os nossos pais, ainda amigos, jogavam o solo e as nossas mãis, muito intimas, discutiam costuras e acepipes.

E foi assim que, apezar do odio que inimizava as nossas casas, como em Verona acirrava as familias de Romeu e Julieta, continuamos a amar-nos, até que ella se mudou para Nictheroy e eu segui para S. Paulo.

O meu telephonio de papelão e barbante data de 1874; o de Graham só appareceu em 1876. Logo...

O meu mal foi cuidar de amores. Se, em vez de o applicar ao muro do quintal, para falar a Luizinha, eu o tivesse exhibido a industriaes, em uma exposição, não de Graham, mas minha, seria hoje a gloria do invento e a Light, em vez de extorquir-me, havia de pagar-me a peso de ouro o direito de explorar o que sahira do meu coração em dois canudos e um barbante para satisfação do meu primeiro amor.

3 de Agosto.

Velha aspiração

. . . . . .

«O receio de novos e mais terriveis desmoronamentos, e o empenho de dar mais belleza á cidade, e de libertá-la de uma colossal muralha, que não a deixa ser francamente banhada pelos ventos de mar, tem feito com que por vezes se haja projectado e tratado de organisar empresas destinadas a demolir o morro do Castello.

Dizem que foram ingleses os que primeiro, e ainda no tempo do rei, conceberam tal idéa, e o povo rude, a gente menos sensata, pensava então que os espertalhões ingleses queriam demolir o morro para enriquecer-se com os thesouros deixados pelos jesuitas em vastos e profundos subterraneos.

A magnitude da empresa, a necessidade de estudos completos sobre a utilidade e condições da

obra, e sobretudo a falta de dinheiro, têm impedido a demolição do morro historico.

E até hoje não consta que alguem se tenha posto em campo defendendo o Castello, senão o Sr. Warnhagen, que, na sua *Historia Geral do Brasil*, mostrou-se armado de ponto em branco e de lança em riste, declarando e sustentando que a sua demolição «tornaria a cidade do Rio de Janeiro mais monotona e menos fresca do que se em suas encostas se plantassem arvores, destinando-as para passeio publico da cidade.»

Mas o Sr. Warnhagen não tem conseguido fazer proselytos: nem ao menos os frades barbadinhos italianos se lembram de erguer a voz para impedir a destruição da igreja de S. Sebastião, e para defender as suas elasticas propriedades do morro.

Que têm com isso os barbadinhos? Se fôr demolido o Castello sempre ha de haver para elles um suave asylo: os barbadinhos italianos arranjam-se em qualquer *cantinho*, até porque sabem o segredo de transformar em poucos annos um pequeno *cantinho* em um grande *cantão*.

O que vale ao morro do Castello é a anemia da praça. Não se faz fogo por falta de polvora. E no entanto, como a ameaça da demolição é a espada de Dámocles, que continúa sempre suspensa sobre

o *morro* desamado, o governo não emprehende obras sérias para impedir um desastroso desmoronamento, que aliás, está muito na ordem das coisas possiveis, e se contenta em mandar especar aquelle colosso!

Ah! muita coisa neste *menino-velho*, chamado Brasil, anda por espeques.»

. . . . . .

O trecho acima exposto, extrahido da obra de Joaquim Manoel de Macedo intitulada «*Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*», mostra que a idéa, hoje victoriosa, de arrasar-se o morro do Castello, primitivamente chamado de S. Sebastião já era velha no tempo do romancista d'*A Moreninha*.

Se uns a queriam pôr por obra pelo engodo lendario do thesouro dos jesuitas que, segundo diziam, o morro entranhava em subterraneos, outros, com interesse menos ambicioso e de mais generosidade, propugnavam-na para que a cidade ficasse livre de ameaças de novos esbarrondamentos, como os que se deram nas encostas do morro em abril de 1759 e em fevereiro de 1811 com as grandes chuvas que, então, cahiram.

Houve desastres: predios que ruiram esmagando os moradores; desbarrancamentos nos quaes ficaram soterradas numerosas victimas e lama en-

xurdando as ruas, transformando-as em tremedaes, como aconteceu, ha pouco, com a do Lavradio que, com o barreiro do morro de Santo Antonio, ficou em immenso atascal, com as casas barradas, algumas invadidas pelo enxurro cenagoso a ponto dos habitantes serem forçados a sahir pelos telhados sob pena de perecerem atolados nos proprios lares.

O receio, talvez, de ser posto abaixo fez com que o Castello se commedisse ou, quem sabe lá — os morros têm tambem coração — escrupulo de polluir a linda cidade que se lhe encostava ás abas, tão rutilante ao sol, e alegremente agitada e, á noite, toda emperlada de luzes, com os seus fulgidos collares e os edificios esplendidos faiscando na sombra como grandes broches.

Mas o seu destino estava escripto — não pela mão mysteriosa que traçou as palavras fataes na frisa do palacio de Nabonahid, mas pela mão de um Prefeito — e havia de cumprir-se, como se está cumprindo.

Já agora não ha vozes, como a de Warnaghen, que protestem contra as trombas d'agua com que o mar, derretendo-o, attrahe o si o grande corpo, nem contra as caçambas que o escorcham e lá vai, aos poucos, estendendo-se em chão liso, a eminencia aonde subiam em penitencia os nossos avós

carregados de promessas para desabafar a alma no seio dos barbadinhos que realisavam milagres prodigiosos.

A cidade ficará sem o kysto monstruoso em cujo ácume havia, a par do templo, que era o baluarte da Fé, guarnecido por templarios de longas barbas, como os *nabis*, que fulminavam a bençãos e aspersões de hyssope os demonios perseguidores dos homens e das mulheres, das mulheres principalmente, e restos de uma fortaleza ou castello, que deu nome ao morro, de onde canhões abocados ao mar, defenderiam a cidade de possiveis invasões.

Tudo isso é hoje terra cahida. Realisa-se, emfim, o velho sonho da cidade. Vai-se o morro e vão-se com elle as velhas construcções que culminavam em seu cimo. Fortalezas, tem-nas a cidade e melhores do que a que foi demolida, mas quem defenderá os seus habitantes das adversias: o mau olhado que quebranta as crianças e envolve os adultos num halo de desdita; as varias desventuras que fundem em lagrimas o coração; as mandingas que atrazam a vida, embrulham os negocios, desfazem amores, dissolvem matrimonios, todos esses males para os quaes os barbadinhos tinham remedios efficazes na pharmacia miraculosa do convento?

É verdade que os barbadinhos não tiveram a sorte da fortaleza, que foi parar no mar porque, como bem disse Macedo, elles «arranjam-se em qualquer *cantinho*, até porque sabem o segredo de transformar em poucos annos um pequeno *cantinho* em um grande *cantão*». O pequeno *cantinho* elles já o têm, para goso da Ordem e consolação dos crentes, o *cantão* virá com o tempo e com as mercês dos devotos. Amen.

10 de Agosto.

A gata borralheira

Se tomassem corpo as interjeições com que, expansivamente, se manifesta o estrangeiro que nos visita, desde que se lhe apresenta aos olhos o panorama maravilhoso da cidade, seria quasi impossivel andar por ella pela hispidez dos espinhos da admiração que a tornariam mais eriçada do que um ouriço. Felizmente as interjeições esvahem-se em ohs! e ahs! e não ficam em espetos, crivando os areaes das lindas praias, os sinuosos caminhos das montanhas, os bosques, as bordas dos lagos onde se despejam as cascatas, todos esses sitios de belleza que tornam esta cidade sem igual em todo o mundo. Dá-se, porém, com ella um caso singular — a sua belleza é timida e, tanto que nella põe o homem a mão, retrahe-se como a sensitiva. Será pudor? Não é. Então que é?

A «Sociedade Central de Architectos» encarregou-se de responder á pergunta e fê-lo em memorial que entregou ao Prefeito, memorial em que pede protecção para a cidade protestando contra a depredação com que se vai criminosamente entulhando de monstruosidades este modelo esthetico, deformando-o com as construcções absurdas dos chamados mestres de obras.

A paizagem é patrimonio commum, que ninguem tem o direito de prejudicar. As ruas não são apenas tramites, são tambem os bordados das cidades, e, assim, devem as suas habitações, ser construidas com regularidade e gosto, sobre um desenho, como se fazem as malhas floridas de uma renda.

Vêr-se, como aqui vemos, a variedade disparatada de edificações sem symetria — casotas mettidas entre predios de cinco e seis andares, baiúcas sem aspecto engasgadas entre construcções artisticas, fachadas ridiculas afeando quarteirões de estylo, diante de um palacete um quintalejo sordido, embandeirado a ceroulas que espernegam, a camisas que fraldejam, a saias que se tufam com o vento, abalonando-se, com galhardetes ensaboados que são meias, piúgas, lenços e outros pannos, é mais do que ridiculo, é sujo.

E isto vê-se, não em bairros pobres, mas nos que de mais aristocraticos se presumem.

A lavagem de roupa é um meio de vida e não se deve tirar ao pobre o seu ganha pão. De accordo, mas nem todos os misteres podem ser exercidos *coram populo:* o carpinteiro não acepilha no passeio; o sapateiro não põe a tripeça na calçada; o barbeiro não escanhôa á esquina, como no tempo em que o Arco do Telles era uma feira de Figaros africanos.

O trabalho do homem deve ser feito como o da abelha, cada qual no seu aivado, e não ás escancaras, com escandalo.

Emfim, não foi propriamente disto que trataram os architectos na conferencia que tiveram com o prefeito. Elles cuidaram apenas do aspecto exterior, não entrando nas casas. Esse aspecto, que constitue, como elles disseram, o problema da esthetica da cidade, foi sempre descurado por todos os Prefeitos. Houve um, o grande Pereira Passos, que os pretendeu atacar, esse mesmo, apezar da tempera energica que o caracterisava, foi vencido pelos Phidias de trolha, os mestres de obras, que têm sido, e ainda serão por muito tempo, os empreiteiros da deformação do Rio.

O architecto, antes de lançar os alicerces de uma construcção, estuda o meio em que ella deve ser erigida e faz o seu plano adaptando-o, tanto quanto possivel, sem estragos da natureza, ao ter-

reno que tem — veste-o, digamos assim, sob medida e o edificio ajusta-se ao local, enfeita-o e, em vez de comprometter o que nelle existe de belleza propria, põe-no em realce.

O mestre de obras é como o adelo que vende roupa feita — o que elle quer é fazer negocio — saia a coisa como sahir, ancha ou apertada, enjorque-se o freguez, o mais pouco lhe importa. E o aspecto do Rio de Janeiro, não ha negar, é o de uma linda cidade mal vestida, com uma roupa nova, mas de retalhos e, aqui, ali um rasgão por onde se lhe vêm mazellas, como estalagens, lavanderias, cocheiras e outras immundicies.

Contra os architectos levantam-se os proprietarios de terrenos dizendo que cada um tem o direito de construir como quer. Não ha tal.

Assim como se não permitte que, em uma sala, penetre um lambusão descalço e arremangado, não se deve consentir que, em dado trecho construido com apuro, um cavalheiro qualquer, só porque adquiriu uns metros de terreno, atarraque uma chatice mal amanhada por um mestre de obras.

A cidade precisa vestir-se decentemente para apparecer com o esplendor que pede a sua belleza. Livrem-na do mestre de obras que faz com ella o que as desnaturadas irmans faziam com a Gata Borralheira.

Attenda o Sr. Prefeito ao que pedem os architectos e fará mais pelo Rio com um lance de penna do que está fazendo e prodigiosamente com o formidavel trabalho, em que se empenhou, de arrazar montanhas e construir palacios.

17 de Agosto.

Os "centenarios"

Andará, por acaso, ahi por essas ruas e praças, algum Anacharsis entre os innumeros centenarios gebos que chegam diariamente de todos os rincões do Brasil, uns por mar, outros por terra, todos ainda resentidos da viagem longa a que se aventuraram; este, carámunhando enjoado, porque o estomago, que tão graves abalos soffreu com o jogo do navio e que tanto antipathisou com as comedorias de bordo, ainda não aceita solidos e vai-se restaurando com magnesia e noz vomica para poder entrar a fundo nos acepipes arrasadores dos hoteis e pensões; aquelle, valendo-se de arnica, agua végeto ou outro liquido de virtude na cura de contusões e sevicias para reparar os estragos da sella ou do lombilho em que se abalou, aos sacolejos do chouto da bestinha estradeira, desde os cafundós do seu

povoado sertanejo até a mais proxima estação da estrada de ferro ?

Eu, francamente, nos rostos dos «centenarios» que tenho visto na Avenida e alhures (e elles são facilmente reconheciveis), ainda não descobri os olhos curiosos, bisbilhoteiros, afuroadores do jovem scytha que, com a penna erudita de Barthelemy, descreve, tão ao vivo, a viagem minuciosa e pittoresca que fez á Grecia, poucos annos antes do nascimento de Alexandre.

Os que por ahi vagam a passo lento, enjorcados em andainas de brim, com o chapéu até ás orelhas e borzeguins amarellos, alguns com os atilhos das ceroulas de rasto ou com a presilha da camisa espichada em lingua por baixo do collete, fugindo espavoridos dos automoveis, desconfiados, volta e meia apalpando o bolso, a vêr se nelle ainda lhes reboja a carteira, porque, ao mais leve esbarro, pensam logo no conto do vigario, esses não me parecem capazes de escrever para a Posteridade as impressões que os boquiabrem, plantando-os de pernas abertas e olhos pasmados diante dos edificios ou junto das vitrinas scintillantes de joias.

Alguns ficam horas e horas a vêr o arrasamento do morro do Castello e pensam lá comsigo:

— Povo damnado mesmo . . . ! É verdade! A gente, lá na roça, para fazer um aceirosinho á tôa,

para derrubar um cupim ou um formigueiro, pensa... pensa... cança de'maginá e, ás duas por tres, acaba não fazendo nada; e elles aqui comem um morrão deste tamanho como a gente tira um punhado de farinha da cuia para o prato. Povo damnado! É por isso que o mundo está virado d'uma vez.

Outros vão para os cáes e estatelam-se diante do mar:

— Sim, senhor. Isto é que é... Agua ahi é matto... e já com sabão. Isto é que é! Qual! Não ha como a capital! Lá fóra tudo custa, é um trabalhão para a gente arranjar qualquer coisa. Aqui, não; tudo está ahi. Tem fome? está ahi o hotel. Tem sêde? está ahi a bebida. Não falta nada. Ha até de mais, porque a gente, ás vezes, nem pensa nas coisas e ellas estão chamando, beliscando, puxando um filho de Deus e a vista de todo o mundo, na rua, nos bondes, nas confeitarias. Isso eu não acho direito, mas emfim, é costume da terra, ninguem repara.

Mas o mar, sim senhor! Benza-te Deus! A gente vai contar isso e hão de pensar que é mentira. Sim, senhor. E aquelles bobos enchem a boca com um riosinho á tôa, com um açude de nada... Que diriam se vissem este mundão!

Á noite é que é vê-los como mariposas attrahi-

dos pela luz, andando em volta dos lampiões, aos dois e aos tres, commentando o fulgor e calculando o preço da illuminação resplandecente.

Um delles, disseram-me, andava por ahi, ha dias, servindo de *cicerone* a conterraneos chegados uma semana depois, porque tiveram de esperar a vez de embarque, tanto é o povaréu que lá está aguardando comboios.

O «centenario» veterano mostrava uma coisa e outra aos companheiros embasbacados, quando um delles, de espirito economico, commentou o desperdicio de dinheiro em luzes:

— Isso ha de custar os olhos da cara. É... Mas vocês pensam que são elles que pagam esse despropósito? Pois sim! Quem paga isso somos nós, nós que não temos lá fóra nem uma candeia de azeite e só vemos luz nos caminhos quando Deus Nosso Senhor abre o luar lá em cima.

Mas o «veterano», assumindo ares, replicou ao novato:

— Sê é bobo, rapaz! Essa luz não custa nada. Procura ahi acetyleno, gaz, kerozene ou azeite; não tem. Isso é como planta. Eu vi. Elles abrem uma cova, puxam uma raiz, fazem o enxerto num lampião destes e, á noite, está prompto. Lampião de kerozene para dar luz é preciso a gente accender com phosphoro. Aqui não. Assim que a noite

vem cahindo tudo se accende de uma vez. Você já viu alguem andar pelos campos abrindo as flores ? não ; ellas abrem sósinhas. Pois é o mesmo aqui. Se a gente fosse pagar todas as flores que se abrem ahi por esses mattos nem todo o dinheiro do mundo chegava. Os lampiões são as flores da cidade.

— Ah ! eu logo vi, porque se fosse coisa de pagar . . . nem sei . . . !

De tal massa de observadores não sahirá, de certo, o Anacharsis que descreverá as impressões da sua viagem á capital da Republica durante as festas do Centenario.

Dahi, quem sabe ? Tambem o jovem seytha de Barthelemy tinha simplicidades como o nosso Geca e, ás vezes, de onde se não espera é que sahe a caça. Esperemos.

24 de Agosto.

Prova real

Se vida é synonymo de actividade, não seria exaggero contarem-se como seculos os ultimos mezes decorridos nesta cidade. Digo — nesta cidade — porque o Tempo, que por ella vôa vertiginosamente, mal lhe deixa as portas, retoma o passo natural no rythmo sereno dos minutos.

O que se consegue actualmente aqui em vinte e quatro horas, já não digo os contemporaneos de Mathusalem, mas a bôa gente descançada de quarenta annos atraz, não realisaria em um mez e trabalhando a valer.

Não me quero referir ao que por ahi se faz com ferro e pedra, barro e cal — construcções e arrasamentos; o trabalho que se não vê é tão intenso, (senão mais), como o que nos maravilha ahi por essas ruas e praças, praias e montanhas que, da noite para o dia, apparecem modificadas.

A azáfama é geral, a vertigem envolve a todos, a freima do exterior redobra-se nas officinas, nas lojas e nos lares. Não ha mesteiral sem trabalho, artista em folga, famulo de mãos abanando e, collaborando com o homem nessa movimentação fantastica, todas as machinas funccionam, giram todos os vehiculos, a electricidade e o vapor concorrem com a mão do operario e tudo isso ainda é pouco para o muito que ha a fazer.

Deixemos, porém, as grandes industrias e o grosso commercio e vejamos, de relance, o que se dá nas pequenas officinas, nas casas de varejo e nos lares: alfaiates, costureiras, sapateiros, camiseiros, chapeleiros, etc., todos quantos fazem o officio de vestir o homem e a mulher, esfolando-os, como Apollo escorchou Marsyas, não têm mãos a medir. Nos hoteis e nas pensões, verdadeiras latas de sardinhas, os empregados estafam-se e não dão conta do recado. Os caixeiros, por mais que se aforçurem, não chegam para as encommendas. Nas confeitarias é um atropelo de atarantar; os taxis correm dos freguezes, recusam-se aos chamados porque os *chauffeurs*, ás vezes, só conseguem descanço para almoçar... no dia seguinte. E tudo é assim.

Nos lares, do mais opulento ao mais pobre; no palacio como no casebre, a actividade parece impulsionada pela mesma força.

Em uns, são os mobiliarios e o alfaiamento que se substituem ou reparam, são as costureiras de fama que exhibem figurinos, escolhem fazendas, tomam medidas, cortam, provam, etc.; em outros, são as proprias donas que fazem as suas compras modestas e com ellas, como Mimi Pinson, compõem os trajos com que hão de apparecer graciosas e, quiçá, supplantando com a belleza que Deus lhes deu — e que os institutos, ainda os mais estheticos, não conseguem dar, a muitas das que se cobrem de sêdas e joias passando por ellas, e com inveja mal contida, nas almofadas macias das suas *limousines*. É a febre do Centenario.

Além da commemoração patriotica, que exige certo apuro, porque estamos com a cidade cheia de estrangeiros e é preciso provar, a muitos delles, que já não apparecemos ás nossas visitas como appareceram a Cabral e aos seus homens os donos da terra, em 1500, têm, ainda, os ricos, a responsabilidade elegante de encher o Municipal, onde começa o rouxinoleio lyrico, de ir á exposição, aos banquetes e a todas as demais festas que constam do programma official e de outros pequenos programmas particulares.

O pobre, esse ficará contente com a andaina que fizer e com o jantar melhorado, e com vinho, com que celebrará o dia do centenario.

Mas a verdade é que para tal apotheose o que se tem feito nesta cidade é verdadeiramente prodigioso. Agora é que eu queria que o azedo Sr. Bryce nos viesse vêr, a nós, povo lerdo, povo de incapazes, indignos da terra que nos deu o Senhor, para que se convencesse de que o brasileiro poderá ser moroso, contemplativo, indifferente emquanto a móstarda não lhe chega ao nariz, dado, porém, como agora succede, que se torne necessario provar a sua capacidade de acção, não o faz como qualquer povo, senão como faria um bando daquelles genios, ou *djinns*, que, nos contos de Scherazada, constroem cidades ao aceno de um talisman.

E para responder aos que nos detrahem com palavras como as de Bryce, ahi temos a vida admiravel dos ultimos tres mezes, que tantos foram os que bastaram para construcções como, por exemplo, a de um Colyseu, como é o estadio do Fluminense e de outras que por ahi surgem.

Um povo que faz milagres, como os que se vêm, em que pese aos maldizentes que o visitam, merece bem o Paraiso que Deus lhe deu.

8 de Setembro.

Independencia... ?

Cada vez nos convencemos mais da necessidade urgente, imperativa, de fundarmos escolas primarias de... patriotismo, não tanto para que amemos o Brasil, que isto deve ser assumpto para os cursos superiores, mas, pelo menos, para que o forasteiro que apórta a estas plagas, decantadas em prosa e verso e, actualmente, festivas pelo motivo auspicioso da passagem do 1.º centenario da nossa independencia, não julgue que nellas, como escreveu o epistolographo Caminha: «dá-se tudo»... menos gente.

Em verdade parece que aqui não nascem homens — e melhor será que assim pensem os nossos hospedes para que não levem do Brasil a amarga impressão de que o seu povo é constituido de indifferentes, que só têm olhos de avistar e não de

vêr, alongando-os para o longinquo sem attentar no que tem perto.

A nossa xenomania ridicula aggravou-se neste ultimos tempos e, em pleno periodo de exposição, quando deviamos timbrar, com empenho, em exhibir ao estrangeiro o que possuimos, em pôr em realce o que nos deu a natureza, é que mais lhe impingimos o que recebemos de fóra.

Vai um delles a um hotel, curioso de conhecer a cosinha nacional; dão-lhe logo um *menu* em francês araviado e os pratos correspondentes temperados com especiarias de importação. Péde frutas, queijos, compótas, vinhos e licores, trazem-nos estrangeiros.

As vitrinas atufam-se de modas parisienses; os alfaiates só expoem casimiras inglesas; os chapeleiros, chapéus, idem; idem, camisas, os camiseiros. Se vai a uma livraria, as rimas de brochuras são de novellas francesas.

Nos salões o *chic* é trocar linguas e se, entre um *rag-time* é um *fox-trot*, lembra-se o visitante de pedir a uma senhorita que lhe recite algo, ella attenderá sorrindo, tirando do seu escolhido repertorio alguma poesia francesa para arrastar, com elegante sutaque parisiense, os *rr*.

Coisas nossas são para a intimidade: não merecem as honras da mesa e muito menos as do salão. E assim é com tudo e em tudo.

Independencia não consiste apenas em ter o senhorio do territorio, mas em sentir e em fazer sentir a nacionalidade, em ter autonomia, em viver por si, e um povo que não ama a sua terra, que não se orgulha da sua historia, que não honra a memoria dos seus heróes, que não vibra com os altos feitos dos seus contemporaneos, que pretere o seu vernaculo formoso pela primeira geringonça em que lhe tartamudêa a lingua, que deprecia o que lhe dá a natureza propria, será um povo arrincoado, mas não um povo independente; terá solo, mas não patria.

Agora mesmo temos exemplos tristes do nosso descaso ingrato e impatriotico na indifferença com que deixamos passar actos de nobre audacia que teriam accendido em enthusiasmo o coração de outra gente: — o vôo ousado da senhorita Anesia Pinheiro Machado e a travessia aventurosa dos jangadeiros cearenses.

A primeira, como uma walkiria, arremetteu ao espaço e, por cima das mais altas montanhas, rompendo nevoeiros, vencendo ventos, rumou á capital, trazendo o seu coração de brasileira em azas para que batesse unisono com os dos seus patricios no amago da Patria, quando a bandeira livre subisse pela driça, como uma aranha de ouro pelo fio, até o tope, na hora secular da nossa emancipação politica.

Os outros, homens da terra arenosa, da antiga taba balsamica de Ubirajara e Iracema, criados no mar roleiro, que é o treinador dessa raça heroica do Ceará, flagellado no interior pelo sol e no littoral pelo mar, pescadores, querendo trazer a sua oblação de amor á Patria, lançaram-se afoitamente ás vagas em jangadas e vieram velejando e cantando, montados em fragilidades, mais como naufragos perdidos do que como viajantes de fito a um porto. Chegaram sem ruido, modestos; desceram na praia, ferraram as velas humidas, torceram as roupas encharcadas, ataram as alpercatas e entraram na cidade sorrindo, como se apenas tornassem de uma pescaria ás suas choupanas em volta das quaes o bogari recende.

Como foram recebidos esses brasileiros? Que o diga a Cidade. Mas, quem sabe! é até possivel que ella não tenha noticia de taes feitos quanto mais dos obscuros heróes que os praticaram... está tão cheia de estrangeiros, a coitada...!

14 de Setembro.

O sapatinho de crystal

Tornam de volta ás suas nações as bandeiras que vieram confraternisar com a nossa na hora jubilar do nosso centenario,

Á medida que chegavam, na alcándora dos mastros dos couraçados, como aves que desferissem cantos, o hymno de cada qual enchia os ares e, assim, os dois symbolos confundiam-se com os nossos em manifestação harmoniosa de sons e de côres, formando um concerto polyphonico sob a cupola chromatica dos pavilhões desfraldados.

Os dias que passaram comnosco os homens que aqui vieram, com os seus «lares» sagrados, hão de ficar na memoria de todos, porque foram verdadeiramente venturosos.

Chegaram em bom tempo, que este mez é de germinação; é o mez da Primavera, mez em que a terra se abre em sorrisos de flores, em que o céu se

tinge de um azul suave, em que o sol é tepido e as estrellas scintillam com mais brilho. E elles levarão da terra a lembrança do agasalho com que foram acolhidos, não só pelos homens como pela propria natureza e quando, em suas patrias, referirem o que aqui viram, certamente se não hão de esquecer de falar da belleza da cidade, abaluartada de montanhas e defendida na sua orla oceanica por um dos titans, que nella se petrificou em cordilheira, como o outro, em Africa, no dizer do poeta, se metamorphoseou em cabo, perpetuando a furia com que arremettera ao Olympo em tormentas constantes e em pavores.

Mas do Brasil, do grande e mysterioso Brasil, que dirão elles ? Viram a Cidade primorosa, garridamente adereçada para as festas do Centenario, poucos, porém, foram os que ultrapassaram as suas divisas para vêr o que ha no interior do territorio immenso : as florestas frondosas, os campos extensissimos, os rios largos, de caudal profundo, as cachoeiras possantes ; e as lavouras, as minas, a grande vida industrial, cidades que nascem, póvoas que se installam e ainda, nas selvas virgens, tabas da gente primitiva, os remanescentes das tribus que vão sendo repellidas para os rincões mais profundos da terra, outrora assenhoreada pelas hordas sempre em guerras.

Esse é o Brasil que devia ser visitado porque elle é que é verdadeiramente a Patria, a terra de Promissão, a Chanaan de que falam os poetas.

Mas não se julgue que as nações se tenham abalado para vir vêr apenas a cidade, cuja fama de formosura, como a das princezas nas historias, corre mundo.

Foi-se o tempo em que os homens se deixavam vencer pela belleza, tempo em que a fama de um lindo rosto trazia a certo castello, das regiões mais remotas, amadores que disputavam, com o preço da propria vida, um sorriso da castellan.

Hoje o que se quer saber é se a donzella tem dote e a quanto monta o mesmo e ainda se tem parentella rica de quem possa herdar, e que outras prendas possue. Isso de rosto formoso é secundario.

A *Gata borralheira*, deixem lá dizer, se houvesse apparecido no baile com os farrapos com que mourejava na cosinha, onde a refugara a familia, nem á porta do palacio lograria chegar, porque os guardas não permittiriam que uma lambusona tisnasse com o seu desmazelo o brilho da recepção principesca. Se ella entrou no salão resplandecente, se dançou com o principe, realisando o ardil de perder o sapatinho de crystal, foi porque a sua madrinha, que era fada, forneceu-lhe os meios de apresentar-se sumptuosamente.

Não ha duvida que um lindo rosto influe, mas os «teres» valem muito mais.

Fosse eu como Ariel, alado e invisivel, e iria em vôo por esses mares ouvir as conversas dos que regressam e vêr o que fazem, agora que se acham em familia, longe de ouvidos e olhos indiscretos.

Estou certo, porém, de que não vão por ahi commentando as festas que aqui tiveram e revendo a cidade nas photographias e cartões postaes que levam como lembranças, mas examinando relatorios e pautas, cuidando do que interessa e do que distrahe.

E bom é que assim seja porque o Brasil só será o que deve ser no dia em que houver nelle o numero bastante de trabalhadores que o façam produzir o que a sua fertilidade encerra.

A exposição foi um meio de attrahir e as nações vieram por ella ao Brasil como o principe foi á Borralheira pelo sapatinho de crystal.

Tudo está em saber lançar o annuncio. Se a linda moça se houvesse deixado ficar junto ao fogão não chegaria ao que chegou e é até possivel que uma das taes irmans invejosas, apezar de vesga uma, e outra coxa a esta hora occupasse o throno em que se sentou a dona do sapatinho.

21 de Setembro.

Oração Eucharistica

Graças vos sejam dadas, Senhor, por todo o bem com que nos tendes amerceado e amercearéis ainda e sempre : pelo bem que nos fizestes no passado ; pelo bem que nos fazeis no presente e pelo que, affirma-nos a Esperança, nos fareis pelo tempo adiante.

Graças vos sejam dadas, a Vós, que assignalastes a nossa Patria, no céu e na terra, com o vosso cruzeiro : no céu, formando-o de estrellas ; na terra, figurando-o na bandeira christan dos navegadores e ainda com o primeiro tronco cortado na floresta virgem, e levantado em cruz, diante da qual, chefes, soldados, marujos e selvagens ouviram a missa que sagrou a descoberta chamada, desde então, Terra da Vera Cruz

Graças vos sejam dadas, Senhor, que nos acompanhais da Altura para o nosso destino, como a estrella acompanhou os Magos ao berço de Bethleem.

Graças vos sejam dadas, Senhor, que nos guiais do Céu, realisando por nós milagres maiores do que os de outrora, quando encaminhaveis e protegieis o Povo israelita no éxodo em que se abalou da terra da oppressão, atravessando, a cantar, por entre as aguas do Mar Vermelho, levantadas em muralhas; vencendo, em Pharan, todas as calamidades da aridez — com os rochedos estanques rebentando instantaneamente, não em lavas vulcanicas, mas em jorros de mananciaes; com o orvalho condensando-se em acromel; com as nuvens de cotovias offerecendo-se-lhe em generoso apisto e com as armas abençoadas levando de vencida a todos os dibras do deserto, abrindo passagem para a fertilidade de Chanaan

Graças vos sejam dadas, Senhor, que nos aconselhais nos dias obscuros, que nos animais nas horas tormentosas, que nos assistis nos instantes doloridos; que velais por nós na treva como phanal e que nos inspirais as obras que vamos realisando em paz.

Graças vos sejam dadas, a Vós, que vindes do céu em charisma sempre que vos invocamos, ma-

nifestando-vos, quando bradamos por Vós, em carne e em sangue, na mesa da Eucharistia.

Vós que sois o principal alimento da Vida, porque a nutris para a Eternidade entrando nalma como entram no corpo o ar e a luz; Vós que mantendes a Esperança, arrimo dos soffredores; Vós que accendeis a Fé, claridade que nos guia ao Céu; Vós que sois substancia e calor na hostia e no vinho; Vós que sois para o espirito necessidade tão grande como é o halito para o corpo; Vós que sois Tudo dentro do Nada; Vós que realisais no coração do Homem milagre identico ao que realisa a semente na terra que, de pequenina, em chão nú, sobe em tronco frondoso, enflora-se e frutifica; Vós que sois a Omnipotencia e a Misericordia; Vós que sois a Fartura na terra, a Saude no ambiente, a Luz no Espaço, o Amor na Eternidade, fazei-nos a Graça de tornar a nossa bandeira, onde se acha, como em altar, a constellação symbolica da Redempção do Homem, eterna e invencivel como a propria cruz, do alto da qual, na hora em que vos desligastes da condição ephemera de Homem, reassumindo gloriosamente, pelo transe da morte, a vossa gloria celestial, deixastes, para salvação dos crentes, a carne branca do vosso corpo e o sangue rubro das vossas veias, que são os viaticos com que a alma faz o seu transito para a Eternidade.

Graças vos damos, Senhor, por todo o bem que nos tendes feito, e á nossa Patria á qual impuzestes, como resplendor, a vossa propria cruz feita de estrellas.

28 de Setembro.

O nosso theatro

Quando Antoine declarou fallido o Odeon, o admiravel theatro que é o verdadeiro seminario da dramaturgia franceza, em vez de o assetearem com ataques, um deputado levantou-se na Camara, não só para fazer-lhe o elogio como para pedir lhe fosse reforçada a subvenção, afim de que o grande reformador continuasse á frente do theatro, onde tanto realce dera ao repertorio clasico, acorçoando, igualmente, os novos autores, que tinham nelle um verdadeiro páredro.

A França que, em materia de theatro, possue os melhores padrões nesse mesmo Odeon e na Comedie, para citar apenas os officiaes, não cogitou jámais de lucros de bilheteria, considerando, como principal, a propaganda da sua litteratura e o que della resulta, tanto em beneficio da cultura do po-

vo, na manutenção do espirito de nacionalidade, como na diffusão do genio da raça, que tanto se tem imposto ao mundo pelo estro dos seus poetas e pela arte dos seus actores.

A França não deixou jámais de patrocinar o theatro, á maneira do que fez a Grecia que, ainda assediada por inimigos, com o erario militar exhausto, não ousava tocar no «theorico» ou thesouro dyonisiaco, com o qual eram custeadas as representações dramaticas.

Nos dias sangrentos da revolução, quando a carreta sinistra atravessava as ruas de Paris com as levas de condemnados á guilhotina, o theatro funccionava e, entre as peças que, então, appareceram uma houve, notavel, de André Chenier *Charles IX ou l'école des rois* representada, pela primeira vez, a 1 de Novembro de 1789.

E foi nesse tempo que surgiu espaventosamente o typo da celebre peixeira *Madame Angot*, «caricatura grosseira e ridicula, como diz Geoffroy, da plebéa enriquecida que, no esplendor dos salões, não esquecia os gestos desabridos e o calão descomposto do tempo em que vendia á banca, no mercado».

Essa virago fez epoca, conquistou a platéa popular desde que a lançou em scena o seu criador Antoine François Eve, por alcunha Maillot, e a

sua famosa *Filha*, nascida na opereta de Clairville, para a qual Lecoq escreveu a celebre partitura, depois de correr triumphalmente o mundo, veiu ter aqui e, traduzida por Arthur Azevedo, com a graça que lhe era propria, alcançou exito sem igual no genero ligeiro.

Napoleão soffria os rigores do inverno na desastrosa campanha da Russia quando lançou as bases da reforma da *Comedie*.

Sem continuidade de acção nada se consegue. Não basta o impulso inicial, é necessario perseverar no esforço, insistir no alento. Não se vive de um folego, mas de respiração continua.

Machado de Assis assim entendia, e disse-o, lastimando a decadencia da scena brasileira:

«Todavia, são palavras do mestre, a continuar o theatro, teriam as vocações novas alguns exemplos, não remotos, que muito as haviam de animar.»

Isso, aliás, é vezo nosso. Somos um povo voluvel, não assentamos em proposito algum. Para impetos, experiencias e novidades não ha como nós, tudo, porém, se nos frustra, fica em meio ou muda de destino se o acabamos.

Quantas pedras fundamentaes ha por ahi enterradas ou cobertas de matto? quantos alicerces esbarrondados, quantas ruinas de construcções

abandonadas em começo, quantos predios levantados para um fim e, logo depois, modificados para outro ? E tudo é assim.

Somos como as crianças que desejam um brinquedo, choram para que lh'o dêm e, mal o ganham, logo o aborrecem pensando em outro, quando o não escangalham para vêr o que têm dentro.

A Comedia Brasileira foi mais uma tentativa de restauração do theatro nacional: viveu pouco, á custa de uma injecção. Já se lhe vão apagando as gambiarras e sobre o palco, como á frente de um mostruario de exposição, começa a baixar a cortina férrea do esquecimento.

A feira vai levantar-se porque os donos do terreno querem-no para outra occupação.

Diz-se que o esforço não correspondeu ao sacrificio, que não houve ali coisa alguma que compensasse o dinheiro gasto e o tempo perdido. Quem tal diz é a critica sensata, que sabe como é difficil levantar um theatro ?

Não! Essa andou sempre com generosidade, animando, não só os escriptores, como o elenco que se reuniu para interpretá-los.

A reforma do theatro allemão, apezar de ter na direcção da campanha um homem da estatura de Lessing e valores scenicos como a Neuber, levou annos de persistente esforço para realisar-se.

Exigir peças magistraes e artistas impeccaveis de um dia para outro, é querer milagres que se não podem produzir por falta de santos.

Façamos obra humana, com as forças de que dispomos, pouco a pouco, com paciencia perseverante.

Pedra a pedra é que se levantam muralhas e torres: gotta a gotta é que se enchem mananciaes. A lyra de Amphião, que attrahia blocos de rochedos para construir as muralhas de Thebas, é instrumento que já não sôa e macareus que enchem rios em minutos são phenomenos que não podem servir de exemplo.

Só perseverando conseguiremos ter um theatro digno da nossa cultura, mas, para o brasileiro, o verbo perseverar não é só irregular, é absurdo em modos, tempos e pessôas. Nunca, jámais elle o conjugará.

2 de Outubro.

As taes embaixadas...

Muito concorreram os grandes «agons», ou jogos sagrados, para aproximar os povos dos varios Estados gregos, tornando mais fortes entre os mesmos os vinculos de amizade.

Infelizmente, porém, nem sempre as competições athleticas, apesar da rigorosa disciplina que as presidiam, mantida severamente por officiaes chamados alytarchos, findavam harmonicamente. Vezes houve, e frequentes, em que o empenho pela victoria de um favorito ou do representante de uma theoria, agitou ardidamente a archibancada.

Eram, a principio, injurias aos que se mediam na arena, trocas de palavras entre os espectadores, affrontas de parte a parte, conflictos e, por fim,

rastilhando a raiva, era toda a assistencia que se conflagrava em tumulto.

Debalde manifestavam-se os epiméletas, ou juizes; debalde o agonothéta procurava impor a sua autoridade; debalde intervinham os hellanódices ou chefes de embaixadas agonisticas, a luta continuava violenta e, com o escoamento do povo, que se precipitava dos gymnasios, bradando contra athletas e juizes, nas ruas, nas praças os partidos defrontavam-se e o que começara em festa, em honra de um deus, degenerava em batalha alarmando a cidade.

Alfredo Maury, no estudo que fez das *Festas religiosas e jogos agonisticos na Grecia*, diz, commentando certas dyonisiacas e Panathenéas no correr das quaes eram disputados jogos athleticos:

«Não eram festas religiosas, mas verdadeiras guerras.»

E transcreve a opinião de notavel orador, Maximo de Tyro, sobre taes certamens, tão do gosto dos hellenos:

«É um encanto vêr aquelles airosos mancebos exercitando-se, nús, em jogos de destreza e força e em danças as mais graciosas. Mas, infelizmente, o que se nota é que Agesilau tem inveja de Lysandro, Agesipolis não supporta Agis, Cinadon arma ciladas aos reis, Phalante aos ephoros, os

Parthenios aos Spartiatas. Só acreditarei na conveniencia e utilidade de taes festas no dia em que, em vez da discordia, eu vir o que nellas sempre devera existir: o sentimento de amizade.»

Se Maximo de Tyro houvesse adormecido como Epimenides, e só agora acordasse, acharia os jogos no mesmo pé em que os deixou, com os mesmos defeitos que os viciavam, criando odios entre os homens e até compromettendo velhas amizades entre nações.

Não quero commentar o que aqui houve durante as olympiadas. Algumas das embaixadas que nos honraram com a sua visita deixaram em tal estado as casas em que se hospedaram, que foi quasi necessario reconstrui-las. E — diga-se a bem da verdade — muitos dos que vieram defender côres nacionaes em nossos campos não conhecem as regras de viver que tanto ennobrecem o povo em nome do qual se apresentaram.

Os campeonatos não são apenas demonstrações de agilidade e força, senão tambem, e principalmente, de cultura moral, de polidez, de boas maneiras. Não basta vencer a muque, é necessario, tambem, conquistar pela educação, impor-se pela compostura, porque os povos prendem-se mais pelo espirito do que pelas garras dos seus homens de força.

Energia não é synonymo de brutalidade. Apollo vencia dragões e abatia lutadores e era, entretanto, o deus, entre todos, gracioso.

Se, na organisação das theorias, ou *teams*, como agora dizemos, á inglesa, as commissões cogitassem de uma boa representação nacional, muitos dos que aqui vieram, como athletas, talvez nem como carregadores de malas houvessem conseguido lugar nas mesmas embaixadas. Ganhar em campo á custa de violencias, respondendo ás manifestações da assistencia com acenos como os que foram feitos da arena do Estadio para as archibancadas, cheias de senhoras, poderá ser uma prova de força bruta e de grosseria, demonstração esportiva isso é que não é.

A mais bella victoria, a unica que, em verdade, prevalece pela conquista da sympathia, é a da cortezia. O cavalheirismo era a doutrina dos paladinos e, por mais fortes que fossem e mais destros os manejadores de lanças, não se esqueciam jámais das regras que lhes eram impostas pela moral da Ordem.

Felizmente para os povos amigos, que foram aqui tão mal representados por arruaceiros depredadores, nós sabemos que taes embaixadores foram constituidos com pessoal... de uso externo, porque nos centros cultos das suas proprias patrias

nenhum delles jámais entrou nem tentará entrar pela certeza que tem de que não será recebido.

Não têm culpa os paizes do que fizeram os seus mandatarios — a escolha da gente para tal representação é que foi mal feita : em vez de a tomarem na sociedade, apanharam-na na rua. Foi isso.

9 de Novembro.

Ao som da lyra

Chacun se trompe ici-bas;
On voit courir après l'ombre
Tant de fous qu'on n'en sait pas,
La plupart du temps, le nombre
Au chien dont parle Esope il faut les renvoyer.

LA FONTAINE.

Abocanhando um naco de vitella, ia um cão, mui ancho, procurando refugio onde, fóra das vistas e longe do fáro de gauderios, manducasse em socego, quando se lhe oppoz ao passo um corrego, limpido, mas não tão razo que pudesse ser transposto a vau.

Poz-se o rafeiro a pensar na travessia e, já se decidira a fazê-la a nado quando descobriu uma pinguela, que lhe facilitava o transito, poupando-o ao molho e ainda garantindo o bocado appetitoso, que lhe podia ser arrebatado pela correnteza. Foi-se.

Logo, porém, que poz pé na estreita estiva, olhando a agua que corria em baixo, viu nella não só a propria sombra como a da carne que levava e

que lhe pareceu, não só maior em posta, como mais gorda. Foi um tudo abrir a boca largando a presa certa e atirar-se ao corrego para abocar o reflexo e só lucrou com o mergulho encharcar-se e beber um gole dagua. Quanto á carne verdadeira, essa desceu ao fundo, onde a tomaram os peixes, ou foi-se de roldão no rolo da corrente.

Ficou-se o cão com a fome e mais com o arrependimento do que fizera e logrado, vexado, passou á outra margem, onde se poz a uivar entre as hervas e naquelle dia, por muito querer, apertou-se-lhe o ventre em jejum de quaresma.

Esta fabula do escravo phrygio suggeriu-me outra que eu só não ponho em fórma porque não disponho do dom que deu renome eterno ao moralista giboso. Todavia, aqui vai, mal amanhado, o que me occorreu á mente ao pensar nas famosas addicionaes com que a tabella Lyra, de som abemolado, encantou a gente burocratica.

Vivia o povo do funccionalismo na corda bamba dos prestamistas, fazendo prodigios de equilibrio entre o activo e o passivo, quando resoou no Senado o instrumento poetico afinado em cordas de ouro.

As cordas eram, em verdade, seductoras e começaram todos a trabalhar para ouvi-las de perto. Conseguiram o que tanto desejavam.

Caso estranho, porém, taes notas, que pareciam ser como as da harpa de David, que abrandavam a colera de Saul, enfureceram, ainda mais, a Carestia, tornaram a vida mais difficil, porque, tangidas no instrumento do legislador, écoavam tonitruosamente no balcão dos fornecedores, e, cantando em bemol, repercutiam em sustenido.

O augmento do beneficio provocou maior gravame — a sombra fez-se dez vezes maior que o corpo e assim o que fôra meditado para melhorar a situação do afflicto tornou-a mais afflictiva. Tudo subiu na proporção da tabella — o que antes custava 10 passou a valer 100 porque, disseram os fornecedores :

«*Sol lucet omnibus*. A tabella não ha de ser só para elles : se elles foram augmentados, nós fomos tributados e, como o tributo novo veiu pelas cordas da lyra, que o paguem os dilettantes do instrumento abonador. As pautas devem correr parallelas: o activo ao lado do passivo ; parallelas, mas não iguaes, porque o activo deve ser sempre mais comprido ao menos em nossas contas. Nada de injustiças ; se ganham mais, paguem mais. »

E tudo sobe. Já a burocracia brada contra o pouco que lhes foi dado, acha que a tabella Lyra não basta, quer uma tabella Harpa, que tem mais cordas, e, se lh'a derem, os fornecedores acharão

meio de levantar ainda mais os preços e a tabella passará a ser de dois e mais instrumentos, até chegar a uma orchestra, mais numerosa do que a de Vienna, e ainda assim será pouca para os gastos.

O circulo vicioso dilata-se cada vez mais. Melhor será ficarmos como estamos, porque se forem augmentando os beneficios, será peor porque, dando o governo a vantagem de 10 % e cobrando o fornecedor os generos com o agio sombrio de 20 % quanto mais receber o funccionario mais se lhe tornará insupportavel a vida e no dia em que os honorarios lhe forem pagos com 500 por cento de addicionaes elle só terá um recurso e esse será comprar uma arma com que se suicide para sahir do labyrintho em que o metteram . . . ao som da lyra.

17 de Novembro.

Um Ministerio

Falou-se, ha tempos, na criação do Ministerio de Instrucção Publica e das Bellas Artes, ao qual ficariam affectas a vigilancia e defesa da esthetica da cidade.

Os artistas alvoroçaram-se com a noticia e um grupo de ruskinianos, que se preoccupa com arvores centenarias, fontes manando em carcavões de montanhas, edificios em ruinas, pedras recomidas, carrancas de chafarizes coloniaes, costões de praias e quejandas baboseiras, chegou a espalhar convites, impressos em folhas de amendoeira, para um ágape silvestre nos alcandores da Tijuca.

A nova morreu em boato.

Faria, entretanto, obra meritoria, de verdadeiro patriotismo, o governo que criasse tal departamento administrativo, provendo-o de abcedarios

em profusão, dotando-o com um orçamento para manutenção de escolas, acquisições artisticas e dando-lhe prestigio e mão forte para que se oppuzesse ás depredações dos que estão transformando a physionomia da cidade, destruindo-lhe a belleza, sacrificando-lhe os maravilhosos recantos: a uns, entupindo com verdadeiras moles imprestaveis, vasadouros de dinheiro, que só serviram para enriquecer, á ufa, empreiteiros apadrinhados e dar lucros em barda a um bando de galfarros, chacaes ladinos que acompanham os leões nas caçadas fartando-se com o deventre das presas devoradas; a outros, e dos mais acceitosos, derrubando impiedosamente o arvoredo, desmantellando bacias de cascatas, todas de pedras avelludadas de musgo, dynamitando fragas, aplainando accidentes para reduzir tudo á chatice e . . . a dinheiro.

Se já funccionasse tal Ministerio certamente a Cidade não teria hoje, em vez da curva graciosa da sua tão celebrada bahia, aquelle promontorio de lôdo, que as ressacas fariam bem se dissolvessem, levando para o oceano todo o barro do morro, que foi a victima do quatriennio extincto.

E o que ha de obras começadas! o que ha de andaimes, o que ha de paredes, o que ha de construcções em meio ahi por essa cidade! E ao peso dessas ruinas precoces quanta tradição soterrada!

Dinheiro haja!...

A Avenida offerece, ha dias, aos seus transeuntes, um espectaculo devéras interessante, que deve ser aproveitado, como lição, pelos administradores da fortuna publica (e o momento é opportuno por estarem na berlinda os orçamentos) — é o do aviltamento, ou diga-se: da prostituição da moeda, ou moedas, porque são varias e de estampas diversas, as que se arrastam, mendigas, pela mais raza das baixezas.

Feirantes, aos magótes, carregados de papeis pintados, apregôam fortunas a dez réis de mel coado, não em bilhetes de loterias, mas em cedulas que representam corôas da Austria, marcos da Allemanha e rublos bolchevistas.

É tal a esmola que a gente desconfia e, se muitos não compram a réles mercadoria, é porque se lembram dos famosos contos do vigario e temem

que o *pàco* se lhes transmude nas mãos em embrulho de papel sujo.

Mas não: o negocio é limpo; fazem-no os mascates á luz do sol e aos olhos da policia, com pregão alto, provando que, com um punhado de tostões, póde qualquer pé rapado ficar com o bolso mais cheio do que a cornucopia da Fortuna.

Lycurgo, para acabar com a avareza em Esparta, instituiu a moeda de ferro que, pelos modos, era uma espiga, porque, segundo Plutarcho, «era tão grande e tão pesada que, para guardar a somma de dez minas, era necessario um quarto e, para transportá-la... um carro de bois».

Para enthesourar em marcos, rublos ou corôas quantia correspondente a mil contos da nossa moeda seria, talvez, pequeno o Palacio das Festas da Exposição.

Mas, francamente: De que servem papeis taes que andam por ahi ás toneladas, como serpentinas em quarta-feira de cinzas?

Que lucram os paizes fallidos com essas emissões que, em vez de os tirarem de aperturas, ainda mais os arrocham e desacreditam? Mais vale um óbulo de cobre de bom cunho, do que uma cedula millionaria, dessas que por ahi circulam.

Não foi com o intuito austero de conter a avareza, que inspirou ao legislador lacedemonio a idéa

das moedas de ferro, que as nações, dessangradas pela guerra, fizeram as emissões que transbordam pelo mundo; foi, ao contrario, para disfarçar, com ouropeis e dobletes, a miseria que as opprime.

Pobres cedulas! são bem a imagem commovedora da decadencia: valores em titulos, e nada por dentro; brazões cobertos de teias de aranhas, fidalguias rebentadas, como as de certos nobres que ostentam trapalhos de velludo cobertos de insignias e condecorações e dormem em palheiros, roendo famintamente codeas e ossos.

O espectaculo que nos offerece a Avenida com a derrama de dinheiro, vendido a granel, deve ser olhado, como exemplo, pelos economistas de certo paiz, onde tudo vai á matroca.

Aos que andam por ahi a vender o seu dinheiro por esmolas foi a guerra que os malbaratou; ao outro, quem vai anniquilando é a indifferença por um lado e a incuria por outro — duas inercias que se ajustam.

O pregão dos feirantes da Avenida sôa sinistramente como aviso. Ouçam-no os que passam e aproveitem-lhe a lição.

Por emquanto o dinheiro que se almoéda é de fóra. Praza a Deus que não succeda o mesmo ao de casa, não porque a guerra tenha minado o erario publico, senão por desidia, ou coisa peior, daquel-

les que o deviam guardar e que reduziram o lastro ouro do paiz a barro; esbanjaram as economias; dissiparam, alagadeiramente, em festas, todo o arrecadado; lançaram-no á rebatinha a todas as vaidades e manirotos, perdularios, pródigos, etc., etc., não só rasparam o thesouro, como exhauriram todas as fontes de renda, empenharam todos os haveres existentes, compromettendo ainda as safras do futuro com o que ficou o paiz amarrado de pés e mãos pelos cordões da bolsa de Shylock.

E se amanhan, em outras praças, feirantes apregoarem, por ceitis, as notas do tal paiz, que, segundo os dizeres dos optimistas, é mais fertil do que a ubertosa Chanaan da Biblia, não se queixem os seus homens porque Deus lhes poz ante os olhos um espelho limpido.

Por emquanto a proclamada fertilidade do tal paiz só lhe tem trazido desgosto como a gordura aos obesos: corpanzil de gigante, mas de saude, nada.

E o pregão continúa na Avenida: rublos, corôas, marcos. São as barbas dos visinhos que ardem. Borrifem-se, ao menos, senhores financeiros.

Mil corôas! quinhentos réis! E ha quem venda a quatrocentos... Cuidado com a prata de casa!... Emfim, Deus é brasileiro.

7 de Dezembro.

Salteadores de nações

A policia anda no rastro de uma quadrilha sinistra que, se não fosse descoberta a tempo, talvez lograsse realisar o crime nefando de roubar ao continente sul-americano a sua maior riqueza, que é a paz.

Não se compõe a horda de salteadores communs, desses que os romances de capa e espada nos mostram mascarados, com rebuços dramaticos de mantos negros e chapéus de abas largas, clavina ou bacamarte á mão e punhaes á cinta, alapardados entre fragas, em desfiladeiros, ou de tocaia em bosques, á beira de estradas, surgindo, de improviso, á frente do caminhante, logo o ameaçando com a arma e intimando-o ao desvalisamento á voz imperativa de : « A bolsa ou a vida ! »

Esses taes revestem de certo heroismo a rapi-

nagem, são, pelo menos, audaciosos e arriscam-se, muitas vezes, a deixar a pelle na aventura, porque nem todos os assaltados são covardes e muitos, contando com entrevindas estradeiras, vão apercebidos para defender a bolsa e a vida e o fazem com galhardia.

Não são, porém, bandidos de estradas esses que, por mercê de Deus, estão sob as vistas da policia. Não se trata de ralé como a da Falperra; não são bravos de façanhas romanticas, com uma caverna como a que o esperto Ali Baba descobriu e onde se amaquiou de ouro e preciosidades, por ter ouvido, no fundo do esconderijo em que se mettera, a palavra encantada que fazia girar o rochedo, porta do mysterioso antro da farandula aladroada.

Os meliantes que estão na berlinda são homens de boa sociedade, frequentam o grande mundo e, com artes subtis de dissimulação, insinuam-se em todos os meios e, o que mais é, em vez de roubarem bolsas, atiram-nas, e recheiadas, á direita e á esquerda. E com tal prestigio caminham e vencem todas as difficuldades.

Tal bando entendeu que o material que sobrára da grande guerra não devia enferrujar-se e cobrir-se de mugre ao tempo.

Pois haviam de arruinar-se, reduzindo-se a ferro velho, tantos navios escapos das insidias do mar,

tantos canhões, tantos fuzis, tantas bayonetas e ainda aeroplanos e munições em barda? Não! Tudo isso representava dinheiro, todo esse alcaide valia milhões... a questão era saber aproveitá-lo.

A Europa, depois da grande sangria que soffreu, escarmentada da luta formidavel, não se metterá, tão cedo, em outra arcosca.

Juntaram-se, então, os traficantes em conselho e, depois de haverem estudado as condições de fortuna de varios povos, decidiram voltar as vistas para a America do Sul, continente rico, habitado por gente nova e, ao vêr de taes patifes, árdega e explosiva. E o mais subtil disse logo, antegozando a melgueira:

«Ponhamos em jogo a intriga, um rastilho de sizania que vá de uma a outra Republica e, com ardis que não nos será difficil entretecer, teremos a obra feita. O ardor de tal gente é polvora — inflamma-se com uma fagulha e, logo que se der a explosão, meus amigos, é entrarmos com o nosso material, e o ferro velho, o rebutalho inutil da grande guerra valerá o seu peso em ouro».

Tal foi a combinação da quadrilha e, desde logo, puzeram-se em campo os que deviam estender o tal rastilho entre nações da America feliz, transformando-a, de uma hora para outra, em balcão sanguento de negocio.

Que importa a essa corja que a tranquillidade em que vivemos nesta doce região, moça e sadia, se conflagre por aleivosia interesseira? Fiquem as cidades em ruinas, os campos talados e desertos, os lares tristes; chorem as mulheres em viuvez e as crianças em orfandade; pereçam todos os homens validos, restando apenas os dois extremos frageis — a infancia e a velhice com tanto que elles enriqueçam... e o negocio será excellente.

Sangue, lagrimas, ruinas, isso que monta! A vida não se faz com pieguice, senão lutando. Que lutem, pois, os povos em proveito dos empreiteiros de guerras; que se estraçalhem nações para que a cainçalha se farte no seu encarne; que se transforme em odio a amizade multisecular de povos da mesma região; que tudo pereça, que tudo se desmorone á metralha — os tiros que estrondarem em terra e no mar na luta fratricida tinirão no cofre dos movimentadores de exercitos.

As bandeiras desfraldadas no fumo das batalhas serão, para elles, como letras a prazo e quanto maior fôr a catastrophe melhor será o negocio.

E os ferros velhos volverão aos que os mercadejarem em ouro novo, amoedado, que fará a fortuna de muitos, ainda que taes moedas, partidas ao meio, vertam sangue e lagrimas.

Os grandes negociadores de catastrophes têm,

sobre a moeda, a opinião de Vespasiano. Venha de onde vier, se fôr de bom ouro, será bem vinda.

Felizmente, porém, a Policia descobriu o negocio a tempo e, em vez dos ferros dos canhões e das couraças, dos fuzis e das bayonetas, dos schrapnells e dos obuzes se transformarem em ouro, á custa do sangue e das lagrimas de povos irmãos, fundir-se-ão em algemas que acorrentem as féras que, deshonesta e cruelmente, conspiram contra a vida e contra a Harmonia.

E digam ainda que são exaggeradas as palavras com que Parmentier, no seu admiravel romance *L'ouragan*, fulmina os negocistas:

« Il y a des hommes atroces dont l'intérêt est plus puissant que celui des peuples; il y a des monstres formidables de cruauté qui préparent, entretiennent, assoupissent et réveillent à leur gré les causes de haine entre les peuples . . . »

E foi de uma quadrilha de taes homens que, felizmente para a Paz americana, a Policia descobriu, a tempo, o rastro sanguinario.

14 de Dezembro.

Anno Novo

9 — Que é o que foi? é o mesmo que o que ha de ser. Que é o que se faz? é o mesmo que o que se ha de fazer.

10 — Não ha nada que seja novo debaixo do sol, e ninguem pode dizer: Eis aqui está uma coisa nova; porque ella já a houve nos seculos que passaram antes de nós.

Ecclesiastes, cap. I.

Por mais que a experiencia amarga nos demonstre que tudo de hoje é o mesmo de hontem, que a roda do Tempo gira no mesmo ponto, sem jámais deslocar-se, como a polia que revólta sobre si mesma, no eixo, pondo em movimento toda a engrenagem da officina dizemos sempre, obstinados na esperança: novos dias, anno novo, novo seculo.

Tudo é o mesmo revolutear vertiginoso.

A vida passa no Tempo como a corrêa na roda motriz: desce, sobe; vai e torna e, ajustada nos extremos, não tem principio nem fim.

E insistimos em dizer: começa, acaba, quando, alludindo á continuidade, devêramos dizer: pro-

segue. E essa força, em actividade perenne, é que nos propulsiona, a nós e aos mundos, a toda a creação.

E que se faz de novo nessa officina que Cohelet percorreu, recanto a recanto, achando em todos apenas vaidade? Fez-se hontem o mesmo que se fizera na vespera e o que se ha de fazer amanhan e assim pelos dias, annos e seculos a fio.

Porque havemos de apregoar novidades, quando sabemos que «nada ha de novo debaixo do sol» senão reproducção do ephemero, porque tudo que existe data da primeira hora do genese, todos os elementos, todos os seres, todas as coisas, o que jaz ou se move na terra e no ar, na agua e nas profundezas, como tambem os sentimentos que agitam o coração, que logo se manifestaram em amor e em odio; e as idéas que latejam no cerebro, idéas que, ainda nos primeiros clarões, alumiaram o homem no exilio a que o condemnou o Altissimo, guiando-o e industriando-o na defesa e grangêo da vida?

Se o homem creasse tornar-se-ia igual a Deus; se a Natureza innovasse seria essencial, tanto como a Divindade.

O que chamamos novo «é o que foi e o mesmo que ha de ser,» e vale tanto como o que faz o lenhador que abate um tronco na floresta, fende-o em achas, enpilha-as, chega-lhes lume e accende

uma fogueira; chammas que amortecem em brasas, brasas que se desfazem em cinzas.

Crear é tirar do nada alguma coisa.

Anno novo. Novo, porque? Porque é necessario dar ao homem versatil a impressão de mudança. Eternidade só é admissivel depois da morte, a vida exige movimento e variedade.

Prosiga-se, ainda que se caminhe como os ponteiros dos relogios — em circulo, avançando sempre no mesmo ponto; percorrendo, em volta, as mesmas horas, ao rythmo do pendulo, que vai e vem.

Emfim, como não se vive sem a illusão, comecemos pela maior, que é o Tempo, festejando-lhe o renascimento, como, ha pouco, commemoramos o Natal que é o renascimento de Deus.

São forças eternas, que é necessario manter, e porque não supportariamos a continuidade, sem horas, nem culto sem crepusculo, matamos o Tempo para renová-lo e sacrificamos Deus para resuscitá-lo. Questão de novidade sem a qual a vida seria enfadonha e a religião monótona.

Tudo, emfim, se resume nesta verdade: «Para que haja alegria na vida e revice a esperança, alento do coração humano, é necessario appellar para a morte.»

Assim mata-se um anno para que se possa commemorar o nascimento de outro.

E em que consiste a cerimonia, toda imaginaria, da successão, no Tempo, de um anno por outro? na simples substituição de um blóco desfolhado por uma folhinha intacta.

E, com isto e danças, luzes cambiantes, flores, parabens, votos de ventura e a consoada opipara da meia noite, contenta-se o homem enchendo-se de esperanças e satisfazendo a vaidade com imaginar que fez coisa nova com o Tempo, que é o que ha de mais velho neste . . . e nos outros mundos.

28 de Dezembro.

1923

Angustioso appello

Fio que o Sr. Prefeito, que é um sincero e decidido propugnador da cultura physica, envidará meios de attender, como de justiça e direito, á representação que lhe foi levada pelos directores dos quatro clubes de natação e canoagem que têm as respectivas sédes na rua de Santa Luzia. São elles — *Boqueirão do Passeio*, *Natação e Regatas*, *Internacional* e *Vasco da Gama*.

Nucleos de preparação eugenica e escolas práticas de reservistas da nossa marinha, taes clubes, que se mantêm a expensas proprias, sem favores officiaes de ordem alguma, porque os proprios premios, instituidos pelo Governo, raramente lhes são entregues, prestam á Patria serviços inapreciaveis.

Nelles reunem-se, solidaria e disciplinadamente,

os jovens que se dedicam ao esporte aquatico, treinando-se em exercicios methodicos nos quaes, não só educam o espirito, encorajando-o nas competições em que se empenham, nas travessias ousadas que realisam a nado, nas provas de agilidade, força e calma que disputam, como se retemperam energicamente revigorando-se no mar, onde adquirem saúde, força e belleza para orgulho e melhoramento da raça. Tempo houve em que taes clubes tinham o mar ás portas. O nadador, em dois saltos, alcançava a onda, ia-se por ella ao largo e as guarnições desciam ás praias com os seus barcos, punham-nos a fluctuar, partiam e, de volta, tomando-os facilmente aos hombros, em segundos, recollocavam-nos nos cavalletes dos estaleiros.

O esporte tomou incremento. Os campeonatos internacionaes estimularam os affeiçoados do mar e os clubes, procurados por grande numero de socios, trataram de melhorar as suas installações, de augmentar as suas frotas onerando-se com as construcções que realisaram e com as encommendas, que fizeram ao estrangeiro, de apparelhos e barcos de varios typos.

Justamente quando mais careciam de favores e de facilidades para os exercicios dos seus associados, eis que surge a idéa de estender-se na linha littoranea a terra tomada ao morro do Castello

avançando, com ella, a planicie, com o que ficaram os clubes distanciados da sua arena verde de exercicios.

Não foi isso bastante : a Exposição, levantando os seus palacios na area conquistada e inscrevendo-se em recinto vedado, fechou aos mesmos clubes todas as sahidas para o mar.

Protestos e representações, rogos, empenhos tudo foi tentado junto ao ex-Prefeito e S. Ex.ª sorria promettendo sempre resposta favoravel aos solicitantes, e a resposta que lhes dava era a que sahia do morro em wagons, terra á ufa, que, cada vez mais, alongava a distancia. Por fim, para encerrar as requestas, que o importunavam, a elle, que se dizia, sempre sorridente, propagandista dos mais enthusiastas do esporte, fechou com a muralha da Exposição o caminho do mar aos clubes.

Todo o movimento esportivo, nos ultimos annos operado entre nós e que tão excellentes resultados nos tem dado, é exclusivamente devido á iniciativa particular. Os esportes terrestres, o *foot ball* por exemplo, podem contar com a renda da bilheteria. Não se dá o mesmo com o esporte aquatico, praticado francamente nas aguas, de sorte que a manutenção dos clubes é feita pela quota dos associados que, não só os sustentam como ainda occorrem ás despezas das festas que realisam, nas quaes

se revelam os ageis e resistentes nadadores e os fortes remos que aqui se medem em pareos e em regatas e ainda vão competir no estrangeiro com vencedores olympicos, dando prova do que somos como povo culto e forte.

Pois são justamente esses clubes os que menos ou nada merecem; clubes, cujos socios vestem galhardamente a farda de reservistas navaes, fazem o seu tempo de serviço a bordo, formam em paradas nos grandes dias nacionaes e sahirão briosamente pela bandeira se para tal forem chamados; clubes, que desviam do vicio tantos moços aos quaes ministram educação energica e incutem principios de moral civica; são elles os que mais soffrem, os mais desprezados e esquecidos de todos os governos.

Não lhes dêm favores, não os prestigiem, neguem-lhes tudo, menos o direito de viver. Deixem-lhes uma aberta por onde passem, uma nesga que lhes sirva de transito para o mar — não os entaipem, não os emparedem para que não ganhe fóros de verdade e que já por ahi circula como boato « que o governo quer dar cabo dos clubes nauticos como anniquilou as linhas de tiro ».

Felizmente o actual Prefeito é um enthusiasta do esporte e sabe o bem que de tal cultura resultará para a nação. E o que pedem os clubes é tão pouco

que, certamente, não desequilibrará as finanças da Prefeitura. É só isto, conforme reza a representação: «passagem no portão que fica junto ao pavilhão japonês, entre 5 e 9 horas da manhan, quando não ha absolutamente movimento de visitantes na Exposição».

Esse pouco é muito, é tudo porque sem isso os quatro grandes centros de energia desapparecerão, em breve, asphyxiados.

Não responda o Prefeito ao pedido dos athletas com a indifferença com que os cesares ouviam o brado dos gladiadores que o saudavam para morrer.

11 de Janeiro.

Mãis e filhos

O caso é, realmente, grave e, pelos modos, visto que a sciencia da terra não o póde resolver, o remedio é appellarem os interessados para o outro mundo, retirando-o dos leitos da Maternidade para a mesa falante de uma loja espirita, na qual invoquem, como tirateimas, o espirito esclarecido de Salomão, que, em pleito quasi identico, lavrou decisão famosa, apparentemente cruel, mas, em verdade, subtil, porque, conhecendo, a fundo, o coração materno, contava com elle para esclarecer o caso, como aconteceu.

Agora, porém, se ha duas mãis em scena, ha tambem dois filhos... e um escandalo.

Eis o problema, tal como foi lançado, a côres, pela *A Noite*.

Recolhidos á Maternidade uma portuguesa e

uma mulata, ambas a termo, chegado o instante imperativo, deram conta do recado que ali as levara e, cada qual, commovidamente, e alliviada, apertou ao seio o que nelle andara durante nove mezes.

Satisfeita a natural ternura, as enfermeiras trataram de pôr os recem-nascidos em faixas e tanto os envolveram, tanto os cintaram e enrolaram que resultou, de tantas voltas, um embrulho complicado no qual, mais do que as mãis, estão em aperto os pais.

A paginas tantas achou-se a mulata mãi da filha branca e a portuguesa, quando deu por si, tinha, a chuchar-lhe o peito heroico lusitano, uma mulatinha das de caroço no pescoço.

Que baldrócas se teriam dado durante o natal para que os petizes mudassem de côr nos braços maternaes, ficando o escuro claro e o claro escuro ?

A sciencia attribue a pigmentação colorida da filha da portuguesa a insufficiencia das capsulas supra-renaes. E como explicará, a mesma sciencia pittoresca, a alvura da filha da mulata ?

O marido da portuguesa esse é que, certamente, não engulirá, sem nauseas, as taes capsulas, porque, deixem lá, por mais credito e respeito que mereça a sciencia, olhem que sempre deve ser uma espiga para um homem fazer a coisa de uma côr,

com tinta propria e o seu pincel, e sahir-lhe a droga de côr differente. É para subir-lhe a côr ao rosto de vergonha e accender-se-lhe em furia de indignação o brio.

Por mais que a mulher se defenda, com capsulas e quejandos argumentos technicos, ha de a pulga ficar atraz da orelha do homem, a mordicar-lhe o pundonor.

Terá havido troca de infantes, por descuido das enfermeiras, lá dentro, ou a troca terá ido de fóra, já com as côres indiscretas do escandalo? Só o espirito de Salomão poderá fazer luz no caso escuro, pondo as coisas em pratos limpos e dando o seu a seu dono.

Ou houve passe mal feito, e as enfermeiras trocaram as bolas, ou as bolas já estavam trocadas e as enfermeiras podem lavar as mãos, porque estão limpas de culpa.

E o caso encrenca-se (o verbo entra aqui muito a geito) porque as mãis, que deram do seu leite ás crianças, já agora não as querem largar e agarram-se com ellas: a portuguesa com o mulatinho, a mulata com Branca-Flor.

E os pais? Estarão elles dispostos a endossar, côm os respectivos nomes, documentos tão suspeitos? Ahi é que o caso muda de côr e começa a tornar-se preto.

As enfermeiras affirmam que lavaram as crianças em agua e não em tinta e se ellas mudaram de côr queixem-se as mãis das palhetas, que as tingiram. As mãis, por sua vez, não querem abrir mão das crianças e aceitam-nas com a côr que têm, porque já se habituaram com ella.

E a questão está neste pé, sem que se saiba, ao certo, se a portuguesa degenerou e a mulata apurou-se ou se houve engano das enfermeiras.

O que entra pelos olhos é que em toda essa cambiagem andou a mão sorrateira do diabo, a mão ou outra coisa, porque o branco não póde sahir do preto nem o preto do branco.

É verdade que o dia sahe da noite e a noite sahe do dia. Quem sabe lá! São os taes segredos indecifraveis da natura. Aqui só mesmo o espirito de Salomão, porque essa historia de capsulas — tem toda a razão o marido da portuguesa — póde ser muito scientifica, mas é deveras difficil de engulir.

4 de Janeiro.

Um prodigo

O jornalista moderno dá-me a mesma impressão que me causam os prestidigitadores habeis que, de uma pequena caixa, por artes que só elles sabem, tiram quanto lhes pedem os espectadores, cada qual segundo o seu capricho ou gosto.

Este quer vinho; aquelle prefere leite; a outro appetece-lhe cerveja; tal contenta-se com café; ao lado pedem chocolate; já de longe reclamam refresco; de mais fundo bradam por um sorvete e assim se vão multiplicando os pedidos e o prestimano a todos satisfazendo.

O jornalista, quando se assenta á mesa da redacção, não leva notas nem programmas e ha de escrever sobre os factos á medida que forem occorrendo; relatando-os, commentando-os, temperando-os conforme o assumpto — a este com o conceito, áquelle

com a pilheria; já sisudo, logo faceto; ora ligeiro, ora ponderado.

Com a mesma penna que lança o artigo doutrinario, ha de deslisar pela chronica, resumir a noticia mantendo, porém, o cunho impressionante, formular a reclamação, vibrar o protesto, florir o epithalamio ou enlutar o necrologio, analysar a situação politica, dizer sobre o esporte, fazer a critica litteraria, dar a impressão do espectaculo da vespera, e, sendo preciso, conduzir o entrecho de um romance bem intrigado para goso dos leitores do rodapé.

Deve estar preparado para fazer tudo isso e mais o que delle possam exigir as circumstancias e os azares terriveis de um plantão.

Por mais que dilate o meu optimismo não conseguirei, todavia, nelle envolver a todos quantos militam em jornaes, mas não ha duvida que a muitos dos que se refolham em modestia e passam pela imprensa quasi ignorados do grande publico, poderia, sem exaggero, ser applicada a divisa de Pico de la Mirandola «*De omni re scibili*» e ainda com o appendiculo que se attribue a Voltaire do «*et quibusdam aliis*» porque taes homens prodigiosos, se ignoram o assumpto que lhes cahe sob a penna, não se dão por vencidos e, entrando por elle, destrinçam-no á maravilha.

Um de taes polygraphos, e esse excepcionalmente preparado, possuindo cultura verdadeiramente rara, que transparece, como arêas de ouro, sob a limpidez de um estylo facil, correcto e suave, homem que se poderia assentar na escaleira que lhe aprouvesse no amphitheatro das letras, se optasse por uma forma, em vez de dividir-se em tantas feições quantas requer do seu talento prestadio o jornal, é Victor Vianna. Desde quando se dispersa em artigos de primoroso lavor, de fina observação critica, de erudição vária e sempre profunda sobre os mais diversos assumptos o espirito formoso e ductil desse escriptor de raça ?

Durante a guerra muitos dos seus artigos diarios soaram como oraculos. Elle não só acompanhava os exercitos em terra, as esquadras nos oceanos, os aviões nos ares como ainda nos dava, em quadros de viva côr e movimentação frenetica, a faina laboriosa das industrias bellicas, a cargo, quasi exclusivo, das mulheres ; e o que se fazia nos campos para que não faltassem pão e lan aos combatentes ; e o atropello doloroso nos hospitaes de sangue ; o exodo das populações em miseria ; os horrores da fome e do frio, á neve ; e ainda as formidaveis operações financeiras das quaes, a quando e quando, rebentavam escandalos ; e os debates parlamentares, e as intrigas das chancellarias, toda

a tragedia, emfim, da Europa em fogo, encharcada em sangue, de mistura com moedas de ouro que rolavam, tinindo, das mãos dos profitentes.

E tudo isso, que exigia, para ser tratado com segurança, leitura constante de obras e o conhecimento diario dos telegrammas, não compromettia a assiduidade do seu labor costumeiro de critico litterario do jornal, porque, em dias certos, apparecia a sua chronica sobre livros, com a regularidade e a perfeição caprichosa com que sempre é lançada desde que, em bôa hora, lhe foi confiado, no grande orgão da nossa imprensa, o posto que tanto honra e illustra.

Agora, felizmente! — e por tal serviço ás nossas letras merece louvores o Dr. Homero Baptista que, como Ministro da Fazenda, encarregou o operosissimo escriptor de redigir a obra que lhe ha de guardar o nome que, ha muito, devera ser dos mais acatados entre os dos mais notaveis dos nossos homens de letras, — dá-nos Victor Vianna, condensada em volume, sob o titulo: *Historico da Formação Economica do Brasil* uma verdadeira gemma, de alto valor intrinseco, realçado pela forma lapidaria na qual resplendem as multiplas facetas do escriptor, tão profundo no estudo quão brilhante na forma.

Não ha aqui espaço para minucias de critica,

e no que comporta esta secção fiquem apenas louvores á obra, que é de horizontes largos, e, com applausos sinceros ao seu autor corram, igualmente, parabens ás letras por haverem, em fim, conseguido obter, enthesourado em livro, um pouco das riquezas que esse prodigo, diariamente, espalha á rebatinha.

18 de Janeiro.

Bloqueio

Disse-me, ha dias, um cavalheiro muito viajado:

« O clima da Europa modificou-se sensivelmente depois da guerra. Quem passou um inverno na Suissa, antes da grande catastrophe, não lhe reconhece agora os lagos e as montanhas nos quaes a neve, nos dias mais frios, é tão parca que não ha patinador ou *skieur* que nella se atreva a fazer espórte.

Os trenós são raros, rarissimas as troikas e as pelliças, que outr'ora davam aos homens o aspecto hirsuto de ursos, ás senhoras a apparencia de enormes e graciosos casulos e ás crianças o de borlas rolando sobre a neve, são hoje tão ralas que se confundem com os astrakans communs usados pelo povo.

Certas geleiras eternas, onde apenas apparecia

o edelweiss, já agora se enfloram garridamente e ostentam pinheiros e abetos. A propria Jungfrau, cuja virgindade resistiu, até bem pouco, a todas as seducções do mundo, parece que tambem cedeu á força das circumstancias e deixou cahir o veu niveo que era o seu manto de castidade.

A guerra não se limitou a arrasar cidades, destruir reliquias, talar lavouras e dizimar populações, chegou com os seus maleficios á propria natureza transformando-lhe o caracter».

Tem razão o cavalheiro. Que houve extraordinarias mudanças lá em cima não ha duvida e a prova é que começamos a senti-las com grande gaudio dos vendedores de galochas e de guarda-chuvas.

O Inverno, que é a estação do repouso, não viu com bons olhos a guerra. Pois justamente quando elle carreava do polo os gelos e espalhava das nuvens flocos de neve, punha carambina nas arvores, pendurava stalactites á beira dos telhados, deram os homens para despejar metralha, ateiar incendios, abarrotar minas de explosivos, encher os ares de aviões toni-troantes, espalhando fogo por toda a parte.

De que lhe servia arriar a columna do thermometro a dezenas de graus abaixo de zero, pôr em circulação os ventos gélidos, accumular o céu de nuvens se o fogo lhe desfazia toda a obra? Assim

não valia a pena. E o Inverno, que é rabugento, resolveu mudar-se, porque as coisas, lá pela Europa, ainda não estão seguras.

Pediu os odres de Eolo, encerrou nelles os ventos e, fazendo de um *icc-berg* jangada, navegou para os tropicos.

Ao avisinhar-se do Equador, deu-lhe o sol em cima frechando-o valentemente. E o navegante, suando a jorros, esbaforido, notou que a sua algida almadia adelgaçava-se, diminuia, fendendo-se em taliscas, abrindo-se em brechas e, por fim, fragmentando-se em miuças, que logo se derretiam.

Vendo-se mal parado, em risco de sossobro, recorreu aos odres aproveitando-os como salva-vidas e, assim, conseguiu chegar á visinhança do nosso littoral, que lhe pareceu formoso. Chegou, viu... mas não teve a *sorte do general romano* porque, encontrando o sol pela frente, não logrou cantar victoria.

Enfurecido, resolveu vingar-se e, então, do meio do oceano, ajuntando os blocos de gelo que fluctuavam em volta do seu corpo immenso, poz-se a bombardear a terra, que lhe parecera bôa, decidido a tomá-la á força.

Felizmente, porém, temos sol o como escudo e todos os blocos arremessados pelo Inverno encontram-lhe o disco ardente e fundem-se.

Eis como se explicam essas cargas de agua que, todas as tardes, nos encharcam e os trovões que retumbam estrondosamente são o abalrôo dos blocos hybernaes no sol.

É o Inverno europeu que se quer introduzir, como conquistador, em nossa terra, della expulsando a Primavera verde e nublando-a com os seus nevoeiros, forrando-a com a sua neve, assoprando-a enregeladamente com os seus ventos e enchendo-a de melancolia.

O sol, porém, não o perde de vista, não lhe dá quartel e, todas as manhans, surge no céu, radiante, abre-se em luz, despede raios de ouro como a dizer-nos d'altura :

— Não tenham medo. Cá estou eu. Deixem-no commigo. A Primavera não perderá o seu reino.

E, apesar das chuvas, na hora do combate, as cigarras cantam e as acacias gottejam flores. O Inverno que vá pregar a outra freguezia.

25 de Jâneiro.

Typos de outrora

« Varios gabinetes de antiguidades, entre os quaes o da Bibliotheca real, possuem pequenas estatuetas de bronze representando Maccus, um dos actores das farças atellanas, typo evidente do nosso Polichinello. É o mesmo nariz em forma de bico, o mesmo alor jovial e estroina. Pois bem, o nome de Maccus parece haver significado na lingua etrusca «frangote ou gallinho». E os napolitanos, conservando esse symbolo da fatuidade ruidosa, não fizeram mais do que traduzir o nome de Maccus pelo seu equivalente *Pulcino, Pulcinella*. Os proprios athenienses, ao que parece, conheceram esse typo. Aristophanes, referindo-se, nas *Vespas*, ás antigas danças de Phrynico, diz: « Elle bate os calcanhares á maneira dos gallos».

MAGNIN.

Eis o Polichinello, o alegre histrião, na sua origem campestre, com a dupla corcova, como dois odres, que tanto podiam ser de vinho, lembrando a dança dyonisiaca em que se desnalgava, ao som de crembalas, o vinhateiro feliz, celebrando a abundancia da colheita em volta da dorna, onde o mosto

refervia espumoso, como de azeite trazido do lagar pelo oleario mascarrado de brulho.

Essa figura comica que, das latadas pampinosas ou dos pallidos olivaes, subiu ao estrado das atellanas e d'ahi passou ao palco das comedias, tornou ao meio do povo achando-se, mais á vontade, na multidão do que entre actores disciplinados, attendendo a contra-regras e outros directores scenicos.

Eu ainda o alcancei nesta cidade, a elle e aos seus companheiros, Pierrot e Arlequim, que ainda resistem, não porque o povo os estime, senão porque a Poesia os tomou a si, principalmente ao primeiro, para o romance de amor voluvel em que apparece a graciosa e airada Colombina.

Polichinello foi-se, desappareceu com as gibas, regressando ás suas terras. Era um typo regional que só podia ser entendido e estimado onde nascera.

Nós tivemos os nossos typos tradicionaes, autochtones e adventicios: indios e cucumbys, que por ahi se espalhavam em tribus e congadas, com muita pluma, bicharia, rouquejos e tarambotes de instrumentos selvagens ou tripudios batucados e rebolinhados por farandulas de negros que simulavam, em danças, guerras de cabildas ou festanças barbaras.

Esses typos vão tambem desapparecendo. Os

cordões de indios ainda desfilam aos pinchos, espanando a cidade com enduapes e arazoias, mas dos bandos negros resta apenas a memoria — foram substituidos pelos ranchos de varios nomes floridos.

De tudo, porém, que passou com o tempo, o que recordo saudoso é o casal de velhos negros que, nos dias do carnaval de outr'ora, apparecia cedo nas ruas entre as legiões dos diabinhos e os velhos de cabeça grande: *Pai João e Mãi Maria.*

Esses sim — eram bem nossos e, como o Maccus dos campos da Etruria, representavam figuras rusticas: eram symbolos da escravidão que concorriam ás festas da cidade: elle, com a vassoura de ramas, varrendo as ruas; ella, com uma urupema ou caçarola, e sempre ás turras.

Havia, porém, na histrionice do casal, alguma coisa de satyra á instituição cruel.

Os dois negros commentavam a vida triste e de vexame que levavam nas fazendas: as maldades dos senhores, a preguiça voluptuosa das sinhás, o desrespeito dos nhonhôs devassos, que affrontavam a virtude das mucamas, os castigos e, em cantos melancolicos, ás vezes lindissimos, relembravam a terra patria, da qual haviam sido arrancados para o captiveiro.

E assim esses *negrinhos* — e muitos delles eram

rapazes dos mais conhecidos nas rodas carnavalescas do tempo — faziam, a seu modo, a propaganda abolicionista.

Com o 13 de Maio desappareceu o casal de negros, ficaram, porém, os seus descendentes e são elles que sahem em farranchos de *bam-bam-bans*, não mais cantando tristezas nem saracoteando em batuques, *cortando jaca* ou arremettendo, um a outro, em umbigadas violentas, mas cultivando a poesia futurista em trovas estramboticas e dançando, com remelexos languidos, os trotes americanos mais em vóga.

Decidídamente não conservamos tradição alguma: o Maccus etrusco ainda vive nos campos napolitanos e os nossos negros velhos foram-se para o todo sempre, desappareceram no esquecimento. Mas, deixem lá! quem sabe? Talvez seja melhor assim.

8 de Fevereiro.

Os ranchos

Não me queiram mal as grandes sociedades carnavalescas — quem avisa amigo é — por lhes eu dizer o que por ahi se boqueja: «que ellas estão sendo batidas pelos ranchos». E accrescento de meu: se não deixarem de vez os moldes serodios com que, todos os annos, mudando-lhes apenas os nomes, sahem á rua, dentro em breve terão de ceder o campo aos que chegam, porque nisto de arte e seus relativos a riqueza tem o seu lugar, não ha duvida, mas não o primeiro, que esse compete á Imaginação.

Os ranchos modestos, não podendo competir em fausto com taes congregações, recorrem á Poesia e com ella, posto que pobremente vestida, começam a interessar o publico, conquistando-lhe a sympathia, porque a Belleza não precisa de atavios

para vencer, até sem elles mais depressa triumpha, como provou Hyperides, arrancando do corpo divino de Phrynéa a tunica que o envolvia e expondo-o nu aos olhos dos heliastas.

As sociedades, presas á rotina, exhibem, ainda hoje, com ligeiras modificações e um pouco mais estirados, (naturalmente por haverem crescido com a idade), os mesmos carros que, ha trinta annos, rodavam na rua do Ouvidor, sob os arcos de gaz : as grutas, os açafates e os kiosques giratorios, aquarios e aviarios, peixes e dragões alados que espichavam a lingua ensanguentada a cochonilha e outros especimens de fauna truculenta.

Lembro-me, entretanto — e com que saudade! — dos prestitos com que, outrora, disputavam a laurea da victoria carnavalesca os tres clubes sempre em emulação : Democraticos, Tenentes e Fenianos.

Havia nelles gosto e espirito e os principaes acontecimentos do anno decorrido eram tratados com arte e se alguns commoveram, como no carnaval de 1889, o desfile dos retirantes allusivo ao exodo do sertão cearense flagellado pela grande secca chamada dos tres 8, outros provocaram o riso pelo imprevisto da farça, ás vezes verdadeiras satyras aristophanescas ou mimos comicos, á maneira dos de Roma. De tal genero cita-se, ainda hoje, a troça

hilariante feita ao projecto da immigração chinesa, na qual appareciam typos, dos mais burlescos, de tankias e coolies, os salamaleques, como lhes chamavam, de blusa sarapintada, chapéu conico, rabicho ás costas, apregoando «piche, camalô»! ou, mais praticos e raposeiros, escafedendo-se com o que haviam preado nos gallinheiros.

E as allusões politicas, — nas quaes sempre figurava a castanha de cajú, — passavam atravez da gargalhada do povo, que eram os applausos que disputavam e que lhes eram dados com sonora e desbarrigada franqueza.

Hoje... *quantum mutatus ab illo!*

Emfim... os ranchos ahi estão para estimular os clubes que poderão, querendo, dar nova feição ao nosso carnaval.

E que fazem elles para que eu assim os louve, propondo-os, como exemplos, a essas grandes sociedades, nas quaes tanto se divertiu a minha mocidade, sem preferencias partidarias, porque, em todas, era acolhida com a mesma gentileza e, por isso, a todas é grata e estima? Renovam o carnaval, trazendo-lhe, todos os annos, alguma coisa inédita.

São os praieiros do Indico que mergulham até as grutas profundas onde jazem incrustadas as ostras — arrancam-nas, emergem com ellas e as pé-

rolas que recolhem passam aos que as pulem e destes aos que as encarnam em joias.

É o que estão fazendo os foliões dos ranchos: mergulham na tradição, digamos: no *folk-lore*, e trazem á tona, não só a poesia como a musica, poesia e musica da nossa gente, da nossa raça, para que outros as aperfeiçôem e lhes dêm brilho. E agora, ainda mais, iniciam os ranchos o culto dos nossos heróes, começando pelos poetas, com os quaes ornam o cortejo com que um delles, o rancho denominado «*Mimosas camponezas*» sahirá hoje, prestando homenagem á Poesia Brasileira.

O cortejo, dividido em duas partes, terá as seguintes consagrações allegoricas: *As pombas*, a Raymundo Corrêa; *Ouvir estrellas*, a Bilac; *As tres irmans*, a Luiz Delfino. Abrirá a segunda parte uma allegoria ao *Navio negreiro*, de Castro Alves, seguindo-se-lhe: *Circulo vicioso*, de Machado de Assis; *O caçador de Esmeraldas*, de Bilac.

«Fechará o prestito, diz o programma, a orchestra fantasiada com esmerado capricho, symbolisando a Poesia espontanea e rude, tão apreciada nos desafios dos nossos habitantes do sertão».

Os «*Caprichosos da estopa*», outro rancho, tomaram para thema do seu carnaval o assumpto de um folhetim de pessoa a quem me prendem poderosos vinculos de alma e de corpo, tão intimos

que falar della é o mesmo que falar de mim e como o «eu», na opinião de Boileau, é detestavel, limito-me a agradecer aos *Caprichosos* a gentileza desejando-lhes victoria mais estrondosa do que a dos argonautas em Lemnos.

Tornando, porém, ao assumpto. Não é verdade que os ranchos estão desbravando caminhos novos, explorando a mina da nossa Poesia e offerecendo o que della trazem aos que podem cinzelar as joias?

Se temos ouro e gemmas comnosco porque nos havemos de servir do plaqué e dos dobletes de fóra? Inspiremo-nos nas fontes proprias, que são limpidas e copiosas, deixemo-nos de imitações e emprestimos, de que não carecemos. Sejamos patriotas, mesmo brincando.

12 de Fevereiro.

Gomes Leite

ESCUDO MAXIMO

Vê como a tua senda é toda espinhos,
Morrem-te agora os ultimos rosaes . . .
Plantaste flores e sonhaste ninhos,
Para ir da maneira por que vais?

E, como o teu, são todos os caminhos . . .
Quem mais te amava é quem te fere mais.
Os teus gestos de pena e os teus carinhos,
Recebem-nos em pontas de punhaes.

Mas, continúa bom, mau grado a gana
Das invejas, dos odios detractores.
São lesmas : não sahirão do coracol.

Mesmo rodeado da maldade humana,
Sorri — perdoando os apedrejadores,
E abre a tua piedade, como um sol.

Inscrevendo-se este soneto no tumulo de Gomes Leite poder-se-á dizer: «Elle aqui jaz», porque, em verdade, ali estará todo elle em corpo e alma: o corpo na terra, a alma nos versos.

Os que tiveram a fortuna de privar com esse suave e desventurado poeta podem affirmar que conheceram a Bondade. A alma candida reflectia-se-lhe no rosto, illuminando-o de sympathia. Não era, porém, sómente a doçura do olhar, que tanto fugia para os longes da vida, em extase, era tambem o sorriso que lhe floria os labios, flôr triste, mas flôr; era o som da voz, branda e acariciadora; era o gesto lento, macio, sempre de afago; era elle todo que irradiava Bondade como uma flôr, petala a petala, exhala o mesmo aroma.

Era poeta porque era bom. Os versos sahiam-lhe do intimo do coração e eram metrificados pelo rythmo cardiaco. A sua inspiração chamava-se soffrimento. Magua era a sua musa.

Trazia a dôr disfarçada em sorriso. Alguem que aprofundasse aquelle olhar tristonho e vago passmaria, de certo, encontrando, em vez de lume, uma lagrima crystallisada no fundo da pupilla. Quem desfolhasse aquelle sorriso havia de arrepender-se de o haver violado ao dar com a tristeza funebre que elle vestia.

Quantas vezes, na turbulencia das festas, para

as quaes tanto o requestavam, instantaneamente se lhe conturbava a physionomia! Era o rapto, não mystico, como o dos santos: doloroso. Ia-se-lhe a alma para onde constantemente a reclamavam.

O coração dos maus é um covil de viboras que se enroscam, enleiam umas nas outras, remordendo-se: são os remorsos perseguidos pela Consciencia inexoravel que se empilham e esfervilham como vermina em carniça.

O coração dos bons é um templo aberto a todos os soffredores, com o Perdão á porta, como antiste, para dar entrada áquelles mesmos que o apedrejaram, o injuriaram, o infamaram e o procuram, convertidos pelo arrependimento.

O poeta chama-lhe «Sol» e o sol, em verdade, não escolhe o que illumina — abre-se para tudo e a todos. Assim a Bondade.

Todos os que padecem buscam-na porque a sabem misericordiosa: vão por amparo ou consolo, allivio ou esperança.

Quando é a multidão anonyma, provinda de varios pontos da treva, o piedoso soffre por amor do proximo. Mas quando as vozes que bradam são conhecidas, quando os corações que clamam vivem da mesma vida que circula nas veias do que se

commove ouvindo-os, a dôr deve nelle pungir como propria e...

Mas onde vou eu?

Porque desrespeitar o segredo que, agora, tem, sobre si, além da terra funerea, o peso de uma lapide e uma cruz sellando-o?

Tantas vozes, talvez, bradavam dentro do coração do poeta naquelle instante tragico, tantas vozes queridas, tantas...! Quem sabe se não foi pelo atordoamento do intimo clamor, por essa acusma dolorosa que lhe estrugia no coração sensivel que elle não presentiu o ruido da morte a avançar, perfida, na treva, para o colher e prostrar? Como o navio naufragado que elle descreve na *Ultima ancoragem*:

Fragmento de navio
Resto de casco rebentando, entre cachopos, no alto mar...

tres dias esteve elle encalhado na vida a esphacellar-se até que afundou, e em que aguas? nas do baptismo, sacramento de inicio, que foi para elle o viatico.

Levado nas ondas puras do Jordão foi-se da terra para o céu o espirito suave, deixando na Lyrica uns cantos melancolicos e nos corações dos que o conheceram e amaram uma eterna saudade.

8 de Março.

Precocidade

No seu passo regular traz-nos o Tempo pelo caminho da Vida e não ha fugir-lhe da vista. Como não pára nem se apressa, sempre no mesmo andar viajeiro, aos que se fatigam deixa-os onde cahem; aos que se precipitam não persegue, certo de que os ha de encontrar adiante pondo os bófes pela boca, porque ninguem resiste a longas marchas aceleradas.

A precocidade é uma travessura. Em vez da criança correr em prados, saltar muros, sébes e barrancas, deita a correr pelas horas, galga os dias, vinga afoitamente os annos.

Por fim vai-lhe faltando o folego, respira a haustos e pára cançada.

Em vez de alegrar-se por se haver adiantado, succumbe em tristeza sentindo-se só, fóra do seu

meio proprio, longe dos companheiros da sua idade, que vêm vindo a passos, brincando pelo caminho.

E o Tempo, que é impertinente, quando encontra taes tresmalhados, em vez de imitar o pastor da parabola com a ovelha perdida, resmunga de má sombra:

«Ah! estás ahi a esbofar-te? Quem te mandou correr? Porque não vieste commigo? Quizeste ser o primeiro. Pois agora arranja-te. Se pensas que te vou levar ao collo, estás enganado. Quem corre cança. Correste e já nem andar podes. É assim».

E vai-se, deixando o pobresinho esquecido com os ramos dos seus triumphos emmurchecidos aos pés, porque são todos elles feitos com aquellas rosas ephemeras de Malherbe.

Assim se explicam os surtos rapidos e as quédas repentinas desses prodigios que, tanto como esplendem, apagam-se. Relampagos.

Se tal é a regra geral ha, todavia, excepções que merecem citadas: a de Mozart, por exemplo.

Mas porque tão depressa definha e esgota-se o precoce? Por fallencia de forças? Por vingança do Tempo? Quer-me parecer que não. O motivo é o abuso dos que o exploram.

Mal apparece um de taes phenomenos logo lhe toma a frente, acenando-lhe com a bolsa de ouro, o emprezario que o contracta para excursões, pro-

mettendo-lhe fortuna e gloria. E lá vai a victima para o sacrificio.

O emprezario só quer do seu contractado o esforço e suga-o, vampirisa-o até o deixar exhausto. Furta-o ao somno, não lhe consente repouso e, se um brinquedo o attrahe ou crianças o reclamam para uma travessura alegre, logo o explorador lhe toma o passo oppondo-se com as clausulas leoninas do contracto. E o botão estiola-se antes de desabrochar, como o da flôr esmarre se lhe dá em cheio, e com rigor, o sol.

Haja cuidado, carinho e methodo no trabalho, horas de ensino e horas de recreio, disciplina no estudo e liberdade na fólga e o precoce desabotoará em genialidade se nelle houver viço para tanto.

Isto se dará, de certo, com a pequena sertaneja maranhense Maria de Lourdes Argollo, que nos chega de Vianna com os seus nove annos alegres e um violino.

Quem a acompanha é o proprio pai, que a não exhibe com interesse de lucro, senão para que a ouçam e animem no inicio de uma carreira de vocação, na qual, de certo, triumpharâ.

Tudo nessa criança é expontaneidade. Tendo aprendido rudimentos de musica com o tocador de pratos da phylarmonica da sua terra entendeu de ensaiar-se ao violino e tomou o instrumento, como

se fôra um brinquedo. Metteu-se com elle a um canto, poz-se a examiná-lo curiosamente, empunhou-o a geito, dedilhou as cordas, correu por ellas, de leve, o arco.

Surdiram os primeiros sons asperos, rebeldes. A surpreza da criança tornou-se em enlevo. Insistiu e, como nas lendas, os que achavam um talisman e, ignorando-lhe a virtude, só com o attricto dos dedos, attrahiam o genio que o servia, a pequenita, com o passar e repassar do arco, sentiu a revelação da Melodia. E foi assim que aprendeu o que sabe.

A sua puericia foi como o arroubo daquelle monge que viveu tempos esquecidos na cerca do convento ouvindo cantar um passaro celestial.

Têmo-la comnosco, a pequenina Maria de Lourdes; é um botão que desabrocha, é uma revelação artistica que nos encherá de orgulho se não fôr sacrificada pela sofreguidão á ansia de gloria, sempre fatal aos que começam.

Felizmente, para defendê-la de todas as explorações, tem ella a guiá-la o espirito paterno, que só a deseja vêr triumphar na Arte, para a qual nasceu predestinada.

Que assim seja para brilho do seu nome e gloria do seu formoso Maranhão.

15 de Março

Purificação

4 — Levantou-se da ceia, e depoz suas vestiduras, e pegando numa toalha cingiu-se.
5 — Depois lançou agua numa bacia, e começou a lavar os pés aos discipulos, e a limpar-lh'os com a toalha com que estava cingido.

Em religião todos os actos que concernem ao rito têm corpo e alma : corpo, a evidencia ; alma, o sentido esoterico. No symbolo ha sempre a parte visivel e uma essencia recondita. Dos actos do culto christão, um dos que mais revelam essa dualidade é, sem duvida, o que a Igreja hoje celebra, rememorando o que fez Jesus antes de sentar-se á mesa da ceia pascoal, chamando Pedro e os demais convivas para lavar-lhes os pés.

Não ha intenção de humildade em tal procedimento, como, á primeira vista, parece, senão a fórmula inicial da redempção, que deve ser interpre-

tada, e assim no-lo deu a sentir o proprio Christo, como «desapego da terra, expurgo da vida material para merecimento e alcance do céu.»

Nos dias apostolicos aquelle que, incompatibilisado com uma cidade, onde tentára, perseverantemente, semear a bôa doutrina, sendo sempre repellido com affronta e ameaçado pelo gentio, resolvia abandoná-la á colera divina, ao chegar-lhe ás portas, desligava as sandalias, sacudia-as até expungi-las de todo o pó e, pondo-se a caminho, não voltava o rosto para as muralhas das quaes, para o sempre, se apartava,

Era o divorcio do Justo.

Quiz o Messias que os seus discipulos, antes de commungarem com Elle, se purificassem e valeu-se da ablução symbolica, não lançando agua á cabeça, como no baptismo, mas em pediluvio, para significar-lhes que o que lhes cumpria, para que, com Elle, pudessem entrar no Reino de Deus, era desfazerem-se de tudo que nelles houvesse da terra. E assim os pés, que se firmam em contacto com o sólo, que o percorrem, trilhando todos os caminhos do peccado, que se cobrem de pó e se empastam de lodo, esses é que deviam ser lavados e enxugados com a toalha que lhe cingia a cinta.

Quando Pedro, escusando-se ao chamado do Mestre, exclamou: «Senhor, tu a mim me lavas os

pés ?» que lhe respondeu Jesus ? Respondeu : «O que eu faço, tu não sabes agora, mas sabê-lo-ás depois». Ao que retrucou o apostolo: «Não me lavarás tu jámais os pés». E Jesus, com a mesma serenidade: «Se eu não te lavar, não terás parte commigo».

Só então illuminou-se o espirito do pescador para a intelligencia do symbolo e acquiesceu, não á humildade, mas ao perdão para o qual o chamava o Redemptor, bradando: «Senhor, não sómente os meus pés, mas tambem as mãos e a cabeça». Ao que ponderou o Messias: «Aquelle que está lavado não tem necessidade de lavar senão os pés e no mais todo elle está limpo».

Em verdade, se Christo houvesse concordado com o discipulo teria contrariado a sua propria doutrina reincidindo em um sacramento que se não repete — o baptismo, quando o que pretendia era libertar os apostolos da vida material, limpá-los da poeira, ou apegos da carne, que tanto era afastá-los do mundo, alliviá-los, emfim, do lastro terreno para que se levantassem ao céu.

O sentido occulto, ou esotérico, de tão expressiva cerimonia, com que foi iniciada a marcha para a redempção, não tem a difficuldade dos arcanos maiores. Os que attentam apenas no gesto, diga-

mos: na exterioridade, não apprehendem a intenção divina, o sigillo sagrado.

Se o baptismo lava do peccado original, o sacramento de hoje depura dos peccados adquiridos ao longo dos caminhos da vida. É a primeira unção lustral com que o viador se aceia para receber, em graça, a eucharistia; é o abandono da terra pelo céu, é a renuncia do amor do mundo pelo amor de Deus.

Christo, depois de enxugar os pés ao ultimo apostolo, investiu-os a todos do sacerdocio, conferindo-lhes o poder de perdoar os peccados da carne, fruto da terra, tornando o que transita de uma para outra vida apenas essencia, digna de entrar no céu.

E assim disse o evangelista rematando a narração do episodio, que a Igreja hoje commemora:

— E depois que lhes lavou os pés, tomou logo as suas vestiduras; e tendo-se tornado a pôr á mesa, disse-lhes: sabeis o que vos fiz?

— Vós chamais-me Mestre e Senhor; e dizeis bem, por que o sou.

— Se eu logo, sendo vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, deveis vós tambem lavar-vos os pés uns aos outros.

— Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, assim façais vós tambem.

29 de Março.

Datas... móveis

É sina do nosso amado Brasil andar sempre á matroca, em mudanças e reformas e, seja dito por amor á verdade, não são sómente os politicos, exuviaveis como as serpentes, que, com os seus passes e cambalachos, manejos e artimanhas, mudam de idéas, transitam de uma situação para outra, negam á noite o que apregoavam de manhan, complicando a vida do nosso misero torrão; tambem os graves historiadores e philosophos o trazem tonto, fazendo-o andar aos boléos no calendario e na ortographia.

Um paiz que perdeu o nome de baptismo, nome que, sobre ser formoso, o aproximava de Deus, adoptando o que lhe impuzeram tintureiros por motivo da côr de uma das suas madeiras; paiz cujo surgimento, registado por testemunha ocular

e fidedigna, porque era o escrivão da frota, no dia 22 de abril passou a ser commemorado em 3 de maio; paiz cujo nome adoptivo ainda se não firmou graphicamente apparecendo ora com *s*, ora com *z*, não ha duvida que trouxe genitura complicada e ha de sempre viver aos trancos, sem acento, como a Maria do adagio que acompanhava a primeira que lhe apparecia.

O registo civil, que é a carta de Vaz de Caminha, diz: «...e a quarta-feira seguinte (22 de abril) pela manhan, topamos aves a que chamam fura-buchos; e neste dia, a horas de vespera, houvemos vista de terra, a saber: primeiramente de um grande monte, mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul d'elle, e de terra chan com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão poz o nome de Monte Paschoal, e á terra o de Vera Cruz».

Taes são as palavras da carta. Razões de calendas atrazaram ao Brazil a data genethliaca, remettendo-a ao mysterio até a profundidade de doze dias, que tantos contam de 22 de abril a 3 de maio, para que a terra nova viesse á flôr da geographia, não como e quando apparecera, maravilhando aos que a avistaram, mas quando conviesse aos historiadores que se mostrasse com o seu arvoredo e os seus tupiniquins,

Lembra, tal adiamento, o que, frequentemente, acontece em theatrinhos mambembes quando, por atropelo do contra-regra ou azáfama atordoada do machinista, o panno sóbe antes da scena achar-se arranjada e com actores em mangas de camisa dispondo, ás pressas, moveis e alfaias réles.

O remedio, e não ha outro, é baixar o panno sobre o desmantello e o arremangado das figuras para fazê-lo subir mais tarde sobre a conveniente disposição da scena.

A carta de Caminha, apezar do registo, ficou para ahi sem valor, como acontece a muitas outras que transitam pela posta.

Se os motivos allegados para a mudança da data do descobrimento do Brasil são de ordem imperativa, que podem destruir o testemunho historico, porque não prevaleceu com relação a outros documentos da mesma epoca como, por exemplo, os que se referem á chegada de Colombo a Guanahani ?

O genovês firmou o seu feito no dia 12 de outubro e essa data permanece na historia e é commemorada festivamente por todos os povos columbianos sem que voz alguma contra ella se levante.

A nossa... não resistiu á mania das reformas. Se, á imitação do que fizemos, o mundo todo se resolvesse a corrigir o calendario, modificando todas

as grandes datas da Historia da Humanidade, dentro em pouco seria tal a balburdia que não nos entenderiamos nos dias, nos mezes e nos annos e tudo andaria como, entre nós, de reforma em reforma e cada vez mais desbaratado.

Nem sei como ainda se mantem o registo de certos acontecimentos nas suas proprias ephemerides: o 7 de setembro, o 13 de maio, o 15 de novembro, o Natal... É que não occorreu, por emquanto, a a algum paredro a idéa de propor a mudança, justificando uma emenda e mandando-a á mesa, com apoio da maioria...

Seriam favas contadas.

Nem se comprehende que, em um paiz de reformas, como o nosso, haja datas seculares. A Historia é feminina, dizem os nossos pro-homens, e *souvent femme varie.*

3 de Maio.

Frutas

Que praga terá assolado os nossos pomares, dantes tão ferteis, que, desde os primeiros dias de maio, todos se tornavam de ouro, como o jardim das Hesperides? Ter-se-ão Pomona e Vertumno desavindo, deixando as arvores ao abandono e estereis ou haverá outro motivo que explique a falta de frutas em nossos mercados?

Laranjaes de serra abaixo, quem hoje vos visse como eu vos vi nos dias venturosos da minha meninice, quando o Engenho Novo era roça longinqua e falava-se de Cascadura como hoje se fala do Acre!

O tempo das frutas era justamente este, quando, nas fazendas e sitios e tambem em algumas chacaras da remota Tijuca e do Andarahy distante, começavam os preparativos para as festas de junho, aos santos milagrosos que se invocavam ao ar livre,

ao clarão alegre das fogueiras, nas quaes eram lançados feixes de cannas, aipins e batatas para regabofe guloso dos devotos.

Em volta desses altares deslumbrantes reviviam cultos antigos, reappareciam fantasmas de religiões extinctas. Eram cantorias e danças como nas dyonisias campestres; modinhas e trovas ao desafio, como deviam ser os cantos amebeus das eras pastoris; batuques e cateretês, repinicados á viola e nos machetes.

E os vaticinios e augurios que eram experimentados pelas almas simples de então: as sortes da agulha, do ovo posto ao sereno; as miragens na agua das fontes, o appello aos bosques para que os echos respondessem, em oraculo ás consultas dos corações.

Quanto sonho! Quantas lagrimas de desengano! Quantos sorrisos de doce esperança!

Mas não é, propriamente, a taes ingenuidades que me quero referir senão ao que, para mim, naquelle tempo, era o que havia de melhor na roça: as frutas.

Eram ellas tantas, que, debaixo de uma arvore, acampasse o bando que acampasse, fartava-se a entourir-se e, ao deixar o regalo, pouco se mostravam os ramos alliviados, ainda que o chão, em volta, ficasse acamado de cascas.

E frutas eram só nos pomares? Não. As cercas offereciam as suas amoras e framboezas, as pitangueiras gottejavam as grossas bagas sanguineas dos seus frutos; as grumixamas appareciam por entre as folhas e onde voasse passarinho ahi corria a criançada, certa de encontrar alguma gulodice em ramo ao alcance da sua pequenina mão.

As bananeiras pendiam, desracinadas, ao peso de enormes cachos e as velhas mangueiras, com os seus frutos em jacás, pareciam arvores de offerendas.

Pelas estradas, noite e dia, eram recuas de mulas sacolejando ceirões de frutas; carroças acogoladas de laranjas e tangerinas e, ainda pelo mar, em saveiros e falúas, chegavam carregamentos ao mercado onde formavam pilhas na salsugem da rampa as abundantes colheitas dos sitios littoraneos.

As laranjas eram compradas aos «quarteirões»; bananas ás pencas; melancia, das grandes, calada, valia uma pataca; uma tampa de cajús custava duzentos réis; mangas, desde vintem; as de tostão eram primores; mamões, nunca os vi venderem-se.

E as quitandas ostentavam tanta variedade de frutos, desde o melão até o côco da Bahia e o de macahyba; desde o limão doce até a pitomba e a jaboticaba, a cabelluda, o cajú, o abacate, a fruta

de conde... que a difficuldade era escolher. E os vendedores ambulantes percorriam a cidade com taboleiros e cestas e a fruta chegava para todos, era a sobremesa do pobre, e sempre escolhida.

Hoje... quem se atreve a discutir a qualidade da fruta e o preço que por ellas pedem? São tão poucas... As laranjas que por ahi se vendem, verdes, chuchadas... nem os cevados de outrora as admittiriam nos seus cochos! E as outras frutas, que é feito dellas? desappareceram. Hoje o que temos é estrangeiro e custa-nos os olhos da cara: são uvas, peras, maçans, ameixas, frutas civilisadas, viajadas, pretenciosas, que nos obrigam «a falar francês» classico, que é tanto como dizer — pagar a peso de ouro a insipidez que nos trazem por haverem deixado o sabor nas camaras frigorificas dos transatlanticos e dos depositos onde ficam invernando mezes e mezes.

As nossas, dizem uns que desappareceram por abandono; affirmam outros que são exportadas. A verdade é que não as temos e, dentro em pouco, talvez sejamos obrigados a importar bananas da Africa e laranjas da California e, quem sabe lá! talvez, então, as compremos melhores e mais baratas.

10 de Maio.

A arvore que chora

Sem falar dos salgueiros, que esses, emfim, choram os proprios ramos ; sem citar as casuarinas, que gemem como os anemocordios sôam, quantas outras arvores pranteam, senão com lagrimas de agua, como as nossas, com as suas resinas ; quantas murmuram queixas eolias no silencio !

Que sentem e respondem aos golpes com sangue é vê-las quando as fere o machado do lenhador e algumas ha de tanta ternura que, se lhes arrancam flôr ou fruto ou se lhes detoram galhos, logo lentejam.

Talem uma folha tenra, quando se amoja, e verão a extrema da haste emperolar-se com uma gotta de leite como a que fica, em reçumo, no bico do peito materno quando o infante delle retira repentinamente a boca.

Esse espinheiro que chora não é a unica arvore lugente; outras carpideiras ha entre os vegetaes, mais discretas, talvez, mas não menos quérulas.

Abalsem-se nas florestas esses mesmos que, em romaria, vão contemplar o Heraclito da flora e hão de encontrar outros mais copiosos, vertendo rios dos galhos em prantina commovedora. *Sunt lacrimæ rerum...*

As arvores têm lá a sua vida mysteriosa, com felicidade e desventura, com alegrias e dores, como a nossa. Quem sabe o que terá soffrido o melancolico espinheiro!

Os antigos attribuiam espiritos ás arvores. Que era a hamadryade senão a alma do vegetal?

Arduos são os dias que correm e, assim como nós, soffrem todos os seres e todas as coisas. A ansia ou delirio de melhorar e aformosentar a cidade está, de tal modo, se aggravando que se não houver quem tenha mão nos taes reformadores, isto ficará, em breve, como aquellas terras revéis de outrora, nas quaes, quando as hordas sitiantes conseguiam penetrar, não deixavam pedra sobre pedra.

O que deve haver ahi por esses penetraes de choro — choro de penhascos, choro de collinas, choro de florestas!

Chora o espinheiro as maguas que lhe minam o cérne e, pensando alliviar-se com lagrimas, ainda

maiores tormentos chamou a si, porque agora, com lh'as haverem descoberto, não o deixam chorar em paz e, além do vexame a que o sujeitam (porque, deixem lá, é ridiculo chorar diante de tanta gente) e, como se lhe não bastem os espinhos que tem no corpo desfolhado, escorcham-no, espoliam-no, quebram-lhe os ramos e, mais dia, menos dia, estará o infeliz reduzido a chamiço porque todos querem levar um pedacinho do seu lenho, como amuleto.

Arvore que chora, deve em verdade, dar sorte, porque, lá diz o adagio: «Quem não chora não mama».

Mas a arvore atacada pelos innumeros devotos, que lhe deviam levar lenços como offerendas, deixando-os nos galhos, á maneira de infulas, já não chóra o destino ingrato, senão a propria vida que lhe vai sendo levada aos poucos, aos galhos, ás lascas, aos gravetos, pelos que vão em romagem á terra que ella encharca.

Imaginem se todas as coisas infelizes déssem para chorar o diluvio que seria por esta cidade, que é a capital das depredações, (porque um morro como o do Castello, desatando a chorar, deve ser agua que farte!) levaria a cidade nas suas lagrimas, como na poesia *As tres irmans* o esquife da segunda, se morresse, iria boiando nas ondas de pranto do poeta.

O que a arvore chóra é a sorte mofina das suas irmans, que por ahi perecem; é o que os homens, barbaramente, devastam: toda essa vegetação frondosa que revestia as montanhas e que era a orla florida do nosso littoral e que vai desapparecendo abatida pelos esthetas de arribação.

Chora pelo que fazem os arrasadores e, carpindo a desventura das companheiras, deplora o seu proprio e misero destino.

Fez mal, todavia, em chorar assim aos olhos de todos, porque, sendo arvore espinhosa, escondida no matto, talvez não déssem por ella e a deixassem viver. Mas não, poz-se a lamuriar, chamou a attenção de algum carvoeiro para as suas lagrimas, o homem sahiu com a noticia do caso, começou a romaria e... Não dou dois mezes á chorona. Está aqui, está em estilhas, desfeita, ás migas, em breves ao pescoço de crentes.

Pobre arvore! Quem a mandou metter-se a original. Deixasse-se quieta onde estava e lá ficaria até que lhe chegasse a hora de dar á casca. Celebrisou-se, está perdida! Agora é chorar na cama, que é lugar quente.

17 de Maio.

Lama

—

Muito supportou elle!

Não acreditem, porém, os que o affrontaram, que a represalia ficará no que foi. Setembro responderá a todos os tratos, a todas as injurias dos que vêm em tudo fonte de renda e, sem escrupulos de ordem alguma, onde descobrem interesse armam balcão de negocio.

Ahi está destruido um dos mais bellos trechos da nossa formosa bahia.

O criminoso plano dessa depredação ignobil, gisado por um homem de arrojo, foi logo adoptado e patrocinado por um syndicato gargantão.

Era Prefeito o Marechal Bento Ribeiro, de immaculada memoria, quando, pela primeira vez, se falou na Prefeitura no arrasamento do morro do Castello.

Quantos passos perdidos na aforçurada azafama! O que ali entrou de cartas e telegrammas!

O honesto soldado não se deixou vencer pelas razões argútas dos interessados nem se dobrou ás injunções politicas: firme, defendeu o monte da ganancia dos negociadores, como defenderia de inimigos um posto de honra que a Patria confiasse á sua bravura. E o desanimo dispersou o bando voracissimo.

Quiz, porém, o Destino levar agua ao moinho do moleiro e o morro cahiu nas mãos de quem o havia de arrasar. E começou o trabalho, que entulhou o mar, enlameou a cidade e ha de fazer damno maior á fama dos que nelle se empenharam.

Se os homens murmuram contra tamanha ignominia, o mar faz côro com elles, rosnando em volta do aterro lodoso com que o vão entupindo.

As ondas, que agora se levantaram, desmantelando a barreira, que se vai estendendo, em tentaculo, como para empolgar a ilha graciosa, annexando-a ao continente, foram apenas as avançadas do equoreo exercito que se apresta para investir decisivamente com o molhe ridiculo.

Quando se viu um cadaver permanecer tanto tempo no mar? E que cadaver! todo um monte!

Um corpo afoga-se, desce ao fundo, fica na arêa algum tempo, logo, porém, que começa a apodre-

cer, como se as nereidas, sereias, golfinhos, toda a gente glauca o repilla, sóbe á tona e, rolando no dorso das ondas, vem ter á praia ou dá á costa em algum rochedo, onde fica á espera de que o restituam á terra de que sahiu.

Subvertem-se ilhas, mas não demoram no abysmo porque, desapparecendo em um ponto, resurtem em outro, mais viçosas. Foi o que aconteceu com a Atlantida immensa que ia de Caf a Caf, ou de um polo a outro, com todas as suas riquezas e a sabedoria superior dos seus sacerdotes, e que se sumiu em uma noite refluindo, porém, pouco depois á flôr dos mares, coberta de novas florestas.

Ha quem affirme — contrariando a opinião dos que dizem que o nosso continente é o mais velho do mundo — que a terra que chamamos Patria foi, outrora, o territorio da grandiosa Poseidon que, depois de uma banho millenar no oceano, com muito sabão, do qual ainda restam as espumas nas ondas, emergiu aceiada e formosa como a temos.

A lenda da Atlantida vem aqui apenas para provar que o oceano, escrupuloso na sua limpeza, não guarda cadaveres.

E se não guardou o da Atlantida não abrirá, de certo, excepção para o do Castello.

Negociatas como essa não se podem resolver em outra materia senão em lama. A do morro, com

a revolta das ondas, vai-se pela barra fóra; a do negocio, porém, essa já se acha a bom recato, em barras, guardadas em bancos porque vale tanto como a lama amarella que Candide, ao despedir-se do generoso rei do El Dorado, pediu lhe fosse dada como lembrança de tão prodigioso paiz onde, de certo, os castellos não eram de areia, em terras de Hespanha, como os dos sonhadores, mas de ouro, como o nosso.

E ainda ha quem duvide da existencia do thesouro do Castello. Perguntem por elle a certos bancos... e hão de ter a resposta nas bôas sommas que lá estão, a juros.

31 de Maio.

Casas velhas

Acabou como Hercules, em uma fogueira, o velho theatro S. João, da Bahia.

Não quiz perecer aos poucos — subverteu-se em uma catastrophe, como heróe.

Quantas vozes, e das mais altas e harmoniosas que temos tido, soaram, em surtos de poesia, naquella casa tradicional, theatro, não só de opera e drama, como de cerimonias de culto civico e de grandiosas lutas litterarias, cuja fama ainda resôa.

Quantas gerações por ali passaram desde os dias coloniaes! Se o echo não fosse ephemero como a gratidão, aquellas paredes, agora em muradal tisnado pelas chammas, repetiriam, aos que dellas se aproximassem, o que lhes soaram, em mais de um seculo, em noites festivas e de enthusiasmo, não só das grandes figuras da scena como

de poetas e oradores dos que mais alto levantaram entre nós a Poesia e a Eloquencia.

Não lembrarei todos os nomes, desde os dos patriotas e poetas de outeiro até os dos novos que ali se fizeram ouvir — dois bastam para gloria daquella tribuna secular e immensa : Castro Alves e Ruy Barbosa.

Quando, ultimamente, fui hospede da alterosa cidade, acropole que se revê no mar em que Moema morreu de amor, parei, uma manhan, diante do edificio ancião e tive pena de o vêr como esquecido. Doeu-me o seu abandono.

Era um remanecente do passado, um testemunho dos dias heroicos, collocado, como o Parthenon, no cimo da collina sagrada, como o altar da cidade.

Resistia ao tempo. Viam-se-lhe, porém, as cicatrizes do corpo combalido. Já as suas portas se não abriam, como dantes, ás grandes multidões — a velhice tornara-o suspeito, temiam o colosso que ameaçava ruina. E ali jazia o patriarcha ao tempo, esperando a morte.

Era uma velharia que contrastava com a nova cidade, de ruas largas, de construcções graciosas, tão differentes dos edificios de antanho, que pareciam surgir do sólo armados para lutas, como os guerreiros de Deucalião.

Os proprios mosteiros e igrejas, de rijas muralhas de pedra, eram amantelados: a um tempo casas de religião e baluartes, templos e fortificações.

O theatro, hoje reduzido a cinzas, obedecia, na sua construcção, a esse plano estrategico. Sem traço de belleza architectonica, pesado, avultava, em móle, na altura á maneira de castello forte e acabou como em combate, envolto em labaredas.

Falava-se em aproveitá-lo nas festas de 2 de julho.

Resistiria o velho pardieiro historico á massa popular que, certamente, o invadiria para os espectaculos e solemnidades commemorativas da grande data?

Foi, talvez, melhor assim. Cahiu sem fazer victimas. Pintado, recennado, alfaiado tornar-se-ia verdadeira arapuca. O povo, não descobrindo as brechas das suas paredes, as fendas do seu vigamento, iria pelo engano da apparencia e quem sabe lá o que aconteceria!

Cahiu só. Pereceu com elle uma das mais imponentes reliquias da cidade; não se achará, porém, nos seus escombros uma só victima.

É o passado que se retira cedendo o terreno ao Futuro. Os de hoje respeitavam o edificio, mas não o amavam ℔, comparando-o com os que, diariamen-

te, apparecem na cidade, que se renova, achavam-no um trambolho.

Quem hoje se lembra da antiga igreja de S. Pedro, o velho ? e da primitiva igreja da Ajuda onde viveu Navarro, onde Vieira pregou o maravilhoso sermão *Pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda*, igreja que desappareceu, da qual, porém, o Dr. Julio Brandão conservou todas as peças de relevo artistico: obras de talha e ferragem, a pedra fundamental, retabulos e o pulpito em que pregou o grande jesuita aproveitando-os no templo novo que constróe, todo em estylo manuelino, tornando-o um escrinio digno das preciosidades historicas que contém.

E assim a nova casa falará aos de amanhan do que foi a antiga e o espirito do passado, como a alma dos avitos, viverá em outro corpo, como se transmitte de geração a geração a alma dos ancestraes.

Assim com os homens como com os edificios, e assim será igualmente com o casarão que ardeu. No terreno em que agora esfriam as suas cinzas surgirá amanhan outro theatro, digno da cidade, para continuar, no mesmo sitio, a gloria do que pereceu.

7 de Junho.

Loti

Cuidem os sabios das searas e dos pomares e os poetas dos parques e dos jardins e farão o que devem.

Verdade é que todas as arvores florecem. Não ha fruto que não tenha tido o seu berço em uma corolla e na origem de toda a sciencia se ha de sempre encontrar a Poesia.

Mas as flores verdadeiramente poeticas não se metamorphoseam em frutos: são casulos de aromas que primam pela belleza. E o perfume é manifestação espiritual, essencia volatil, alma, d'ahi o seu poder de suggestão.

O fruto sabe-nos, alimenta-nos; a flôr inebria nos e encanta-nos. O sabio é util; o poeta é divino. É o poeta que nos transporta miraculosamente, com o prestigio de que dispõe, atravez do espaço

e do tempo, a todos os paizes, a todos os mundos, a todas as eras : é bem o *djinn* ou genio das fabulas orientaes que arrebatava palacios de um para outro sitio, transformava em ouro rochedos asperos, envelhecia mancebos, remoçava anciãos, ou, em encantamentos de lycanthropia, mudava homens em animaes quando os não empedernia em captiveiro, do qual só os libertavam os possuidores de talismans.

E porque a propria Religião é Poesia na sua maior culminancia, visto que chega ao céu, é que com ella nos abraçamos na hora derradeira, sahindo da vida com o pensamento no Ideal supremo, que é Deus.

Mas a que vêm aqui taes considerações? Vêm a proposito do desapparecimento de um dos mais delicados jardineiros de poesia do nosso seculo; um dos que mais cuidaram de nos perfumar a existencia com arômas perturbadores, que nos fizeram sonhar; aquelle que nos deu as visões do Oriente, não como as costumavamos contemplar nas paisagens maravilhosas, nas lendas fantasmagoricas, nos costumes de serralho ou nos estranhos cerimoniaes dos templos, nos quaes o mysticismo se nos revela em ritos sensuaes, intercallados, fesceninamente, de danças languidas de *devadassis*, em orgias sagradas como no-las pintam os que conseguiram penetrar

nos adytos de Benares ou, mais remotamente, nos santuarios do templo florestal de Angkor.

O poeta a que me refiro, esse voluptuoso Loti, mostrou-nos um novo Oriente, fazendo-nos nelle entrar, não entre alas de guerreiros de albornoz e turbante, como os dos califas, ou de armaduras imbricadas e carrancas monstruosas como os samurais do Mikado, mas por alfombras floridas, guiados por mãos de criaturinhas frageis, galreantes, miniaturas que, se as invocamos, surgem-nos diante dos olhos como essas figurinhas de marfim da arte caprichosa dos nippões, cujos nomes gazis nos sôam como chilreios de passaros.

É um Oriente de musmés e de geishas, fantasia delicada, por vezes extravagante como esses kakimomos de sêda e ouro, floridos e reticulados de filetes que simulam agua, com um céu de nuvens mirabolantes, irradiado em alaras que são caudas de aves paradisíacas.

Tem-se impressão, não de leitura, mas de inebriamento por filtro delusorio ou por essencia, como as que se fumam em narghilés ou se aspiram no fumo das caçoulas.

O Loti que todos lamentam haver adormecido, para sempre, entre sêdas e bonzos, armas, instrumentos musicos, tapetes, caixas de xarão, escanhos de bambú e lanternas de papel, na sua residencia

que era um verdadeiro museu asiatico, era o de *Mme. Crysanthéme* e de *Azyadée*, o do *Mariage de Loti* e de *L'exilée*, das *Japonneries d'automne* e de *Fleurs d'ennui*.

Eu, o Loti que amava, era o de *Pécheur d'Islande*, o Loti melancolico, poeta sentimental d'essa salitrada Bretanha mystica, envolta em nevoas e em lendas, com a sua costa aspera de onde, descendo em procissão por entre os cruzeiros das dunas, partem levas e levas de homens para as pescarias lugubres nos mares do Norte.

O Loti, cuja morte lastimo, é o que nos deu esse pallido poema de nostalgia, marulhoso da quebrança das vagas e entercortado de canticos devotos em vozes presagas de mulheres e de crianças, poema de audacia e de tristeza, de heroismo, de resignação e de Crença, no qual, a todo o instante, como que sentimos passar, em vôo surdo, a Morte, atravez do nevoeiro da saudade que forma o ambiente desse formoso livro, cuja leitura nos deixa nalma uma impressão de deserto e silencio, de temeridade e Fé.

Do Loti do *Pécheur d'Islande*, um dos maiores romances do nosso tempo, do qual sahirá o motivo para o monumento que a França ha de, por certo, erigir á memoria do marinheiro poeta, desse é que

tenho saudade por que foi elle que, naquellas paginas de bruma, me fez sonhar, levando-me arrebatado, na seducção do seu estylo, desde as rochas de Paimpol até o frio mar de Islandia.

14 de Junho.

Excelsa aventura

Cesse tudo que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta.
CAMÕES.

Está prestes a cumprir-se, em toda a sua magnificencia, a prophecia altiloqua do Poeta.

O ousio de Portugal, não contente de se haver manifestado em terra e mar, rompendo em surtidas de hostes e em abaladas de frotas atrevidas, aspira á grandeza maior da ascensão.

Tendo, em arrojado impeto, respirado na Altura, quer agora vingá-la em vôo largo, para realisar no céu o vaticinio do épico que, empregando o verbo «alevantar-se», annunciava o vôo em que se havia de alar a amada Patria.

De olhos elevados projecta Portugal o cingulo maravilhoso com que traçará, em volta da terra, a ponta d'azas, um novo equador de heroismo.

A viagem de circumnavegação do globo, imagi-

nada pelos aérides que se arrojaram ao espaço desde o Tejo até as verdes aguas da nossa Guanabara, será um dos feitos maiores de todos os tempos e roteará na Altura caminho ás expedições do Futuro.

Repete-se agora a scena de que foi protagonista Colombo quando andou a offerecer aos reis o sonho do Novo Mundo.

Escusou-se o monarcha de Portugal e o genovês levou á Hespanha a proposta julgada cerebrina. Aceitaram-na os reis catholicos e Isabel, empenhando as joias do seu escrinio, entregou todo o producto ao sonhador e, desde logo, aforçuradamente, começaram os trabalhos nos estaleiros.

Apparelhou-se a frota, engajou-se a companha, sortiram-se os paióes e, abrindo velas, largaram os navios de Palos, á aventura.

Longos e desnorteados dias teve o marujo audaz, murmurações de pusillanimes, protestos de desanimados, ameaças de rebeldes até que, vencendo a todos e guiando temerariamente a prôa ao rumo imaginado, uma tarde, já com as estrellas accesas, avistou ao rez das aguas a fogueira de Guanahany.

Era a America.

E, com um mundo, tornou Colombo á Hespanha para resgatar as joias da rainha.

Agora é Portugal que se dirige ao Brasil para pedir-lhe a contribuição do seu amor, a prova da solidariedade de sua alma para a aventura em que vai entrar.

E haverá quem negue auxilio a tão formoso emprehendimento, que será de gloria para a Raça?

Os que nelle se vão arriscar levarão comsigo, além da lingua, que é tambem nossa e que ficará gravada, como em philacteria, no cinto em que os aérides vão, triumphalmente, envolver o planeta, a nossa bandeira, ao lado da de Portugal e assim serão ellas as rémiges das azas que vão voar em volta do mundo.

Que as duas Nações se alliem na Altura, formando as azas da ave de maior envergadura e força dentre quantas vingam distancias e sobem em ascensão ao infinito. Unam-se no Céu como estão unidas na terra; entrem juntas no Futuro, levadas na mesma gloria, como vieram juntas do Passado, trazidas na mesma Historia; celebrem in Excelsis o feito sobrehumano na lingua que ambas falam e que foi a primeira que soou no Elyseo na voz de Santos Dumont, e que está destinada a ficar, em rastro sonóro e luminoso, ao longo do Equador, no hymno que hão de entoar os vencedores da grande prova.

21 de Junho.

Vanitas

Se as dolorosas, impressionantes paginas de miseria que tem publicado este jornal se referissem a victimas de outros paizes já, de certo, se teriam convocado os corações piedosos em cruzada de amor para promover festas de caridade, correr listas de subscripções, sahir em bandos precatorios, acudir com esmolas de pão e vestidos aos necessitados.

Trata-se, porém, de gente nossa, gente que vive sem lar ou ahi por esses morros, arranchada em cadozes e locas de taboas cobertas de latas, tiritando de frio, sem miga, muitos perecendo á mingua de soccorros. E não ha uma voz que se levante por essa grey de infelizes que, além de todas as desgraças, que os acabrunham, têm a maior de todas pesando-lhes no destino : que é a de haverem nas-

cido nesta terra de tanta misericordia... para os de fóra.

Gemido que se levanta nas steppes russas, clamor de fome e sede alrotado junto das muralhas tartaras chegam-nos pelo telegrapho e a resposta não se faz esperar.

Intercallam-se as danças de collectas; entre a chavena de chá e os *cakes* circula a escarcella; os recitativos languidos interrompem-se para um commiserado appello á generosidade dos presentes; nos intervallos dos actos tinem nas frisas as moedas dos doadores e tudo se faz em beneficio dos que soffrem ahi por esse vasto mundo. Dança-se, conversa-se, declama-se, canta-se, toca-se, representa-se, come-se, bebe-se, tudo por caridade, reduzindo regamboleios e madrigaes, emphases, trillos, accordes, lances dramaticos, sandwiches e champagne ou gazosa a esmolas.

E, assim, o gozo dos afortunados transforma-se em balsamo para os estrangeiros infelizes. Eis, porém, que nos bate o mal em casa. Que excellente opportunidade para um bom movimento altruistico, para um gesto elegante de philantropia! Que melhor poderiam almejar os corações que esperam pretextos para expandir-se em alegrias esmoleres!

Ahi está um mundo de gente em abandono. Ha de tudo, para todas as sensibilidades — desde o in-

fante que deperece á mingua, deitado em trapos, chuchando a mão mirrada com a triste illusão de que mama, até a mulher que se esgota arrevessando os pulmões, a jorros sanguineos das hemoptyses, nas mesmas tinas em que lava da manhan á tarde; desde o ancião, valetudinario, que já se não póde mover de um para outro canto e passa os dias ao sol e as noites num estrame soffrendo as proprias dores e ainda pelas que vê os seus soffrerem, sem que, alquebrado e enfermo, elle que foi um trabalhador heroico, as possa minorar, até a donzella que definha ao ferro ou á machina de costura para ganhar uns miseraveis vintens que mal lhe chegam para o pão e para a botica.

E esses pequenitos que enxameiam as ruas em formigueiro, carreando achegas para as covas miseraveis em que se enfurna a pobreza ahi por esses morros!

Menos felizes do que os animaes das florestas, que moram de graça nos antros, os pobres da cidade pagam as espeluncas em que se enlapam. Essas cavernas têm senhorios e ai! daquelle que, no fim do mez, por molestia, deixa de attender ao cobrador: é descaridosamente lançado ao tempo com os seus velhos, os seus enfermos, as suas crianças, os trapos e os cacarécos e ainda a policia os chama a contas por não terem domicilio.

Todas essas desgraças, que são muitas, não ha duvida, seriam, de prompto, conjuradas se as victimas não fossem o que são : brasileiras e residentes nesta cidade.

Pedir para os famintos da Mandchuria, para os leprosos da Armenia, para os entanguidos da Criméa ou para os negros do Sudão é elegante. Imaginem, porém, a figura ridicula que faria uma senhorita que se lembrasse de esmolar entre um *fox-trot* e um maxixe, um obulo para os infelizes do morro da Babylonia.

A caridade (como a diplomacia) só se comprehende em... uso externo. É cataplasma para ser vista ao longe e ainda com o nome de quem a applica.

29 de Junho.

O dia da criança

Á hora em que começar a circular esta folha já o sol terá levado o dia para os antipodas e aquelles a quem elle foi consagrado estarão dormindo em berços ou em melhor e mais macio e tépido agasalho, que é o collo das mãis. Assim, posso falar á vontade, sem receio de que algum petiz, contemplado na distribuição de brinquedos que, certamente, não chegou aos pobresinhos que, por falta de sapatos, não puderam comparecer ao appello, rezingue irritadamente contra o reparo que vou fazer.

Que motivos fortes e ponderosos terão influido no animo dos organisadores dos concursos eugenicos para crianças obrigando-os a transferirem do dia de Natal para o de hoje a ephemeride graciosa?

Porque afastar da Creche os pequeninos que

formavam aureola ao Menino Deus? Porque apartar da haste os dois lirios, o Divino e o Humano: a infancia de Deus e a infancia do Homem? Natal foi sempre o dia da criança, não sómente entre nós, mas onde quer que se venere a Fé christan, por se haver nelle realisado, ao som de canticos seraphicos, o mais suave dos milagres do Amor, qual foi o do nascimento do Messias.

Em que dia se sentiu a Terra verdadeiramente a Esposa dos Cantares senão nesse em que deu á luz o Filho de Deus? Que maior gloria podia almejar a peccadora do Paraiso senão a de ser redimida pela Fecundação do Eterno?

Depois de o haver lançado de si no Eden quiz o Senhor chamar á sua misericordia o Homem, e que fez? mandou á terra a sua Essencia para que se encarnasse em um seio de Virgem, impregnando-se de todos os soffrimentos, que são apanagios da progenie do Peccado.

E Deus fez-se Homem, não surgindo, desde logo, em plena virilidade, mas nascendo infante, com todas as fraquezas que tanto fazem tremer o coração das mãis.

Nesse dia supremo para a Humanidade, dia em que o céu se inscreveu com uma das Pessoas da Trindade no rol ephemero dos que morrem, que é que se celebra e festeja tanto na Altura como no

raso : no Céu, por anjos ; na terra por pastores e Reis ? a infancia. Assim, é pela infancia que começa a Redempção. O annuncio da Nova Era foi um vagido. E, desde esse tempo, os anciãos, em memoria do successo inicial do Christianismo, estabeleceram que esse dia fosse dos pequeninos, porque nelle o proprio Deus se fizera pequeno.

Se tal culto nos herdou o Passado, se nos criamos com tão encantadora crença, porque havemos de mudar o que os seculos firmaram e é tradição mantida por todos os christãos ? E ainda não foi o mesmo Jesus quem, mais tarde, já nas vesperas do martyrio, sentado á sombra de um muro, chamou a si as crianças, tomando-as ao collo carinhosamente ?

Se elle assim procedeu, mostrando aos discipulos a sua ternura, por que o havemos de privar de companhia tão do seu agrado ?

Isso de mudanças é vezo nosso, antigo. Não ha muito, a proposito da data do descobrimento do Brasil que, de 22 de abril, foi transferida para 3 de maio, commentei a volubilidade dos nossos proprios historiadores, dizendo :

«Nem sei como ainda se mantem o registo de certos acontecimentos nas suas proprias ephemerides : o 7 de setembro, o 13 de maio, o 15 de novembro, o Natal... É que não occorreu, por emquanto,

a algum páredro a idéa de propor a mudança, justificando a emenda e mandando-a á mesa, com apoio da maioria.

Seriam favas contadas. »

Agora, é o *Dia da criança* que se desloca de dezembro para julho, perdendo o prestigio da presença do divino infante, que ficará sósinho no seu presepe.

Celebrem a panegyria das crianças com tudo que determinar o programma dos puericultores: concursos de robustez, distribuição de premios, roupas e brinquedos, recompensas ás mãis que houverem amamentado os filhos, como fez Nossa Senhora ao Menino Jesus, e tudo caberá lindamente no dia de Natal, sem prejuizo da tradição. Deixemo-nos de tantas mudanças. Conservemos alguma coisa do passado porque o presente só nos tem dado... pannos para mangas e decepções em barda.

4 de Agosto.

Vicio

Aos sem lar e famintos, que, á noite, tiritando de frio e, ás vezes, ardendo em febre nos farrapos encharcados em que se encolhem, vagamundeam fatigadamente pelas ruas procurando abrigo onde repousem e matem a fome, recorrendo ao taleigo em que recolheram restos de comida, que andaram a esmolar de porta em porta — felizes são os que não arrastam comsigo, na mesma miseria, mulher e filhos pequeninos — eu diria, se viessem a mim, palavras de prudente conselho como as que Hesiodo ditou a Persio, seu irmão.

Fazem-nos piedade os miseros que crram por ahi como estonteadas abelhas ás quaes houvessem crestado a colmêa. Entretanto, quizessem elles! e a desgraça se lhes mudaria em ventura.

O que os reduz á penuria em que soffrem é o

vicio em que estão inveterados e que, por mais que por elle penem, não o deixam e até parece que quanto mais padecem, mais se lhe aferram. E que vicio é esse tão pernicioso ? a Cidade.

O que entra na taverna começa por um codorio, repete a dose, insiste até embriagar-se, oscillando aos cambaleios, cahindo, por fim, acarrado. Dorme na immundicie que arrevessa e, na manhan seguinte, amorrinhado, levanta-se ainda témulo, resmungando, d'olhos languidos, com a baba a escorrer-lhe dos cantos da boca flacida e o seu primeiro pensamento vôa-lhe para o balcão.

Lá vai elle aos bordos, cabiscahido e trambolhão e entra na venda.

Se ainda lhe resta cheta, trata immediatamente de matar o bicho : se está na disga, mette-se a um canto, macambusio, olhando enamoradamente pipas, botijas e garrafas, sempre esperançado de que appareça outro *pau d'agua*, companheiro de zangurrianas, que o convide para um gole.

Ao cachaceiro tudo lhe aborrece. Quem bebe dispensa o mais : comida, agasalho, etc., e tanto se lhe dá que o sol queime como que as nuvens se derretam em diluvios.

Doenças ? não nas sente no somno petreo da muafa. Dormir ? que lhe importa seja o leito uma lage ou taboas de enxovia, tudo é o mesmo. Te-

nha elle a taverna aberta para a carraspana, o mais...

O vicio da Cidade é tão funesto ao pobre como o alcool ao borracho! O beberrão não se despega do kiosque e se entra na tasca é um custo para despejá-lo.

Tirar o pobre da Avenida é quasi impossivel. Ali quer elle ficar, embora á chuva e com fome, maltrapilho, descalço, enfermo, esmolando humildemente até que a miseria faça com elle o que faz com o chupista a canna: atirando-o de borco na sargeta, morto.

Entretanto, quizesse esse desvalido que por ahi choramiga, offerecendo-se em espectaculo deprimente aos transeuntes e a vida lhe sorriria, fagueira.

Ha uma porta larga, aberta diante delle, que o porá no caminho da felicidade, e que o poderá levar á riqueza se elle o trilhar com prudencia: é o caminho florido dos campos, rumo á lavoura.

Ahi o espera a terra generosa, esperam-no as arvores com as suas pequeninas mãos verdes a offerecerem flôr e fruto; esperam-no as aguas limpidas das fontes e dos corregos; esperam-no o sol e o ar puro; e a floresta lá está, a dois passos, para ceder-lhe troncos com os quaes esteie uma cabana, espé-

que uma caiçara e ainda falqueje os primeiros moveis para a sua moradia.

O senhorio não o ameaçará com o despejo ou a penhora e, em vez de contas a pagar, o que lhe virá á porta serão as colheitas da roça e, todas as tardes, á hora do recolhimento da criação, mais uma ninhada de pintainhos, ou leitigada rosea accrescentando-lhe os bens. E nunca lhe faltará farinha na arca nem lenha no fogão ; o seu leito será aceiado e cheiroso, as roupas não serão molambos e, cada dia que passe bem aproveitado, deixará um pouco no cofre das economias para sustento e agasalho na hora da velhice.

E cuidando de si cuidará, ao mesmo tempo, da Patria. De mendigo, que é, rebutalho humano, tornar-se-á um ser independente e util, nobilitado pelo trabalho ; e a terra, que é generosa e grata, não lhe negará jámais o seu favor, não em esmolas, mas em messes compensadoras do beneficio que lhe elle houver prestado transformando-lhe os maninhos em alfobres de boa semente.

A Cidade repelle-o, nega-lhe asylo, deixa-o inanido e nú, força-o á vergonha de esmolar, maltrata-o, porque ha de elle insistir em tal apego ? Vicios combatem-se com a vontade. Queira o pobre e será feliz, não aqui, mas onde o chama a fortuna : na lavoura.

Não ha de ser debruçado ao balcão da taverna que o vicioso se regenerará, mas no trabalho ao ar livre, longe das pipas e da garrafeira.

A Avenida é a taverna dos pobres, deixem-na elles e não andarão chorando fome e frio, de mão estendida á caridade publica. Terras não faltam e ricas, pedindo braços que as grangeem. Onde estão elles? andam por ahi á matroca ou estendidos á esmola por miseria, oriunda do vicio da Cidade, em que estão arreigados os que preferem o frio e a fome na Avenida ao conforto e á fartura... em Chanaan.

4 de Agosto.

Registo

Ha semanas que são, para o chronista, verdadeiros desertos, sem oasis onde a penna, ainda a mais afuroadora, encontre assumpto. O remedio, em tal esterilidade, é recorrer o peregrino ás reservas da memoria, que é o farnel com que se viaja, ou ás eternas miragens da fantasia que, como o canto, são meios de estimular o corpo fatigado e de alimentar o espirito com o manná da illusão.

Outras semanas ha tão exuberantes como as florestas grandiosas que frondejam no Ramayana.

Não sei, em verdade, o que é mais difficil: se achar no deserto, se escolher na floresta.

Acho-me embaraçado no segundo caso, que é o da profusão e hesito, attonito, entre motivos varios e todos grandes e dignos de menção. Que fazer? preterir algum? Será injustiça. Occupar-me

Registo

Ha semanas que são, para o chronista, verdadeiros desertos, sem oasis onde a penna, ainda a mais afuroadora, encontre assumpto. O remedio, em tal esterilidade, é recorrer o peregrino ás reservas da memoria, que é o farnel com que se viaja, ou ás eternas miragens da fantasia que, como o canto, são meios de estimular o corpo fatigado e de alimentar o espirito com o manná da illusão.

Outras semanas ha tão exuberantes como as florestas grandiosas que frondejam no Ramayana.

Não sei, em verdade, o que é mais difficil: se achar no deserto, se escolher na floresta.

Acho-me embaraçado no segundo caso, que é o da profusão e hesito, attonito, entre motivos varios e todos grandes e dignos de menção. Que fazer? preterir algum? Será injustiça. Occupar-me

de todos, é impossivel. Farei como os viajantes que, percorrendo terras longas, trazem, de cada qual, uma lembrança pequenina.

Para recordar todo um littoral formoso basta uma concha do tamanho da unha do dedo minimo; uma flor trazida da montanha evoca toda a magnitude alpestre, desde a raiz em que se apoiam cidades, até o viso que topêta com as nuvens.

Assim, neste registo, farei apenas referencias, começando por alludir ao Poeta, cuja gloria é celebrada em todos os rincões do Brasil por haver elle sido a grande Voz da Patria indigena, o cantor das tribus, o verdadeiro precursor da nossa Lyrica e um dos mais eximios cultores do vernaculo, nelle abrindo, com o plectro, largo sulco, onde semeou e fez florir o Verbo trazido da selva americana.

Gloria ao grande caxiense, incontestavelmente, não só o nosso maior lyrico como o mais eloquente e atrevido dos nossos poetas dramaticos que, com a sua formosissima *Leonor de Mendonça*, póde figurar no quadro dos maiores poetas tragicos do mundo.

Gloria tambem ao enxame ousado dos aviadores da Marinha que, ao appello do commandante Protógenes, alçaram vôo das nossas praias ao alvorecer de um dia e, na madrugada seguinte, baixaram das nuvens sobre as verdes aguas do mar

em que se banhou a linda Paraguassú, subindo a encosta graciosa da capital da Bahia para a saudarem na data secular da sua independencia. E, com tal feito, desmentiram elles as palavras de Vieira, pregadas no Maranhão.

Disse o Padre:

«Com os voadores tenho tambem uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos metteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para ellas. Contentai-vos com o mar e com o nadar, e não queirais voar, pois sois peixes.»

Peixes não direi que sejais, voadores equoreos, mas sois do mar, como os peixes, nem por isto temestes arrostar os ventos e affrontar as nuvens e, indo por uns e outros, tão bem andastes nas alturas como vos conduzis nas aguas que dominais com a vossa coragem, tão heroicamente posta á prova nas alturas.

Gloria igualmente a vós, meninos temerarios, escoteiros do Natal, que, em numero de seis, trilhando, em calcurriada afoita, sertões e selvas, areaes e carrascos, praias e taboleiros aridos; galgando montanhas, vencendo cachoeiras, atravessando rios, ora em balsas, que vós mesmos construieis, ora a nado; supportando soalheiras e friagens, padecendo fome e sêde, dormindo ao

desabrigo, com sentinellas álerta, para que vos não colhessem de surpresa feras ou indios; defendendo-vos de cães que, contra vós, açulavam gentes ignaras, viestes, com a bandeira desfraldada, desde o Rio Grande do Norte até nós e ainda vos dirigis a S. Paulo, no mesmo passo em que chegastes, dando uma vibrante demonstração da energia da nossa raça.

Gloria a todos, aos que, ainda da morte, honram a Patria e aos vivos que a engrandecem.

9 de Agosto.

Ecce homo!

Conversando com os destemerosos escoteiros que, trabalhosamente, realisaram o *raid* do Rio Grande do Norte a esta capital, não me surprehendeu o que me elles disseram da natureza, nos seus variados aspectos, ora formosa e rica, com a opulencia magestosa das florestas, a copiosidade das aguas, a extensão das campinas risonhas, mosqueadas de palmares; ora esteril, nua, arenosa, ardendo, como rescaldo, ao sol, vincada de sulcos que são vestigios de torrentes, como *ipuêras* de lôdo á beira das quaes, de manhan e á tarde, reunem-se os animaes sedentos que vivem entre cardos e dunas nas exsicadas *caatingas*.

Conheço, de os haver percorrido, todos esses tratos do nosso territorio. Felizmente, porém, talvez porque me não haja internado tanto quanto se

aprofundaram os meus jovens e temerarios patricios, não registei no meu caderno de viagem notas que se comparem ás que li no livro de rumo que elles escreveram ou ás revelações que me fizeram. Um delles disse-me verdadeiramente compungido:

— Curtimos fome e sêde, dormimos ao relento; caminhámos dias e dias sem avistar um rancho. Fomos rondados á noite por selvagens e feras. Tudo isso, porém, era natural na braveza que devassavamos. O que nos doeu foi, por exemplo, o acto de um intendente municipal que contra nós açulou a sua cainçalha expulsando-nos, como bandidos, dos limites do seu municipio. Nem valeu a bandeira que traziamos desfraldada.

Em certos lugares o povo corria a vêr-nos e se uns nos recebiam de boa sombra, com agasalho, outros olhavam-nos carrancudos. E eram gritos de mãis afflictas, que chamavam os filhos, escondendo-os de nós para que os não recrutassemos.

Houve quem nos tomasse por peregrinos, em romaria devota, inclinando-se diante do pavilhão nacional que se lhes afigurava ser a bandeira do Divino Espirito Santo. De tudo, porém, o que mais nos entristeceu o coração foi o que se deu com um guarda-linha.

Caminhavamos margeando o leito da estrada de ferro. Vinhamos contentes, gozando a fresca

da manhan, cuja brisa fazia espadanar a bandeira, que o guia levava á frente, quando do matto rompeu um homem, bradando, a ameaçar-nos com um pau. Esperamo-lo a pé firme. E o matuto, affrontando-nos atrevidamente, intimou-nos:

— Enrola isso! Móde vancês tão querendo fazê pará o trem? Vancês tão caçuando co' serviço ou é mardade qui querem fazê? Enrola isso!

Procurámos explicar ao homem o que eramos e a missão em que andavamos.

— Quá, nada! Bandeira verde é signá. Machinista vê isso e pára logo o trem. Enrola!

— Mas isto é a bandeira nacional, a bandeira do Brasil, o pavilhão da Patria.

O homem esbogalhou os olhos mirando pasmadamente o symbolo, tirou o catimbau da cintura, atulhou-o de fumo e, depois de accendê-lo, disse com simplicidade:

— Já uvi falá nisso. Mas óie vamcê, pulu sim e pulu não, o mió é enrolá ella. O trem vem ahi tocado, o machinista vê a bandeira, pára, faz um berrêro damnado e quem pága tudo sou eu. Vamcê diz qu'isso é a Patria... Pois sim! Mas se a cumpanhia mi botá na rua a Patria não mi dá di cumê nem di vistí. Mió é vamcê enrolá mêmo. Dipois do trem passá, (farta um tiquinho só, cum pouco elle tá apitando), vamcê póde desenrolá qui não ha

perigo. Vamcê sabe, a genti tem obrigação di vigiá e eu tou vigiando.

Esse vigia, que tão tristemente impressionou o joven escoteiro, é mais que um typo — é um symbolo. Esse é o «homem» do nosso interior, o ignorante que não tem a mais ligeira noção do que seja a terra em que nasceu, que della sabe apenas o que ouve dizer na feira, em roda de sertanejos. Esse é o misero coitado que planta uma roça escassa para manter-se e á familia, que definha asezoado ou impa, atupido de vermes e, a tiritar de febre, calcurria as estradas carregando pedras, nas tristes «*desobrigas*» prégadas pelos missionarios, que o trazem preso ao fanatismo, intimidando-o com o inferno, o demonio e tudo mais que lhe pregam do pulpito ou para obedecer ao mandão politico que lhe dá um papelucho para que vóte nas eleições.

Ecce homo! Esse é bem o homem do nosso interior, symbolisado no zeloso vigia que manda enrolar a bandeira nacional para que o trem não pare. Grande homem, não ha duvida!

23 de Agosto.

Perversidade

Comparando a alegre chilreada de hoje com o silencio melancolico de outrora, occorre-me á lembrança a observação feita por Giovanni Emmanuel a proposito da mudez das nossas mattas.

Acompanháramos o grande tragico á Tijuca e levavamo-lo aos pontos mais pittorescas da montanha, quando, no Excelsior, depois do extase em que ficou contemplando a cidade, o mar brilhante, o ceruleo das serras longinquas, elle voltou-se para nós exclamando:

— O que estranho é que não haja nesta maravilha vozes. Onde estão os passaros?

Tinha razão o extraordinario interprete de Shakespeare e qualquer dos que ali estavam poderia responder-lhe:

— Os passaros não se atrevem a apparecer por-

que sabem que aqui os espera o homem com a morte. São os caçadores que, aos domingos, com um farnel e espingarda, batem todos os recantos da floresta; são os garotos que procuram ninhos nos ramos, visam aves a bodoque, armam alçapões e arapucas, perseguem inexoravelmente os passaros, não porque os aproveitem, senão pelo prazer de os matar.

Niniguem, entretanto, ousou dizer a verdade triste ao hospede curioso.

Hoje, não é necessario abalsar-se a gente para ouvir gorgeios, porque a cidade, com a arborisação que a alinda e ensombra, resôa cantares d'aves desde a madrugada até o cahir da noite.

A começar pelos pardaes, que se multiplicam e, como se ouve, por exemplo, nas arvores do Largo da Carioca, onde pousam aos milhares, enchem os ares de estridulos chilidos, até o bentevi que faz, entre nós, as vezes da cotovia matinal, saudando a aurora com os seus gritos, em toda a parte ha cantos e a cidade já se não apresenta ao estrangeiro como uma terra de silencio, de arvores despovoadas.

Parecia que o coração do fluminense, tocado de ternura, se deixara commover pelos pios das aves orfanadas, pelos atitos dos pais que, sentindo subir pelos ramos o perverso desninhador, sahiam

ao beiral dos ninhos, investindo com elles em defesa dos implumes.

E os passaros, tranquillisados, vieram dos bosques conviver comnosco.

Eis, porém, que recomeça a matança e o povo alado pensará, certamente, que as treguas que lhe deram não foram senão traça perfidiosa para que elle, confiando nos homens, deixasse os seus refugios seguros no coração da selva, vindo tecer ninhos e procrear em plena cidade.

Recomeçou a selvageria e com mais furia do que dantes.

É a garotada a marinhar pelos troncos das arvores urbanas, para pendurar gaiolas e alçapões ou colher ás mãos ninhos que aviste ; são vadios apedrejando franças, desfolhando o arvoredo, ás vezes por um ninho abandonado e não é raro vêr-se pelos passeios o resultado de taes investidas : passaros mortos, frutos sonoros das verdes arvores, que a gurysada impiedosa aproveita como « bola » para *foot ball*. E andam aos pontapés de sordidas matúlas cadaveres de rolas, de sabiás, de pardaes, tico-ticos e bentevis. Como divertimento chega a ser estupido.

O que, porém, me causou espanto e, devo confessar, não creio seja verdade, foi o que, ha dias, me affirmaram « que muitos dos passaros que ap-

parecem mortos são victimas de atiradores que os tomam como alvos, visando-os no ar quando, em vôo alegre e descuidado, passam de uma a outra arvore».

Não, não creio. Quando aqui se falou em permittir o «*Tiro aos pombos*» tantos foram os protestos que os iniciadores da tentativa desistiram de trabalhar por ella. Como é possivel que agora, justamente os mais responsaveis pela educação da criança, os que se incumbem de lhe incutir no coração novo os nobres sentimentos — com a coragem a generosidade, com a altivez a nobreza, estejam a dar exemplos de maldade, matando, por esporte, animaes inoffensivos, que são alegria e enfeite da cidade?

É verdade, devo confessá-lo, que o corpo do passaro que me trouxeram estava estraçalhado. Pedra não faria tanto. Mas teria partido de revolver, pistola ou carabina de algum atirador a bala esphacelladora? Duvido!

Conheço-os a todos, sei como são generosos e não acredito que algum, por vaidade de bôa mira, esteja a destruir um novo dote da nossa natureza pródiga, dando ás crianças lições de perversidade.

30 de Agosto.

Christo Redemptor

As ondas da terra são mais alterosas do que as do mar. Umas são móveis, inquietas; outras são fixas, serenas; umas rebentam em espumas; outras desabrocham em flores.

Vagas, são as que se empolam no oceano; montanhas, as que avultam em terra.

Para conservar, em monumentos eternos, memoria do que foi o diluvio, petrificou o Senhor em serras e cordilheiras os vagalhões formidaveis que subverteram o mundo e elles ahi estão eminentes.

Ainda em alguns dos de mais alto viso, quem os galga até a cumiada, encontra cascalho, restos de conchas e algas fosseis denunciando-lhes a origem oquorea.

Violencias da colera celeste tornaram-se, entre-

tanto, taes altitudes lugares por excellencia de adoração.

As religiões, como as aguas, descem das montanhas. Esses seios immensos que se amojam em fontes, assim como saciam a sede do corpo, dessedentam a alma dando a agua que refresca e mantendo a Fé que consola.

Todas as crenças exigiram templos nas alturas como para os aproximar do céu.

Sem nos embrenharmos no paganismo, ficando no acampamento do povo eleito de Deus e acompanhando-o no culto, sempre o havemos de achar avisinhado dos *bamoth*, ou lugares altos. Assim no Sinai, assim no Horeb, assim no monte Nebo, de cujo cimo Moysés moribundo alonga a vista para as veigas uberrimas da terra de Chanaan.

De onde é Elias arrebatado em um carro de fogo senão do cimo de um monte?

Com a vinda do Messias ainda mais se tornaram os montes preferidos do Céu.

Foi em uma caverna montesina, em Bethleem, que se agasalhou a Sagrada Familia para que, em cumprimento das prophecias, se realisasse o amoravel e piedoso mysterio da Encarnação. E, durante todo o transito de Jesus na terra sempre as altitudes foram por Elle procuradas para assignalarem os passos mais significativos da sua missão divina.

Bethania, a collina florida, onde residia Lazaro com as duas irmans, foi a altar de amor. Um monte foi o pulpito de onde Elle prégou ás gentes o sermão, que é a summa da sua doutrina. Foi no monte das Oliveiras que Elle provou o calice da Amargura e recebeu o beijo da traição; no Calvario foi crucificado, no Thabor transfigurou-se e da mesma collina dé Bethania, onde amara, ascendeu ao céu.

Assim, os verdadeiros altares do Christianismo foram as montanhas, nellas mostrou o divino Emissario que devia ser adorado o Creador.

O Espirito religioso da Cidade, que, pelo cinto de montanhas que a encerra, é como uma basilica natural, com os seus nichos e altares, que são as grutas e os socalcos atoalhados d'aguas, rendados de espumas, illuminados por ciriaes de ouro, que são os raios de sol e floridos pelas proprias arvores, vai erigir em um dos seus ápices a imagem de Christo Redemptor, que será um pharol, não sómente para os que singram o mar, mas para quantos se debatem na vida, que é oceano sempre procelloso e mais salteado de abrolhos do que o das verdes aguas.

Os corações afflictos terão sempre na montanha o lenitivo do Consolador e a Cidade, com a presença de Jesus na altura, tornar-se-á um templo, com o mais suave dos eponymos a velar por ella.

Abram-se generosamente os corações para que a obra formosa cresça e se torne uma benção perenne.

Que a montanha se transforme em altar, supedaneo da Crença e assim, tenhamos sempre á vista o que jámais nos deve sahir do coração — a Fé, para que na terra, entre amarguras e dôres, achemos o balsamo prompto, bastando apenas elevar os olhos para o alto e buscá-lo no cimo da montanha, que se tornará como a séde da Embaixada do Céu, com o suave Jesus como representante de Deus.

6 de Setembro.

Um annuncio

O jornal é o espelho da cidade, cuja vida nelle se reflecte, desde a que se agita no littoral e no centro mais activo, onde, em minutos, maravilhosamente, accumulam-se e desmoronam-se fortunas até a dos campos pacifica, sem ambições, contentada alegremente com a florecencia das arvores, a medrança dos rebanhos e a saude nos lares.

E mais ainda: como acontecia com o famoso espelho que Hercules, por gratidão á gente de Brigantium, poz no alto de uma torre para que nelle apparecesse a imagem dos ausentes, consolando-se, com tal visão, a saudade dos que nelles pensavam, tambem no jornal se projectam os telegrammas, incidem as correspondencias que são reflexos da vida longinqua em todos os cantos do nosso planeta.

Uma vez por outra, para distrahir-me, depois de haver percorrido algumas paginas noticiosas, os quarteirões movimentados do commercio, as casas do Parlamento, parando nas ruas a vêr desastres, incendios, conflictos: aqui, o clamor publico contra um assassino; além, a peregrinação de um gatuno, passo á elegancia e informo-me das festas, das representações theatraes, das exposições de arte, das modas que surgem e, descendo na columna, como se fôra uma avenida, vejo passar um enterro com acompanhamento numeroso ou leio a lista de nomes, como se visse a multidão dos que foram ou mandaram representantes a uma missa de setimo dia. Prosigo.

Eis-me em immensa feira.

Que rumor de pregões! Que alarido! Quanta melancolia na enumeração de riquezas accumuladas! São as paginas dos leilões, a dispersão de reliquias: casas, mobiliarios, joias tradicionaes que se vão ao bater do martello indifferente do leiloeiro. Desço com os olhos e eis-me no porto apinhado de navios que fumegam, despejando ou recebendo passageiros e cargas, uns de rumo ao sul, outros proejando á Europa com esperanças e ideaes ou desillusões em transito.

Chego, por fim, á parte tumultuosa dos annuncios. É uma pequena Babylonia onde soam milha-

res de vozes, cada qual a apregoar um negocio, a propor uma transacção, a offerecer uma competencia, a dispor de cabedaes para emprestimos, a inculcar serviços, a offerecer-se para desvendar o futuro, para contrariar má sina ou simplesmente a pedir protecção, no valor de tantos mil réis, para um corpo juvenil que, na maioria das vezes, é uma carcassa enrugada em perigalhos e gelhas, que deu tudo que tinha á Venus Porne.

Mas diverte, não ha duvida. A variedade é das mais bizarras, como nos mercados do Oriente: deixa-se o offerecimento de um alfarrabista, que exhibe um exemplar de obra rara e dá-se de frente com uma viuva que implora esmola em nome de Jesus e logo em baixo um «capitalista» que póde dispôr até mil contos para empregar em hypothecas. E outro que, muito em reserva, mediante a remessa de uns tantos sellos, dará uma receita infallivel na cura do mal que levou o velho Fausto a assignar com sangue o pacto com Mephistopheles.

Por fim, depois de muito andar, chega-se ao bairro alegre onde se exhibem os cartazes dos espectaculos. É o fim da cidade, onde se vive á noite, entre luzes e champagne, no ruido venusto das bambochatas.

Hoje, porém, no borborinho dos pregões, um delles, por mais ruidoso, lançado em negros cara-

cteres que se destacavam na miuçalha do corpo oito, chamou a minha attenção. Que seria ?

Empurrando reclamistas de automoveis, bufarinheiros de bugigangas, cartomantes e vendedores a prestações, somnambulos e onzeneiros, viuvas desamparadas e revendões de moveis, adélos e possuidores de segredos mysteriosos, cheguei ao tal pregão vociferador. Que dizia elle ? Annunciava a venda das propriedades de Madame Sarah Bernhardt : *Belle-ile en mer*, com tudo que nellas se contém. Cahiu-me a alma aos pés.

Pois será possivel que os americanos, que tudo compram, deixem passar a mãos alheias o *Manoir de Penhoet*, o *Fortin des Poulains* e as demais propriedades daquella que, em vida, deslumbrou o mundo com o seu genio e o encantou com o timbre da sua voz de ouro ? Se tal pregão chegou até nós foi porque não achou lance na terra aurea de Tio Sam.

E deixem lá : com a mania esmurraçadora, que agora grassa na America, o dinheiro deve andar curto para outros empregos além do *rink* e, em materia de gosto, o *yankee* não discute : entre primores de arte e um murro de Dempsey . . . tudo pelo murro.

Quanto a nós . . . não creio que o pregão ache resposta *et por cause* . . .

20 de Setembro.

Uma artista

O estylo é a definição do artista, reflexo da sua personalidade na composição, qualquer que ella seja, como o sopro divino o foi de Deus na creação do homem.

Elle é a luz que dá realce á expressão, que dá vida á inercia, que faz da imitação obra original, animando-a como o sol anima a natureza e torna attrahente a propria feialdade.

Não vive a obra d'arte sem essa força latente.

Não é a linguagem estreme, escorreita, não é o desenho rigoroso, não é a harmonia regrada, não é a fórma eurythmica que tornam eternas, como symbolos de Belleza, as creações artisticas, senão o espirito que nellas infunde o genio, essa collaboração mysteriosa do homem com a natureza, da Poesia com a Verdade, da qual Bacon nos deixou

a formula em palavras breves: *homo additus naturæ.*

Um pintor mediocre poderá realisar a cópia fiel de um trecho de paizagem ou compor, meticulosamente, um retrato diante dos quaes, entretanto, nos conservemos frios, insensiveis, observando apenas, sem o enthusiasmo que provoca a vida, e que se traduz na admiração. Um genio dar-nos-á, em rapido esboço, como o relume instantaneo de um relampago nos mostra tudo que o seu fulgor abrange, o aspecto amplo da natureza ou a figura em apparição, não só o contorno como a essencia mesma, imprimindo em tal desenho o estylo, que tudo aclara e dá transparencia á imagem fazendo com que nella afflua a «alma».

Esse prestigio evocador é que provoca a emoção, estabelecendo a sympathia ou vinculo entre as duas almas — a do artista, atravéz da obra, e a do espectador, pelo olhar.

A photographia não perde um detalhe do que apprehende; a noticia não omitte um episodio no que refere e a photographia ha de ser sempre uma *sombra* projectada pelo objecto ao sol, como a noticia não passará de relato.

Tome o artista do pincel ou da penna o posto da objectiva ou a nota do reporter e logo, dos mesmos elementos que serviram á machina para fixar

a immobilidade, ao annotador para documentar um facto, surgirão obras de vida e de belleza.

Taes considerações suggeriu-me a exposição que faz, no Palace-Hotel, a primorosa artista que é a Senhorita Sylvia Meyer, nome que já estaria collocado entre os primeiros na lista dos nossos pintores, se a timidez da sua possuidora o não trouxesse tão recondito em modestia.

Os retratos a *pastel* que formam a pequena exposição que, em outro «meio», que mais se interessasse pelos valores intellectuaes, teria constituido a nota da semana, são todos de tal superioridade e excellencia de factura, quer como traço, no que diz com a apparencia, quer como expressão subjectiva, que não ha escolher entre elles: destacam-se pelo que representam e não pelo que valem, por serem todos do mesmo valor.

Cada qual é uma individualidade propria, um «ser» esthetico, digamos assim, reflectido no cartão a côres suaves com os tons macios da carne, o relevo ondulante das fórmas, a malleabilidade ductil e transparente dos tecidos.

Não ha apenas, em taes retratos, a semelhança ou aspecto externo: ha a luz, vida que vem á tona dos olhos e brilha, brinca nos labios em sorriso prestes a fazer-se som, desabrochando em palavras.

São figuras que se communicam porque ha nel-

las mais alguma coisa do que o retraço do lapis, ha aquillo que o artista tira de si mesmo, do seu ser, quando crêa, para dar vida, belleza, eternidade, emfim, á sua obra: alma.

Estou certo de que aquelle grupo, que se reune no salão do Palace-Hotel, sob o prestigio do nome da Senhorita Sylvia Meyer, viverá na Arte Brasileira como testemunho de uma época da nossa pintura e glorificação do talento de um dos artistas que, com mais engenho, a cultivaram.

13 de Setembro.

Sic transit...

Produziria obra interessante e util quem, á maneira do que fez Nicolas Brazier, autor das «*Chroniques des petits théâtres de Paris*», escrevesse a historia dos theatros desta cidade, que os teve outrora em maior numero do que hoje e alguns melhores do que muitos dos que por ahi pompeam.

Lembro-me de alguns, que ainda alcancei:

O *Provisorio*, casarão pesado, que se levantava no meio do Campo de Santa Anna, nesse tempo alfurja maxima da cidade, logradouro de animaes e cancha de exercicios de capoeiragem. Á noite era verdadeira azambuja, tão perigosa como as gargantas dos Abruzzos ou as veredas da Falperra;

S. Luiz e Gymnasio, na rua do Theatro, irmãos xyphopagos, ligados por uma parede. No primeiro trabalharam Furtado Coelho e a grande Lucinda; no segundo tive eu a fortuna de vêr o Valle, e, mais

tarde, Gemma Cuniberti, a criança prodigiosa, e tambem a de ouvir Mauricio Dangremont, o genial violinista brasileiro ;

O *Alcazar*, na rua da Valla (hoje Uruguayana), o primeiro café-concerto (terror das familias), que houve nesta cidade. A senha de tal theatro encontrada no bolso do collete de um marido era motivo para escandalo doméstico, de consequencias que iriam até o divorcio se tal coisa se conhecesse nesse tempo. Desse theatro ha ainda um remanescente — a velha Suzanna ;

O *Vaudeville*, na rua de S. Jorge, theatrinho elegante, mas collocado em sitio incompativel com o pudor. Desappareceu sem deixar tradição. Tudo que delle sei é que, no seu palco, representavam os socios de um *Club Dramatico dos Cavalleiros da Luva Preta ;*

Phenix Dramatica, na rua da Ajuda, em terreno da antiga Chacara da Floresta.

Esse era o theatro elegante de então. Ali appareceu a opereta em vernaculo, montada luxuosamente pelo caprichoso empresario Jacintho Heller. A orchestra era regida pelo maestro Henrique Alves de Mesquita, musico de talento, que se teria celebrisado como compositor se não se houvesse aparceirado com o bando da gente de Murger. Deixou, todavia, algumas partituras, entre as quaes a

do *Vagabundo*, e grande numero de musicas de dança e de coplas de operetas.

O elenco de tal theatro, que foi elogiado pelo grande Giovanni Emmanuel, quando assistiu, no Lyrico, em espectaculo que lhe foi offerecido, á representação d'*Os sinos de Corneville*, era constituido de elementos superiores, formando um conjunto como nunca mais se conseguiu reunir: Francisco Corrêa Vasques, Guilherme de Aguiar, Pinto, Lisboa, André, Arêas, etc., e no quadro feminino: Rose Villiot, Delmary, Delsol, Rose Meryss, Herminia Adelaide...

Foi nesse theatro que se estreou Pepa Ruiz, apresentando-se em um acto, escripto expressamente para ella por Souza Bastos, intitulado «*Estréa de uma actriz*».

Em tal peça revelou-se, a um tempo, a mulher, que era formosissima, a cantora, de voz pouco extensa, mas muito agradavel e a transformista que devia bater o *record* no *Tim-tim por tim-tim* com os seus dezoito papeis.

O exito que alcançou a artista foi, como hoje se diz, verdadeiramente colossal, não tanto pelo talento dramatico que houvesse revelado nem tão pouco pela possança da voz, mas pela belleza, em pleno viço, e pela graça salerosa com que executava as danças hespanholas.

Quando, em certo momento, ella appareceu de jockey (jaqueto e boné) o resto do corpo, a parte que, em Melusina, era cauda de serpente, em justo *maillot* côr de carne, a platêa delirou e nos camarotes houve muito resmungo de indignação, muito muchocho de escarneo e despeito e os beliscões arrefeceram o enthusiasmo de muitos maridos.

Desde essa noite a Pepa tornou-se o idolo do povo e, assim como Helena accendeu a guerra de Troya, ella, por vezes, poz em polvorosa a cidade, dando trabalho á policia e aos boticarios, porque então ainda não havia a Assistencia.

Foi uma belleza verdadeiramente incendiaria, defendida por estudantes que a proclamavam em tudo superior a Esther de Carvalho, diva da classe caixeiral.

Não sei se algum dos antigos admiradores da archi-graciosa actriz a acompanhou ao cemiterio. É de crer que não: morreu velha, esquecida.

Tivesse ella na morte metade das flores que teve a seus pés em vida e o seu tumulo teria ficado mais alto do que a famosa pyramide de Kephrem. Demorou-se demais para tal apotheose. A Gloria é impaciente, não espera muito e a Pepa, quando succumbiu, já estava morta na memoria do povo. *Sic transi gloria mundi.*

4 de Outubro.

O sonhador

Houvesse solidariedade no Parnaso e o dia de amanhan seriâ celebrado pelos poetas, cultivadores de sonhos.

A aurora, em vez de ser saudada pelas aves, em módulos gorgeios, abrir-se-ia no céu ao som de carmens e de arpejos porque, em verdade, se ha, na Historia, uma data que possa ser tida como ephemeride do Sonho essa é, sem duvida, a de 12 de outubro.

Diz-se que o genovês ousado, que se arrojou aos mares para descobrir um mundo, sahiu em tal expedição com a chave do mysterio que lhe foi dada por Perestrello.

Este caso não está satisfatoriamente liquidado: — uns affirmam-no, outros contestam-no. No que estão de accordo todos quantos estudam a figura

de Colombo, quasi lendaria, é em dá-lo por cerebrino.

Elle era dessa grande familia de acusmatas que, como Joanna D'Arc e outros mysticos, ouvem vozes mysteriosas.

A pastora de Domremy, guardando ovelhas, ouvia vozes celestiaes e foram ellas que a fizeram deixar o saiote pelo brial e o baculo pela lança, abandonando o manso rebanho para assumir o commando dos exercitos.

Colombo, sentado nos rochedos da praia, escutava attentamente, não o marulho das ondas roleiras, mas um appello que vinha de longe, por sobre as aguas, concitando-o á aventura temeraria que lhe valeu a gloria que, ao menos em nome, lhe foi usurpada por Vespucio.

Tal injustiça historica deve servir de consolo a muita gente que vê as suas obras aproveitadas por outrem. Quantos Colombos ha por ahi desconhecidos, em miseria, cujos trabalhos dão lucros a malandrões espertos como Vespucio ? Emfim, já o adagio affirma — « o bocado não é para a boca de quem o faz ».

Deixemos, porém, de parte a questão do nome que, afinal, não empana a gloria do verdadeiro descobridor, pergunto eu e, commigo, pergunta muita gente : Que vozes seriam essas que tanto influiram

no animo de Colombo para que elle se atrevesse a tão temerosa travessia ? Seriam de sereias ? Não, de certo, porque taes criaturas equoreas, quando cantavam no dorso das vagas ou nas cristas das syrtes, não o faziam com boas intenções, tanto que Ulysses, que lhes conhecia a maldade perfidiosa, para lhes não cahir nas insidias, fez-se surdo e tambem poz moucos a todos os companheiros de remo entupindo com cera os ouvidos proprios e os dos que com elle andavam e ainda, para maior segurança, (tal é o prestigio da seducção feminina), mandou que o amarrassem ao mastro com cordas grossas.

Que vozes, pois, seriam as que convenceram o genovês ? as vozes do sonho, esse reclamo que sôa na imaginação, nella excitando o enthusiasmo para os grandes feitos.

Foram taes vozes que arrebataram o predestinado levando-o de côrte em côrte a offerecer a monarchas o « mundo » que elle sentia nalma, que via no horizonte, além dos mares conhecidos, com a formosura da sua natureza maravilhosa, a riqueza do seu solo e o destino que lhe reservava o futuro e que, prosperamente, se vai cumprindo.

Depois de conseguido o que a tantos parecera um desvario de louco, na tornada do marinheiro, muitos dos que o haviam considerado um deliran-

te, quizeram ouvi-lo e interrogá-lo sobre o que encontrara em taes terras e, desde logo começaram os armadores a apparelhar navios e organisaram-se expedições para aproveitamento do que o louco descobrira.

Quantos ha como esse marinheiro audaz, como esse heroe atrevido que tudo sacrificam ao ideal e, na hora em que o conseguem alcançar, dão-se satisfeitos com a victoria, deixando o lucro para os exploradores! São, como lá diz o mestre no apologo admiravel, agulhas que abrem caminho para muita linha e algumas... bem ordinarias.

11 de Outubro.

O bom samaritano

Ao capcioso Doutor da Lei que lançou a Jesus a pergunta: «Quem é o meu proximo», respondeu o Divino Mestre com a suave parabola do Bom samaritano, uma das perolas evangelicas que nos legou S. Lucas:

«Um homem baixava de Jerusalem a Jerichó, e cahiu nas mãos dos ladrões que logo o despojaram do que levava; e depois de o terem maltratado com muitas feridas se retiraram, deixando-o meio morto.

Aconteceu pois que passava pelo mesmo caminho um sacerdote; e quando o viu, passou de largo.

E assim mesmo um levita, chegando perto daquelle lugar, e vendo-o, passou tambem de largo.

Mas um samaritano, que ia seu caminho, che-

gou perto delle, e quando o viu, se moveu á compaixão.

E chegando-se, lhe atou as feridas, lançando nellas azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalgadura, o levou a uma estalagem, e teve cuidado delle.

E ao outro dia, tirou dois denarios, e deu-os ao estalajadeiro, e lhe disse: Tem-me cuidado delle; e quanto gastares de mais, eu t'o satisfarei quando voltar.

Qual destes tres te parece que foi o proximo daquelle que cahiu nas mãos dos ladrões?

Respondeu logo o doutor: Aquelle que usou com o tal de misericordia.

Então lhe disse Jesus: Pois vai, e faze tu o mesmo».

Até aqui o Evangelho. Agora o commento.

Formulando a parabola, quiz o Mestre, com proposito de exemplo, que nella a melhor parte coubesse a um samaritano por ser a gente de tal origem malquista dos judeus, «que com ella se não communicavam», como affirmou ao mesmo Jesus a moça de Sichar.

Porque havia o Missionario de escolher, para espelho da sua moral, um inimigo da Thoura, dos que adoravam Nergal no monte Garizim? Porque, sendo Deus, não via as apparencias, mas aprofun-

dava os olhos no coração e onde achava caridade ahi lançava a sua benção.

Não cobre o céu, com o azul sagrado, a terra toda? Não dá o sol a sua luz celeste a todo o mundo? Ha uma claridade para uma fé, outra para outra? a vida não se distribue na natureza com igualdade, tanto para o christão como para o budhista, para o que ora no fundo do subterraneo, como para o que eleva o coração a Deus diante de um altar de pedras toscas, onde flammeja um fogo propiciatorio? Para os fanaticos Jesus teria andado mais acertadamente se, em vez de enaltecer a virtude do samaritano o fizesse flagellar pelo crime de haver tocado com as suas mãos no corpo de um judeu ferido, lenindo-lhe as dôres e com vinho e azeite de vinhedos e olivaes de terras de idolatria. Que fez Elle em tal passo? ordenou ao Doutor da Lei que imitasse o idolatra, porque nelle achava mais pureza, mais caridade, mais virtude, em summa, do que encontrava no coração do homem que se contentava com o titulo do Sanhedrin, apparentando, pelo habito, ser o que não era.

Estou certo de que se propuzessem a Jesus escolher entre o Doutor e o samaritano amigo para acompanhá-lo, Elle não teria hesitado em preferir o homem da Samaria ao interprete da Lei nas aulas da Synagoga.

A Caridade é Virtude que acompanha os bons e onde quer que ella esteja com ella estará Jesus. Condemnar o que a pratica é contraverter a obra da Regeneração iniciada na terra pelo Redemptor.

Levantou-se, aqui, em tempo, clamorosa celeuma contra um homem, cujo crime consiste em fazer o bem. Ameaçaram-no com a Lei, instauraram-lhe processo, perseguiram-no, calumniaram-no, pouco faltou para que o arrancassem do lar e o trouxessem de rastos pelas ruas como criminoso de infamia e morte.

Que homem era esse? um crente, um christão, um justo, um abnegado, que tudo faz pelo Amor que nos prégou Jesus.

E esse homem, que se chama Ignacio Bittencout — nome constantemente invocado por milhares de soffredores — é intimado a comparecer perante o Tribunal para responder por crimes que, se fossem citados no Codigo Penal, seriam esplendores, como são as estrellas dentro da noite. E são elles: sarar enfermos, valendo-lhes com a medicina, com a dieta e com o desvelo; mitigar desesperos; reconciliar desavindos, restaurando lares destruidos; promover os meios de legitimar ligações; reconduzir transviados; amparar crianças orfans; agasalhar anciãos; prégar o amor do proximo, o respeito e prestigio á Lei, e levantar os corações

combalidos, com a força suprema da Fé. *Ecce homo.*

Eis o homem que se vai enfrentar com os juizes, accusado de attentar contra... que ? Que respondam os que o accusam.

Felizmente o Pretorio agora é outro e os Juizes sabem que os brados dos accusadores vêm de bocas de cofres, porque a Caridade dos justos é como a do bom samaritano que, além de não cobrar o beneficio que faz, ainda paga ao estalajadeiro para que trate bem ao que salvou da morte no caminho e carregou até o pouso onde ficasse em agasalho e assistido com misericordia.

O advogado de tal reu chama-se Jesus. Não creio que os juizes condemnem quem é defendido pela palavra que está no Evangelho e que é, propriamente, o Verbo, por ser de Deus.

18 de Outubro.

Miguel Couto

Não é fabula que apenas corra em raconto, mas verdade que se fará patente a quem a queira verificar o que se diz das casas abandonadas, que se desfazem aos poucos.

É a humidade que se lhes infiltra nas paredes amerujando-as e amollecendo as juntas das pedras e dos tijollos, cobrindo de bolor a madeira, que logo apodrece, corroendo com o mugre o ferro, que se esfolia em escaras e reduz-se a poeira, abrindo frinchas por onde o vento penetra e, deslocado um dos blócos da argamassa que os aggrega, outros se vão desarticulando e o que, pouco antes, era talisca ou fenda esguia, é já escancarada brecha e, em breve, todo o edificio desmantellado começa a esboroar-se e tomba.

E porque resiste o predio habitado, se o uso,

em vez de o conservar, devera precipitar-lhe a ruina? Resiste porque quanto mais o morador se agita mais vida infunde ao andito em que se move, attendendo a tudo que nelle possa ser principio de destruição e animando-o com a propria actividade.

Mal acorda, abre-o todo ao sol, cerra-o á noite e aos temporaes, se o assaltam; se descobre um veio mádido incontinenti trata de enxugá-lo; eiva que encontre corrige; falha que se lhe depare, é logo recomposta e, assim, com vigilancia activa e cuidados opportunos, vai-se o predio mantendo e sempre formoso e solido.

Uma cabana de pobre escrupuloso resistirá mais tempo do que um palacio, cujo dono o descure, deixando-o aberto á intemperie.

O corpo é casa e, se não ha nelle cuidado de conservação, energia, coragem e fé, tres forças que se resumem em uma potencia — animo, vai-se depressa e se tal animo, ainda que exista, esmorece acabrunhado, como morador que, por desidia ou fraqueza, se deixa ficar deitado, indifferente aos estragos que lhe vão, aos poucos, destruindo o lar, mais dia, menos dia, succumbirá sob os escombros do seu proprio agasalho.

O que importa na casa é o habitante solicito e zeloso, como o que garante o corpo é o espirito sempre álerta.

Não é com rebocos ou remendos de adobe e fasquias que se dá segurança ao edificio, mas com a manutenção de todas as suas pedras e a conservação de todas as suas vigas.

Onde não ha cuidado o tempo e os gusanos fazem o seu officio. Onde não ha reacção de energia as enfermidades e todos os males entram como as hervas damninhas e os insectos venenosos nas taperas.

A medicina do corpo (e já assim entendiam os asclepiades, que nos herdaram a arte magica de curar, transposta á Sciencia) deve começar pelo levantamento dalma, o que só se consegue com a suggestão, e os milagres não se explicam senão por influencia de tal prestigio.

Se assim é, como penso, esse homem, do qual hoje a Cidade commemora, em festa, o jubileu scientifico, o Dr. Miguel Couto, é, verdadeiramente, um thaumaturgo.

O que elle vale como sabio apregoam-no, em louvores, as vozes dos seus pares e hontem soou em côro na sodalicio dos seus alumnos. O genio teve a merecida apotheose com as laureas e os hymnos, cabe-me a vez de falar e falarei, como se tivesse mandato da Pobreza, do coração do santo.

Quem vê esse homem, culminando no ácume da gloria, mestre consagrado pelos que, com elle,

cultivam a flora benefica de Hygia, pensará, de certo, como aquella mãi que, solicitada pelo filho enfermo, que desejava a presença de Jesus, que não descerá aos baixos da miseria quem assiste nas alturas. Engano.

Como os rios que, nascendo nos pincaros, rolam precipitadamente e ageis para abeberar as terras rasas e nellas se fazem brandos, fertilisando leiras e dessedentando rusticos e rebanhos, elle baixa a todos os reclamos.

Á maneira dos deuses e da luz, aonde o invocam acode, onde encontra sombra dissipa-a: desce a escaleira do palacio, onde esteve á cabeceira de leito nobre e entra no tugurio abeirando-se do estrame.

Se ao cliente rico, ao qual não falta conforto, fala como amigo, ao pobresinho dirige-se como pai e, quanta vez, na indigencia de um lar, ao retirar-se, como a luz deixa o calor, á receita que faz ajunta o custo do aviamento e ainda sobras que dêm para a dieta.

Quanta vez, na tristeza de uma pobre mãi, que chora, deixa elle ficar uma lagrima do seu coração piedoso, bolsa da caridade!

Quando elle entra no casebre humilde os corações levantam-se: elle é o *Sursum corda!* dos desventurados.

A historia desse homem está toda contida no final do conto, ao qual, acima, me referi, perola evangelica trazida á tona por Eça de Queiroz: *O suave milagre.*

Os appellos dos que soffrem, antes que se reproduzam em echos, são respondidos por elle, com a mesma doçura com que Jesus respondeu á criança que o chamava:

— Aqui estou.

Tornando, porém, ao começo desta benção. Porque inspira tanta fé ás almas esse homem de bondade, que luta com a Morte á beira dos tumulos, como Jacob lutou com o anjo á margem do poço de Bethel? Porque elle, quando se aproxima do enfermo, antes de cuidar do corpo combalido trata de levantar a alma e desperta-a no coração com o carmen da sua palavra meiga. E, assim, animando o morador cahido, faz delle seu auxiliar e, com a esperança que lhe infunde, tira-o do abatimento e eis a alma a acudir ao corpo, eis o morador de pé encorajado, abrindo a casa ao sol, alegremente.

Tal é a medicina que exerce esse homem. E, assim, além da Sciencia da terra tem elle esse prestigio do Céu, a Bondade, que foi a Força de Jesus entre os homens e ainda o acredita como o maior dos medicos, ao qual recorrem os enfermos nas horas de afflicção.

Gloria ao sabio a que hoje todos rendemos justas homenagens, bemdito seja o alumno de Jesus, o piedoso que considera e pratica a sua sciencia como uma obra de misericordia.

25 de Outubro.

Compensações

Rostand tem nas « *Musardises* » uma poesia, das mais bellas do seu estro, intitulada « *La fenêtre ou le bal des atomes* », na qual descreve a evolução dos atomos em um raio de sol.

Quem não terá visto essa farándula minuscula de poeira na faixa de luz ? É um espectaculo deveras interessante, principalmente para espiritos contemplativos e sonhadores, como os dos poetas.

Aquillo a principio entretem como uma ronda púlvera : vaidade do pó levantado, nada mais. Acompanhando-se, porém, attentamente, a dança, apanha-se nella a allegoria subtil que o poeta, com tanto engenho, põe em realce. O que se vê ao sol é uma quantidade minima comparada ao microscomo que evolve ignorado na sombra. Contar-se-iam por myriades os atomos que nos passam desperce-

bidos, não por desvalimento, mas por não haverem tido a fortuna que poz a outros em evidencia.

Ils vont, viennent. Mais d'habitude
On ne peut les apercevoir.
L'air s'emplit de leur multitude:
On les respire sans les voir.

Leur existence qu'on ignore
Ne se revele brusquement
Que lorsqu'un rai de soleil dore
Leur humble poussière, en passant!

Assim como os atomos, quantos genios perecem ignorados em miseria! Quantas bellezas murcham esquecidas ahi por esses bairros pobres! quantos heroes acabam anonymamente, tudo por não haverem encontrado opportunidade de apparecer ou alguem que os trouxesse da obscuridade á luz?

Que seria da Gata Borralheira se a fada não se houvesse resolvido a tirá-la das cinzas do fogão para o esplendor do paço?

Os audazes, á maneira das mariposas, mal avistam a luz correm a exhibir-se nella, com sorte inversa, porém, porque os insectos perecem na aventura e elles della tiram a fortuna. Assim fazem os aulicos, assim fazem os bajuladores e, em tal arte excellem os mediocres, que vivem parasitariamente á custa do sol, que buscam.

Quem póde lá adivinhar grandeza na misanthropia de um Timon ou de um Alceste?

Quem se esconde desapparece. Os que não procuram o raio de sol a tempo ou não se atrevem a nelle entrar, ficam eternamente na sombra e, por mais valor que tenham, ninguem dá por elles.

Ha sorte, estou certo disso. Muitos rondam de perto o raio de sol e quando estão quasi a entrar eis que um sopro os repelle e esse mesmo sopro vai levantar do solo um atomo perdido e fá-lo refulgir em plena claridade.

O campo da gloria e da fortuna é pequeno, e os candidatos são muitos, o resultado é que a maioria não chega jámais ao raio do sol, como diz o poeta:

. . . . . .

Le rayon faufilé dans l'ombre
Dans lequel, seul, on peut les voir,
Est trop étroit pour leur grand nombre
Et beaucoup restent dans le noir.

Dans cette clarté d'auréole
Tous voudraient bien un peu venir.
Hélas! et leur désir s'affole
De n'y pouvoir pas tous tenir;

Ils y voudraient vite leur place,
Car bientôt ils seront défunts...
Mais la gloire, la gloire passe,
Et n'en dore que quelques uns!

A igreja, considerando que muitos homens virtuosos passaram pela vida praticando o bem sem alarde, penitenciando-se em silencio (e não como Simeão, o estylita, que se plantou no alto de uma columna para que todos lhe vissem o corpo seviciado e soubessem que jejuava), adorando a Deus sem ostentação pelo que, ao se passarem desta para melhor vida, mereceram a palma da santidade, apesar de não irem com a chancella beatifica de Roma, resolveu instituir o dia de Todos-os-Santos para que nelle fossem contemplados os desfavorecidos. Quantos serão elles ? Vão lá saber.

O que affirmo é que muitos dos que se inculcam, pelas apparencias, predilectos da Divina Graça, se Deus, que vê no fundo das almas, lhes apparecesse chamando-os a exame, fugiriam espavoridos para esconder as mesmas consciencias no inferno, naturalmente, que é o unico lugar onde Deus não entra.

Fez bem a Igreja em instituir o dia de hoje porque sendo, como é, de Todos-os Santos, nelle, decerto, figurarão os justos que não foram contemplados pelas mercês do Vaticano, distribuidor de graças.

Não foram os ostentosos os que mais fizeram pela doutrina de Christo, mas os mais virtuosos e como a virtude é timida e modesta uitos dos quem devem ser grandes santos Lá em Cima passaram

pela terra ignorados, calando o bem que praticavam e as dôres que soffriam.

Os primeiros discipulos de Jesus eram pobres homens simples e os primeiros actos do Christianismo foram realisados no fundo das catacumbas.

O dia de hoje é o dia da glorificação em massa dos que morreram pela Fé. Foi, talvez, inspiradas em tal orago, que as nações consagraram um dia a o «soldado desconhecido», symbolo dos que succumbiram heroicamente pela Patria.

São compensações da terra aos que não foram canonisados ou não obtiveram medalhas e promoções:

La gloire, la gloire passe
Et n'en dore que quelques uns!

. . . . . .

1 de Novembro.

Um alvitre

Em tempo, como o que corre, de amargura e fome, seria natural que os desfavorecidos da sorte buscassem o Pão de Assucar como recurso contra o travo e a carestia da vida, que está, como vulgarmente se diz, pela hora da morte.

O pão mesquinho, que hoje comemos, não só nos custa o suor do rosto, que é agora copioso, como ainda nos sabe ao tal que o diabo amassou; e o assucar está por tal preço, que, de tão salgado, chegamos, ás vezes, a acreditar que, por engano dos fornecedores, em vez de nos vir de engenhos nos venha de salinas.

Ora em arrocho de crise como a actual, que sóbe á medida que o cambio desce, um Pão de Assucar do tamanho do que ahi temos, partido em pequeninos, daria para a fome de toda a cidade, e

ainda sobraria mendrugo bastante para fartar a população dos suburbios.

O que se está vendo, porém, é que o rochedo de tão doce nome, em vez de dar vida aos que o buscam, serve-lhes de ponte para a morte.

Desde que um engenheiro, naturalmente para tomar a altura do alcantil, precipitou-se-lhe do viso ás profundezas das raizes, a rocha, até então pacata, passou a ser considerada excellente ponto de partida para essa viagem de onde se não volta.

O exemplo do engenheiro começa a dar frutos cadivos. Outro, que se não sentia á vontade na vida, por motivos que não declarou, depois de envenenar-se com varios toxicos litterarios, entre os quaes o *Manfredo*, de Byron, do qual ficou residuo em um bilhete, foi-se, rochedo acima e, lá do alto, contemplando a cidade ingrata, lançou-lhe o anáthema supremo e como o tritão de Bocage:

«Calou-se; e do alto escolho á pressa erguendo
O formidavel corpo, inda mais alto,
E as negras mãos frenetico mordendo,
Por entre as ondas se abysmou de um salto.»

Não garanto que a morte do novo suicida tenha sido assim poetica — não era elle da estatura do gigante equoreo, nem a sua quéda se deu entre ondas, senão no matto, mas a trajectoria foi igual.

Resta saber a causa que moveu o homem a tão desesperada resolução: maus negocios? desillusões politicas? acédia? amores?

Os que se atiravam de Leucade sabia-se que eram apaixonados, tanto que o sitio onde faziam o pulo tragico tornou-se conhecido pelo nome de «Salto dos namorados».

Além de Sapho que, segundo Menandro, foi a primeira que se arrojou de tão alto, quando se convenceu de que as rugas e os perigalhos da velhice faziam com que della fugisse o mancebo Phaon, a historia litteraria cita outra amorosa: Calyce, e a propria Venus que, desesperada com a indifferença de Adonis, decidiu acabar com a vida, valendo-se do conselho de Apollo que lhe inculcou o rochedo como remedio infallivel no mal de amor.

Infelizmente, porém, para a deusa a sua qualidade de immortal não consentiu que se cumprisse o seu desejo e da quéda que deu só ficou memoria escandalosa, para juntar-se a muitos outros escandalos que denegriram a vida da mais formosa e a mais ardente das filhas de Zeus.

O Pão de Assucar foi sempre considerado rochedo de muita compostura, grave, sisudo, mettido comsigo e com a mulher que Deus lhe deu como companheira — a Urca. Jámais constou que aquella pedra rigida se prestasse a contubernios: ali está

no seu posto de vedetta, olhando a barra e o oceano, com aquella aranha a trepar-lhe pelo dorso carreando gente curiosa.

De um dia para outro, só porque um vaidoso da raça de Eróstrato, Omar e quejandos que se pretenderam eternisar na historia por actos inauditos, decidiu atirar-se lá de cima, eis que outro lhe vai na peúgada transformando o rochedo de tão bom nome e que era, até bem pouco tempo, um dos encantos da cidade, em Tarpeia, Apothetas, Leucade ou Calvario, monte de morte, emfim.

Parece que o meio unico de evitar que aquelle lugar de delicias, um dos *belvederi* da cidade, não se mude em palco de tragedias será exigir de quantos viajarem nos carros aereos a exhibição do bilhete de volta. Assim, ao menos, a Companhia não ficará prejudicada em uma passagem.

15 de Novembro.

Velha fabula

Em volta de um fogo tibio de gravetos e versas, que mal aquece, acarra-se, como ovelhas á intemperie, um bando de crianças lividas, quasi nuas (que de pouco lhes servem os molambos que lhes trapejam nos corpos cadavericos) attentas a uma velha que as distrahe com a historia de formosa princesa, noiva de um principe gentil, que vivera annos encantado em cysne, encanto que ella desfizera com as lagrimas dos lindos olhos.

E diz a narradora descrevendo o preparo do opiparo festim das bôdas:

« Eram tantos os cosinheiros cuidando do banquete que a cosinha parecia uma praça em dia de feira . . . »

« Que é feira ? » pergunta um menino de seis

annos, pallido, de labios gretados e resequidos. E a velha procura descrever o que lhe pede a pergunta; e prosegue:

«Para conter os enormes assados...»

«Que é assado?» indaga, com interesse curioso, uma pequenita de cinco annos. E a velha tenta explicar como póde, o que a criança ignora; e continua:

«Frutas, eram tantas que enchiam corbelhas e corbelhas...» Desata todo o bando a rir, naturalmente do que lhe parece exaggero demasiado. E quando a velha diz:

«O leite, isso chegava aos cantaros...» uma menina de dois annos, esqueletica, abrindo desmedidamente os grandes olhos verdes encovados, balbucia:

«Leite...! Que é leite?!»

E a velha difficilmente explica o que a pobresinha nunca vira.

Por fim, chegando á mesa lauta do banquete, diz a velha:

«Em cestas de ouro e prata enormes pães...»

Eis que, de golpe, se levanta, em tumulto, o bando das crianças — umas choram, outras riem, airadas; esta remorde o pulso, aquella chucha esfomeadamente os dedos, todas tiritando, encaradas na velha.

De repente, como impellidas, acorrem a ella bradando: «Pão! Pão!»

E a misera, arrependida de haver despertado o que justamente pretendera adormecer: a fome, não achando outra consolação, diz apenas, com os olhos rasos d'agua, estendendo o braço magro para o campo coberto de neve:

— «Pão! Ai! de vós... O lobo comeu... O lobo comeu...»

E as crianças, transidas de medo, repetem baixinho, entre si:

«O lobo comeu...» E ficam a olhar o céu escuro, sem esperança em Deus, que as nuvens negras escondem para que não lhes veja o soffrimento, nem tão pouco na bondade antiga dos homens, que a guerra transformou em odio nos corações. E o autor anonymo dessa pagina sombria conclue:

«São de tal teor as historias que as velhas contam ás crianças em todas as aldeias da Allemanha, emquanto a Fome, como Lobo, vai abrindo claros no auditorio infantil, porque, todos os dias, são milhares e milhares de pequeninos que ella arrasta para o seu covil, que é o tumulo.»

E nós achamos que os carthagineses eram crueis porque sacrificavam, em holocausto a Moloch, vinte ou trinta crianças.

Guerreem-se os homens em campo, trucidem-se a ferro e fogo, arrasem cidades, talem lavouras, chacinem, devastem, mas não levem tão longe, até os berços, e, ainda além, ao proprio seio maternal, o odio, invadindo, em furia ceva, as fronteiras do Futuro, guardadas por Deus.

O lobo está dominando a nascente e, embora o cordeiro, para não turvar a limpidez da fonte, beba na correnteza baixa, elle accusa-o de atrevimento e chama-o a contas e ainda que o misero allegue que os males e affrontas que lhe são attribuidos não os podia elle haver praticado pela razão forte de que no tempo em que se deram taes successos não ser elle ainda nascido, replica-lhe o lobo:

« Se não foste tu, foram os teus ».

E só por balar e ter lan, como os da sua raça, paga o innocente com a vida o crime dos seus maiores.

Ah! Lafontaine... foi para casos taes que trasladaste a francês a fabula do *Lobo e o cordeiro*, que começa com a verdade que está em acção:

La raison du plus fort est toujours la meilleure.

22 de Novembro.

Natal... ao longe

Por ser noite santa a Morte resolvera não tocar na Vida. Lá ia, de foice ao hombro, trilhando a neve, a caminho do berço de Jesus.

Noite espectral, vestida de branco, como se houvesse sahido do tumulo, envolta em sudario. Os castanheiros desfolhados não eram mais do que esqueletos. Os corregos dormiam um somno de crystal.

Com o soprar do vento o ar enchia-se de frocos, como se os sylphos, que povoam as noites, andassem esparzindo lirios. E a Morte seguia, de foice ao hombro, trilhando a neve, a caminho do berço de Jesus.

Os sons dos sinos balançavam-se como em redouça, ora vibrantes, ora amortecidos. Os uivos dos lobos esfomeados varavam doridamente o pal-

lido silencio. Luz, só um vislumbre coado em fita do vitral da igreja, alongando-se, em estria, sobre a neve entre os miserrimos castanheiros esbulhados.

E a morte passava sem pensar na Vida. Era noite santa, anjos cantavam no céu glorificando Deus e annunciando a paz aos homens e por que havia ella de perturbar com lagrimas a grande Hora harmoniosa? Caminhava.

De repente estacou. É que ouvira uma voz bradar por ella, afflicta. Quem a chamaria no silencio? Recusar-se a attender a tal reclamo seria descaridade. E a morte achegou-se á cabana de onde partira a voz angustiosa, empurrou a porta fragil e, numa sala escura e humida, onde parecia haver mais neve do que ao tempo, tanto regelava, viu, num monte de palha e trapos, uma mulher seminua, com uma criança ao collo.

Pequenino e langue tinha, talvez, o infante, a idade de Jesus: horas apenas.

Porque a chamava a mulher em vozes de tanta agonia? Avistara-a, de certo, no caminho e, receiosa de que ella, sabendo-a possuidora de tal thesouro, viesse roubá-lo, chamara-a para implorar-lhe misericordia. E a Morte, que resolvera não tocar na Vida, chegou-se á misera mulher, inclinou-se sobre ella e disse-lhe:

— Chamaste-me ? Aqui me tens. Que queres ?

— A Morte, foi que eu chamei. A Morte ! bradou a misera.

— Aqui me tens, insistiu. Que queres ?

Soergueu-se a mendiga, encarada no trasgo e, reconhecendo-a, pelo horror do vulto, de prompto, em arranque de desespero, estendeu-lhe os braços em que dormia o filho pequenino e disse, por entre lagrimas a jorros :

— Leva-o ! É melhor que o leves antes que elle acorde para soffrer, como os outros que por ahi rolam, como folhas mortas. Que vale a vida no rigor destes tempos ? É tanta a miseria no mundo que já os peitos das mãis recusam leite aos filhos. Leva-o comtigo ! Está dormindo, não abriu ainda os olhos e não os abrirá jámais e será melhor assim. Para que despertá-lo ? Nem calor eu tenho para aquecê-lo e alimento... O que me havia de vir em leite aos peitos vasa-me em lagrimas dos olhos. Leva-o ! É uma obra de caridade. Será para o pobresinho o melhor presente de Natal.

Pasmada do que ouvia, por ser a primeira mãi que assim lhe falava, tomou a Morte o infante, achegou-o ao peito, abriu a porta da cabana e foi-se.

Um grito longo, de angustia, anavalhou percucientemente o silencio. Mas os sinos vibraram an-

nunciando o Mysterio de amor e os cantos angelicos encheram os ares:

«Gloria a Deus nas alturas, paz aos homens na terra de boa vontade».

25 de Dezembro.

INDICE

	Pag.
Vozes mysteriosas	9
A gruta da imprensa	14
O meu candidato	18
O soldado desconhecido	22
Philologia Manzoniana	26
O theatro no centenario	31
Reliquias no lixo	36
L'ouragan.	41
O Trianon	47
Machado de Assis	51
Figuras antigas	56
O titan.	61
O genio latino	65
Fantasia	70
Canto heroico de fraternidade	74
A lição das tempestades	78
A formosa cruzada	84